

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
INSTITUTO DE ARTES/UNESP

ENCONTROS SENSÍVEIS:

experiências de mediação da obra pública

Estação Sumaré no Metrô de São Paulo

Rita de Cássia Demarchi

Dissertação desenvolvida sob a orientação da Professora Doutora Mirian Celeste Ferreira Dias Martins e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Arte. Área de Concentração: Artes Visuais.

São Paulo
2003

T/UNESP
701.17
D372e

Na arrasadora maioria das vezes, não chegamos a perceber o manancial de poesia que se esconde atrás de um muro de paletós embrutecidos ou de vestidos plissados como armaduras.

Alex Flemming



*Dedico este trabalho a todas as pessoas que
colaboraram para a sua realização,
especialmente à Regina, minha mãe e
à Mirian, que só poderia ser Celeste.*



Agradecimentos

São muitas as pessoas que eu desejo agradecer imensamente. Entre elas estão os professores que me possibilitaram a construção de “saberes sensíveis”, desde os tempos da graduação, especialmente os queridos Professores Doutores: João Cardoso Palma Filho, Alberto T. Ikeda, Vilmo Guimarães Melo, José de Arruda Penteado, Norberto Stori, Omar Khouri, Claudete Ribeiro e Mirian Celeste Ferreira Dias Martins.

Ainda no ambiente do Instituto de Artes, agradeço aos funcionários da graduação e da pós, que sempre me atenderam com presteza e dedicação, indo muito além do mero cumprimento de seus deveres: Lourdes, Altemar, Carlos, Clarice, Olga, Sebastião, Rosângela, Lourdinha.

Agradeço aos alunos da pós-graduação, que cursaram comigo as disciplinas *Psicologia e Arte*, com a Profª Claudete e *Mediação Arte/Público*, com a Profª Mirian Celeste. Obrigada a todos pela comunhão de dúvidas, saberes e descobertas.

Agradeço às queridas “irmãs” Renata, Simone e Jéssica, que compartilharam momentos de alegria e também presenciaram muitos dos meus momentos de angústia, oferecendo conforto e apoio incondicional. Agradeço também à Jéssica pela revisão trabalho e ao amigo Raniere pela ajuda na transcrição das entrevistas.

À Fernanda Ronca, que terapeuticamente soube discutir minhas inquietações “fenomenológicas”.

Aos entrevistados transeuntes e convidados, por se tornarem meus “companheiros de jogo”, com sensibilidade e poesia.

A Alex Flemming, pela generosidade da *Estação Sumaré* e pelo nosso encontro.

A Ester Zwebil, coordenadora da Escola Gani/Lubavitch e a Vitória Augusta dos Anjos, diretora da EMEF Paraisópolis; que compreenderam meu cansaço, as falhas e as faltas na época da escrita do trabalho de Qualificação e do trabalho final. Obrigada também por dividirmos inquietações educacionais, que de maneira ampla, são inquietações sobre a vida.

Agradeço aos meus alunos a motivação para a busca de soluções possíveis nos diferentes contextos. Espero que, de alguma maneira, a concretização deste trabalho venha a compensá-los pelas minhas faltas.



Agradeço também aos colegas de trabalho da EMEF Paraisópolis, especialmente à Sonia, Alexis, Rosana, Ana Lúcia, Elza, Viviane e Maria José.

Agradeço a meus pais Regina e Benedito, e ao meu irmão Fernando, pelo amor e carinho, por estarem sempre com o coração por perto. Agradeço aos meus irmãos/companheiros Kiko e Eduardo pela força e pela ajuda em momentos cruciais.

Agradeço de coração a Mirian, criatura celeste, que com ternura e determinação me mostrou caminhos e possibilidades de vida diferentes. Sem ela, este trabalho não seria possível.

E, por fim, agradeço a Deus, que me presenteou com esta experiência, dentro da imensa experiência de *ser no mundo*.



Resumo

O presente trabalho é um estudo qualitativo que envolve reflexões sobre as experiências de mediação realizadas junto à obra de arte pública *Estação Sumaré*, no Metrô de São Paulo, durante o ano de 2002.

Foram gravadas e transcritas 22 entrevistas realizadas junto a pessoas com idade acima dos 18 anos, entre convidados e transeuntes abordados no metrô, obtendo dessa maneira um grupo variado quanto ao nível cultural e social. Os dados obtidos em pesquisa de campo foram relacionados à pesquisa bibliográfica, que abrangeu especialmente as áreas de Ensino de Arte, Filosofia, Psicologia e Estética.

Considerando o trabalho de mediação como uma possibilidade de estabelecer significativos encontros entre o fruidor, o mediador e a obra de arte e seus diferentes âmbitos, a investigação focou as possibilidades de construção desses vínculos, no contexto da metrópole. Para tanto, foi utilizado, dentro do enfoque fenomenológico, autores que valorizam a sensibilidade e o senso comum, unindo-os à objetividade.

Por fim, salienta-se que o entrelaçamento entre o objeto de pesquisa e o pesquisador impregnou a pesquisa de subjetividade, fazendo uso de uma linguagem simples, por vezes poética, na busca de compartilhar o processo e a experiência vivida.



Sumário

O DESTINO DESTE TREM - Introdução.....	08
I - EM BUSCA DO SABER, VIVER E OLHAR SENSÍVEIS.....	12
Síntese sensível.....	14
Triunfo e queda da razão “pura”: a crise do mundo moderno.....	15
Propostas de encontros entre a razão e o sensível.....	19
Olhares sobre a experiência do olhar.....	26
Arte pública na metrópole: Estação Sumaré.....	32
II - A PLATAFORMA – ESTRUTURA DE SUSTENTAÇÃO DA VIAGEM.....	37
Os trilhos indicam o sentido - Metodologia da pesquisa.....	38
A criação de percursos - Metodologia para a mediação.....	39
Os passageiros entrevistados.....	48
Dessa janela não dá para ver tudo... - Limitações da metodologia.....	50
III - VOLTO PARA CASA: DECIFRAR ENCONTROS.....	52
Encontros na experiência de mediação.....	54
Encontro com o artista.....	74
IV - MEMÓRIAS, REFLEXÕES, PLANOS.....	76
Pequenos tesouros entre as lembranças.....	77
Pontos para reflexão.....	80
Onde vai dar a próxima viagem?.....	83
Reencontro com a vida.....	85
Bibliografia.....	89
Anexos.....	93



O DESTINO DESTA TREM - Introdução

Aventurar-se causa ansiedade, mas deixar de arriscar-se é perder a si mesmo... e aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente tomar consciência de si próprio.

Kiekgaard



Na arrasadora maioria das vezes, não chegamos a perceber a riqueza de nuances e formas, a sutileza da luz, a delicadeza das linhas, e o particular equilíbrio fruto do diálogo entre esses e os tantos outros elementos que compõe o quadro do cotidiano. Muitas vezes, nem nos percebemos como integrantes desse quadro, ao caminhar distantes, apressados, ausentes, anestesiados...

Quando estamos apenas de passagem, preocupados com o quê virá depois, não nos permitimos ao encontro sensível com as pequenas coisas, com as pessoas ao nosso lado, conosco mesmos...“Perdemos tanto...” diz o Sr. Eduardo, um dos fruidores entrevistados neste trabalho. “Perdemos tanto...”

Para o encontro com o outro e com a obra de arte, é preciso baixar a guarda, despir a armadura e uma doação generosa, mesmo que por instantes, a uma realidade que simplesmente *é*. E assim, na aventura de *viver no mundo*, nos conhecemos e nos reconhecemos como parte de um todo, ainda que esse todo por vezes nos mostre angustiante e provoque inquietações que assinalam nossa condição humana.

As inquietações aliadas à busca de conhecimento e vivência prática de conceitos teóricos estudados; a necessidade de me conhecer em contato com o outro; o desejo de compreensão, diálogo e troca; a possibilidade de ser mediadora da arte e facilitar uma experiência estética; fizeram com que este trabalho ganhasse corpo e identidade de um estudo qualitativo que não ambiciona generalizações ou grandes inovações, mas valoriza as sutilezas e o processo vivido.

Continuo acreditando que “as coisas acontecem quando têm que acontecer”, fala popular corresponde ao conceito de “sincronicidade” de Jung. Desta maneira, entendo o entrelaçamento entre o objeto de pesquisa e minha vida como um dos pontos significativos vividos neste processo de pesquisar, fundamentado pela Fenomenologia.

Vim a iniciar um estudo mais profundo da Fenomenologia no curso de Pós-graduação com a disciplina “Arte e Psicologia” ministrada pela Profª Drª Claudete Ribeiro. Pensar sobre as diferentes percepções que as pessoas têm diante de um mesmo fenômeno me despertou grande interesse e talvez aí se encontre a origem do processo de mudança do tema anterior de pesquisa.

Essa mudança se daria com a experiência desenvolvida junto à disciplina “Mediação Arte/Público: possibilidades e limites na formação de fruidores dos signos artísticos”, ministrada por minha orientadora.



No decorrer da disciplina o grupo de alunos desenvolveu uma pesquisa conjunta sobre mediação. Escolhi trabalhar sobre a obra *Estação Sumaré* de Alex Flemming e entrevistar uma pessoa convidada e dois transeuntes junto à obra, na estação de metrô.

O trabalho coletivo levantou um material riquíssimo sobre mediação. Concentramos no processo de realização da pesquisa, em compartilhar as experiências e no levantamento de algumas possibilidades no que se refere à análise dos seus dados. Durante o curso não foi possível chegarmos às conclusões finais, mas esses dados e reflexões geraram um texto posterior, organizado pela Prof^a Dr^a Mirian Celeste.

Inspirada por este trabalho, resolvi mudar o tema anterior (um estudo de caso sobre a aula de arte na escola formal) e dar continuidade à viagem iniciada em grupo e suas reflexões, com o aval e incentivo da minha orientadora.

Em um momento de solidão muito grande, vivida no contexto da metrópole, desejei vencer barreiras internas e dialogar sobre Arte com desconhecidos, abordados ao acaso. Também me interessou viver essa experiência junto a alguns conhecidos convidados. E finalmente, busquei o contato com o artista. Ele foi um dos entrevistados diante da sua própria obra.

Vejo a obra *Estação Sumaré* como uma especial facilitadora de encontros entre pessoas. Escolhi dialogar sobre uma obra que fala de pessoas e de sua (nossa) condição humana no emaranhado da multidão.

No decorrer do trabalho, vários aspectos da experiência de mediação foram despertando meu interesse e o desejo de aprofundar as investigações. Todas essas questões estavam de algum modo sustentadas pelo desejo de compreender e refletir sobre os pequenos encontros, sobre os vínculos construídos entre o fruidor, o mediador e a obra.

Depois de muito burilar, cheguei a duas perguntas essenciais que sintetizam as minhas inquietações acerca da experiência vivida:

No contexto da metrópole o mediador pode facilitar encontros significativos entre o fruidor e uma obra de arte pública? De que forma?

Considerando a mediação como diálogo, de que maneira são construídos os vínculos entre o fruidor, o mediador e a obra?



A busca dessas respostas conduziu ao trabalho apresentado aqui. O Cap I - *Em busca do saber, viver e olhar sensíveis*, representa a compreensão e crítica do contexto social da metrópole, ainda sob forte influência dos paradigmas da modernidade. E também apresenta algumas possíveis alternativas para a decorrente falta de sensibilidade.

No capítulo II - *A plataforma - Estrutura de sustentação da viagem* são apresentadas as bases metodológicas que sustentam a pesquisa e suas limitações. Será discutida também a metodologia do trabalho de mediação, além de apresentar a amostra dos participantes.

O Capítulo III - *Volto para casa: decifrar encontros* se refere à análise dos dados obtidos na pesquisa de campo com base na teoria estudada no primeiro capítulo.

No último capítulo, IV - *Memórias, Reflexões, Planos* estão as considerações finais, que abordam questões que se referem aos tempos presente, passado e futuro: minhas reflexões sobre a experiência vivida e o processo de mediação; possibilidades de continuidade da pesquisa e a volta às perguntas iniciais.

Ao final do trabalho foram anexadas uma tabela referente às entrevistas, assim como a transcrição das entrevistas analisadas. A fim de que este não ficasse demasiadamente longo, optei em não anexar todas as entrevistas realizadas, apenas as que foram utilizadas na análise de dados.

No início dos apontamentos uma linguagem simples e coloquial surgia, configurando um texto onde se alternam momentos particulares e de saberes científicos, confidências e reflexões. Isso de certa maneira me preocupou... Deveria eu usar uma linguagem mais "acadêmica" para me organizar e me expor? Deveria adotar uma postura mais "distanciada" do objeto de pesquisa e do leitor deste trabalho?

Encorajada por minha sensível orientadora, a Mirian, assumi a criação de um texto pessoal desejoso de compartilhar meu processo e com quem viesse a ter contato com ele. Espero que esse trabalho ajude a promover um encontro entre seres que buscam seu sentido no sensível.



I – EM BUSCA DO SABER, VIVER E OLHAR SENSÍVEIS

Foi-se o espírito. Agora, estamos aqui com nossas fitas métricas e podemos medir cada enésimo de milímetro da superfície das coisas. Ocorre que elas têm também profundidade, mas as nossas fitas métricas não são capazes de penetrar no seu interior.

Frei Betto

Sim, eu quero saber. Saber para melhor sentir e sentir para melhor saber.

Paul Klee



Esta pesquisa reflete sobre o trabalho de mediação de uma obra pública na cidade de São Paulo. Parece-me impossível ignorar este cenário. Sinto a necessidade de pensar sobre o viver na cidade que escolhi como morada há alguns anos, sobre o meu modo de vida e o modo de vida que afeta as percepções e ações de tantos outros habitantes, influenciados pela metrópole.

Far-se-ia necessário construir um arcabouço teórico a fim de lidar com uma pesquisa científica em Arte, que não lida com dados absolutos, mas com dados trazidos pela experiência sensível de pessoas (inclusive a minha), carregados de afetos e sentimentos.

O entrelaçamento entre o objeto pesquisado e minha vida é evidente, impregnando de subjetividade as reflexões. Como falar do objeto amado extrapolando a pieguice inerente à paixão? Como lidar com a subjetividade, sem deixar perder-me nela? Ou melhor: como me entregar e me encontrar?

Primeiro tive que buscar a compreensão do meu modo de ser e pensar, ainda essencialmente positivistas. Eu, que me considerava tão sensível e faço da arte meu sol e meu pão! É duro, mas tive que admitir...o que mais me atravancava (e ainda atravanca) era a busca inútil e incessante da perfeição e de certezas que aliviassem as dolorosas dúvidas e explicassem os porquês de tudo...

Na busca do embasamento filosófico e metodológico para este trabalho encontrei também algo que veio ao encontro das minhas necessidades pessoais: idéias que levam à compreensão e questionamento do pensamento dominante nesse contexto social, pensamento que valoriza a razão, em detrimento da sensibilidade.

Por vezes os teóricos não apenas criticam, mas também apontam caminhos, alternativas de resgate e valorização da sensibilidade e do uso dos sentidos inerentes ao ser humano e indispensáveis à experiência estética. Acredito na viabilidade desses caminhos que unem razão e sensibilidade e procurei seguir a sua trilha neste trabalho. A tentativa é a de compreender, para depois superar a radicalização do pensamento dominante.

Pensei em aqui, logo no início, incluir um pequeno glossário de termos que serão bastante utilizados neste trabalho. Mas resolvi fazer diferente. Talvez explicar tanto as palavras lhes tirasse o gosto...

Início com um poema, cuja importância considero fundamental para o entendimento (sensível) do que tento dizer. E segue-se a leitura conceitual como sua longa tradução, um tanto mais intelectualizada (e possivelmente, menos interessante...).



Síntese Sensível

*Existem palavras
usadas todo dia
Não se pára para pensá-las,
quase nunca, para senti-las.*

*Que sentido há em tudo isso?
Mais difícil que responder
ou conhecer, é se fazer saber
o sentido pelos sentidos.*

*Saber,
fruto da percepção e da sensibilidade
o conhecimento, da razão.*

*Quando os dois se derem as
mãos,
raiará então a
Razão sensível.*

*E não mais será preciso
explicar tudo, sempre...
Do mundo saberei, sem saber
que sei.
E o meu todo, que é meu, seu,
e de todos*

*Sentirá o sentido de
saber,
saberá a sensação de sentir, amar e
viver*

*Caído do pedestal,
serei anjo humano,
mais perto de Deus
que está na Terra,
não no céu.*



Triunfo e queda da razão “pura”: a crise do mundo moderno

No caminho em busca da compreensão do contexto e da construção da pesquisa, senti a necessidade de buscar raízes filosóficas para dar um “chão” teórico ao trabalho. Certamente, esses interessantes assuntos mereceriam um estudo mais aprofundado, mas neste momento, eu me desviaria do foco principal de investigação. Portanto, tal como um passageiro de metrô, apenas deixo aqui algumas reflexões que encaminharam esta pesquisa.

Ao investigar sobre a metrópole e o seu (nosso) pensamento dominante, nota-se que entre suas raízes sustentadoras encontra-se o princípio da dicotomia cartesiana, que separa corpo e mente e legitima a razão como fonte de todo conhecimento confiável; e o Positivismo, formulado por Augusto Comte. Conforme sintetizado no Dicionário de Filosofia, o Positivismo afirma o estado “positivo” como o mais alto grau de desenvolvimento da sociedade, só atingido depois passar pelos estados denominados teológico e metafísico (Japiassú, 1996).

O Positivismo considera as ciências empírico-formais como paradigmas de cientificidade e modelos para as demais ciências, inclusive as Humanas, e entre elas está a Sociologia. Esse modelo pressupõe a fragmentação do objeto e seu isolamento para estudo, assim como o distanciamento entre o pesquisador e seu objeto.

Boaventura de Souza Santos (1995, p. 57) caracteriza em detalhes o que entende por Positivismo:

Trata-se de uma concepção que assenta nos seguintes pressupostos: a realidade enquanto dotada de exterioridade; o conhecimento como representação do real; a aversão à metafísica e o caráter parasitário da filosofia em relação à ciência; a dualidade entre factos e valores com a implicação de que o conhecimento empírico é logicamente discrepante da prossecução de objetos morais ou da observação de regras éticas; a noção de unidade da ciência, nos termos da qual as ciências sociais e as ciências naturais partilham a mesma fundamentação lógica e até metodológica. Dentro desta filosofia geral, distingo o positivismo lógico pela sua qualidade na unificação da ciência, pelo modelo de explicação hipotético-dedutivo e papel central da linguagem científica na construção do rigor e da universalidade do conhecimento científico.

Assim, no Positivismo, temos um modo de pensar onde triunfa uma razão que se pretende “pura”, abstrata, “livre” de interferências subjetivas, que lhe desviariam da certeza unívoca. Dessa maneira, entendo que promove separações, e não encontros...



Santos (1995) é um dos autores que critica as correntes modernas dominantes, especialmente quando aplicadas às ciências sociais. Considera que ao desprezar os conhecimentos considerados não confiáveis, o modelo positivista gera outra espécie de dogmas: os científicos, inquestionáveis e distantes da realidade do mundo.

O autor considera que esse paradigma científico se encontra atualmente em uma rara crise de “degenerescência”, que vem a abalar as profundezas do sistema e a sua própria inteligibilidade (sua epistemologia).

A idéia de “crise” é compartilhada pelo filósofo francês Michel Maffesoli (1998) e pelo educador e psicólogo João Francisco Duarte Jr. (2001), ao defenderem a urgência do empenho em compreender este momento de insegurança, onde as certezas cultivadas na modernidade¹ não se sustentam mais, exigindo a formulação de novos paradigmas.

Em “A crise do século XX” o ensaísta Gilberto de Mello Kujawski aprofunda suas investigações e afirma que a referida crise não é apenas econômica ou social. Não se restringe a apenas determinadas esferas, representando a própria falência de nosso sistema. A publicação de sua obra se deu no ano de 1988 e suas idéias se mantêm atuais:

Nossa presente situação histórica pode assim definir-se: *perdemos os padrões de pensamento e ação da modernidade e ainda não encontramos seus substitutos equivalentes para estabilizar e organizar efetivamente a nossa vida. (...) este hiato abissal entre o mundo que perdemos e o mundo que ainda não ganhamos, é precisamente, o lugar no qual se instaura a chamada crise do século XX, que se identifica, como se vê, com a crise da modernidade. (...) Crise é isso, esse período de transição dolorosa e interrogativa. (...) não é, primariamente, crise dos fundamentos da ciência, ou da política, ou da economia, ou do que for, e sim crise dos fundamentos da vida humana.* (1988, p. 28 e 34, grifos do autor)

O autor ressalta que a vida humana é construída no cotidiano e, portanto, a crise deve ser investigada a partir deste. Dessa maneira, desdobra a crise do cotidiano em três aspectos: crise de *identidade* do homem contemporâneo: *Quem sou, afinal?*; crise de *familiaridade* com o mundo: *não o reconheço*; crise de *segurança*: *“Tudo começa a vacilar”* (1988, p. 54-61).

1. Como denominar o momento histórico atual? Neste trabalho foi adotada a posição de João Francisco Duarte Jr. (2001), que claramente considera o pensamento atual como um prolongamento do pensamento moderno, chamado por ele de “modernidade tardia”. Usaremos então os termos “modernidade tardia” ou “contemporâneo” para designar a atualidade. Optou-se, portanto, em não se adotar o conceito de “pós-moderno”, amplamente utilizado como denominação à nossa época, ou mesmo discutir se esse conceito vislumbraria a ruptura com o moderno ou a continuação de suas tendências. Penso que esta questão não é relevante frente à investigação aqui proposta.



O cotidiano é tecido por inúmeras ações, às quais nem sempre damos importância. Kujawsky elegeu para suas reflexões ações às quais denominou “categorias típicas do cotidiano”: o *habitar*, o *trabalhar*, o *conversar*, o *passear*, o *comer*. (1988, p. 43). Nessas ações a crise da modernidade mostra claramente sua força, nos atingindo em diversos níveis, do individual à coletividade.

As idéias de Kujawsky são especialmente interessantes para este trabalho. Valorizar e discutir as “pequenas” ações abre espaço para um olhar mais sensível sobre a existência humana.

Maffesoli (1998) discorre que na vida cotidiana e nas pequenas ações se encontra a trama invisível, que comumente passa despercebida pela razão individual e social, mas que estrutura a existência. Nessa perspectiva, o autor considera que as pequenas ações, como conversar com alguém ou andar de metrô, por exemplo, têm grande importância na formação da sociedade.

Freqüentemente nos voltamos e ficamos presos aos feitos “grandiosos”, espetaculares, tão valorizados pela modernidade. Por vezes nos esquecemos que esses feitos são pontuais e constituídos a partir de uma rede onde se interligam ações, pensamentos e sentimentos sutis. São, de fato, as “pequenas-grandes” coisas que se desvelam com riqueza ao olhar sensível e escapam ao olhar moderno.

Essa perda da sensibilidade humana é chamada por Duarte de “anestesia”, assunto ao qual dedica todo um capítulo (2001, p.67-122). O termo parece bastante apropriado para designar o embrutecimento dos sentidos, influenciando na percepção, e conseqüentemente, no modo de pensar e agir no mundo. O autor dissecou essa questão sobre a “anestesia” e seu desenvolvimento no desenrolar da história ocidental, vindo a desembocar no pensamento moderno, que hoje se encontra em estado crítico.

Considero as idéias expostas até aqui enriquecedoras para a análise do contexto social e a conseqüente bagagem experiencial dos fruidores participantes desta pesquisa, que em meio à correria e ao caos da metrópole, param por alguns instantes para apreciar uma obra de arte pública.

Quando anestesiados, não vemos, e assim não sentimos. Não sentimos, não pensamos e não sofremos, mas também não vivemos intensamente. A mesma cegueira que nos protege da dor e do “pior” do mundo nos leva a correr o risco de ignorar também o “melhor” do mundo. Assim, podemos passar indiferentes às obras de arte que estão na cidade tanto quanto aos sem-teto na rua, bem diante de nossos olhos...



A mediação se dá no diálogo, na troca, na *conversa* entre duas pessoas e uma obra que fala justamente de pessoas... Busca-se aqui a valorização do processo e de informações e conhecimentos levantados por pessoas comuns. E a experiência estética abrangida por essa pesquisa almeja uma trégua na “anestesia” cotidiana.

Depois de tantas críticas e um clima de desolação para com a modernidade e sua razão triunfante/decadente, penso que, também seria um erro cair no outro extremo e desprezar a racionalidade, sem a qual não seria possível nem articular estas palavras.

Em sua densa obra, Boaventura Santos não sugere o abandono puro e simples da epistemologia moderna como solução para a crise atual. Indica sua reelaboração a fim de que a ciência se reencontre com o senso comum (1995, p. 39). O autor propõe a compreensão da ciência não como um mundo isolado em si mesmo, mas em diálogo com a realidade da qual trata. Assim, junto com o esgotamento, a crise aponta também o tipo de pensamento a ser privilegiado: o hermenêutico, que se constitui por uma reflexão compreensiva e interpretativa.

Interessante pensar que a própria crise carrega novas idéias em suas entranhas, que redirecionam os caminhos. Isso me faz lembrar de algumas palavras, ouvidas certa vez, cuja autoria desconheço: “Tire o “s” de *crise*, e esta se torna *crie*. No “s”, tem-se a solução.”

Passemos agora a refletir sobre possíveis alternativas, continentes, que se propõe a abarcar tanto o intelecto quanto a sensibilidade...



Propostas de encontros entre a razão e o sensível

*“Como se o pedestal onde eu me colocava e que garantia a imparcialidade
e universalidade do meu olhar todo-poderoso, porque neutro,
ele começasse a ser corroído,
fugindo-me
debaixo
dos
pés...*

...

*E agora,
onde me segurar?*

*A visão de cima torna-se impossível
pois eu me submerjo cada vez mais
num mundo controverso.*

*Começo a ver as coisas
de dentro, de baixo,
pesam-me, incomodam-me.*

*Não posso mais falar de mim
sem falar do lugar onde estou,
de como percebo as coisas.*

*Não posso mais falar de mim
sem falar do que me impressiona.
Voltei à condição humana do convívio,
do viver-com.*

*E o mundo da ciência tal como eu o via,
é agora um paraíso perdido,
onde a onisciência e a onipotência do meu ver
clareava tudo.*

*Perdi o paraíso, ganhei a humanidade...
E que fazer com ela?”*



O trecho anterior, rearranjado em forma de poesia, é de Maria Fernanda Dichtchekenian (1984, p.91) e desperta a lembrança do filme *Himmel Über Berlin* (1987), cujo título foi traduzido para o português como *Asas do Desejo*, do cineasta alemão Win Wenders. O anjo desceu à terra, perdeu o paraíso e ganhou humanidade...Viveu a vida intensamente, como almejava. E haveria de descobrir que a vida é tecida de prazer e dor, de cores e sabores, desejos e frustrações, descobertas, angústias e dúvidas...

Encontro na Fenomenologia uma proposta que recusa e supera a rígida dicotomia cartesiana e se mostra, neste momento, bastante adequada às minhas buscas científicas, filosóficas, profissionais e pessoais. Assim, o presente estudo é centrado na obra *Fenomenologia da Percepção*(1971) do filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), continuador das idéias de Husserl.

Van Zuben, (1984, p.55), comenta como essência do trabalho de Merleau-Ponty: “o anseio constante em reaprender a ver este mundo”... Esta frase me chama a atenção, pois, como pesquisadora, uma das minhas buscas é justamente aprofundar o meu olhar sobre aquele que olha, que aprecia a obra...

A Fenomenologia, segundo Merleau-Ponty (1971) é uma ciência que propõe “um retorno às coisas mesmas”, ou seja, encarar a realidade como um fenômeno que deve ser analisado tal como é, antes de se apegar ao conhecimento racional ou científico. Não se trata de voltar-se para dentro de si, para o interior da consciência, uma vez que esta não pode ser deslocada do mundo, ela se dá no mundo:

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido, e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta *experiência do mundo* da qual ela é a expressão segunda. (1971, p.6, grifo meu)

Como “experiência do mundo”, não-idealista, a Fenomenologia se fundamenta em uma filosofia existencial. Ou seja, não se atém à idéia do que *deveria ser*, mas ao que é, em essência. Desta maneira, está articulada à existência concreta.

O conhecimento científico vem a ser, pois, expressão abstrata, expressão segunda da realidade. E a percepção é fundamental para a apreensão dessa realidade, consistindo em mais do que um instrumento ou ferramenta, mas como sustentação da ação humana:

O real é um tecido sólido, não espera nossos juízos para anexar os fenômenos mais surpreendentes nem para rejeitar nossas imaginações mais verdadeiras. A percepção

não é uma ciência do mundo, não é mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela está pressuposta por eles. (Merleau-Ponty, 1971, p.8)

O ato de perceber é, portanto, um ato bastante complexo, onde o indivíduo usa seus sentidos e introjeta os estímulos, buscando a associação com sua bagagem experiencial. Dessa elaboração participam sensações, sentimentos e pensamentos, que dão uma identidade para o conteúdo.

Através de nossa sensibilidade e percepção, nos alimentamos de sensações que são colhidas no ato de “viver no mundo”, desde o nascimento e ao longo de toda a vida, As *sensações* decorrentes desta *experiência do mundo*, esse saber primeiro, intimamente ligado ao objeto é chamado por Duarte de “saber sensível” (2001, p.12).

Compreendida a idéia de “*retorno às coisas mesmas*”, passemos a pensar na “redução fenomenológica” proposta por Merleau-Ponty, como pressuposto da Fenomenologia.

A “redução fenomenológica” (1971, p. 9) vem a ser a tomada de consciência da relação com o mundo, a fim de fazer aparecer o mundo, a fim de ver a sua transparência. E para tal, afirma-se mais uma vez: o indivíduo não mergulhará em si mesmo, de modo a se afastar do mundo, mas essa consciência se dará *no* mundo. Dessa maneira, a consciência não se fecha em si, torna-se aberta ao outro e a si mesma, vindo a não anular o irrefletido, mas a desvelá-lo .

Merleau-Ponty afirma que no *viver no mundo* agimos com “intencionalidade”. Temos as vivências intencionais em busca de *sentido*, quer se trate de ações voluntárias, a que Husserl chamou de “intencionalidade de ato”; ou involuntárias, “sem pensar sobre”, pertencentes à “intencionalidade operante”. É na “intencionalidade operante” que se dá a abertura ao mundo de um sujeito carnal, corporal. E será o mundo da percepção que se nos revelará como o “berço das significações”, sentido de todos os sentidos e o solo de todos os pensamentos” (1971, p. 492)

Em suma, “a tarefa da Fenomenologia é revelar este mundo vivido antes de ser significado, mundo onde estamos, solo de nossos encontros com o outro, onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões” (Van Zuben, 1982, p. 67).

Expostas as idéias acima, o que dizer de uma ciência “aberta”, “inacabada”, cujo método não dispõe de passos determinados e não oferece certezas? Penso que se, por vezes, a Fenomenologia parece difícil de ser definida e delimitada, é justamente



nesse caráter inacabado de solo fértil à espera do que será plantado que está a sua riqueza.

Na obra *Elogio da razão sensível*, Michel Maffesoli (1998) trabalha com algumas idéias de Merleau-Ponty, de modo a ressaltar os aspectos de encontro entre a sensibilidade e o intelecto. Abaixo temos uma bela referência ao método fenomenológico:

...introduz a um pensamento acariciante, que pouco se importa com a ilusão de verdade, que não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas que se empenha sempre em manter-se a caminho (...) método erótico, enamorado pela vida e que se empenha em mostrar sua fecundidade. (Maffesoli, 1998, p. 113)

Pensamento “acariciante”, “erótico”, “enamorado”, “fecundo”. Esses adjetivos evocam uma relação íntima, carregada de desejos e afetos entre o indivíduo e o mundo. Essa relação afetiva privilegia o que as coisas e pessoas, como objeto amado, têm como essência particular e verdadeira. A aceitação da realidade permite a intimidade com as coisas pelo que *são* e não pelo que *deveriam ser*.

Para compreender e se “enamorar” com as coisas, há de serem consideradas suas situações e particularidades, como diz Maffesoli:

... a lição das coisas(...)remete para uma deontologia, a saber, para uma consideração das situações (*ta deonta*) naquilo que elas têm de efêmero, de sombrio, de equívoco, mas também de grandioso. É assim que à moral do *deve ser* poderia suceder uma ética das situações”. (1998, p.12)

Como se nota, com essa compreensão abrangente, a realidade é considerada em sua pluralidade de elementos. Não escolho somente um ou outro aspecto para ser dissociado e estudado, “dando as costas” aos outros. Compreende-se que a maneira de ver maniqueísta e rotuladora é por demais reducionista. Sendo assim, não é possível simplesmente dividir racionalmente as coisas em “boas” ou “más”, “importantes” ou “irrelevantes”. O elemento vital que alimenta o organismo e todo o ecossistema é plural e ambivalente.

Contrário a radicalismos, Maffesoli propõe o abandono do racionalismo ou do irracionalismo dissociados. Promove a sua fusão, que alargaria e aprofundaria o pensamento humano, permitindo o reencontro com a própria vida:

Portanto, em vez de continuar pensando segundo um racionalismo puro e duro, em vez de ceder às sereias do irracionalismo, talvez seja melhor pôr em prática uma deontologia que saiba reconhecer em cada situação a ambivalência que a compõe: a sombra e a luz entremeadas, assim como o corpo e o espírito, interpenetram-se numa organicidade fecunda. (...) Para além das querelas dos sábios, mas mantendo uma

exigência intelectual, justamente a da “gaia ciência”, talvez seja possível que uma tal paixão culmine com um pensamento que se reconcilie com a vida. (Mafesoli, 1998, p. 19 e 23)

A “razão sensível”, fruto da união entre o corpo e a mente, o intelectual e o sensível, entre a razão e a paixão, entre o abstrato e a realidade, valoriza a intuição, o cotidiano, o senso comum, o subjetivo e abre um novo horizonte para a ciência, nesses nossos tempos tão complexos de crise da modernidade.

Um método que permita ao intelectual aliar o intelegível ao sensível, possibilita a “fruição pensante” e “(...)integrar, de um ponto de vista epistemológico, a experiência sensível espontânea que é a marca da vida cotidiana, a progressão intelectual poderá, assim, reencontrar a interação da sensibilidade e da espiritualidade”.(Maffesoli, p. 196, 197).

A “fruição pensante” sela o encontro íntimo entre o homem, o outro e o contexto. Essa fruição faz opção por uma postura de entrega e generosidade frente ao mundo, que não deixa de ser também “estética”. “(...)deve-se entender estética aqui, em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente. Coisas que permitem a cada um, movido pelo ideal comunitário, sentir-se deste mundo e em casa neste mundo.” (Maffesoli, 1998, p.137)

O termo *estética*, assim como *estesia*, é derivada da palavra grega *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio a ao mundo num todo integrado.

Sentindo-se “deste mundo e em casa neste mundo” o homem sente, pensa, age e se compromete com a realidade movido pela responsabilidade e pertencimento. Acredito que isso represente um alívio à tríplice e dolorosa crise do cotidiano, à qual se refere Kujawski (1988, p.54) como as crises de identidade, familiaridade e insegurança, já comentada anteriormente.

Duarte (2001) propõe que se adotarmos a “estesia” como base, naturalmente teremos uma educação em comunhão com a Fenomenologia, que valoriza o sensível, o saber primeiro despertado pelos sentidos. Uma educação que não restringe a estesia à arte, mas a amplia a todas as esferas da vida, da escola à vida familiar e cotidiana:

... enquanto limitamos atualmente a abrangência do conceito “estética”, de modo a compreender tão-só as questões ligadas à experiência da beleza e as discussões acerca da arte, a “estesia” diz mais de nossa sensibilidade geral, de nossa prontidão para apreender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos”. (Duarte, 2001. p.136-137)



Luigi Pareyson (1984, p. 153, 154) coloca que a arte possui uma rica natureza dupla, física e espiritual; e valores e funções múltiplas que ultrapassam as questões estéticas e dialogam com a vida:

...a obra de arte exerce muitas funções não artísticas, teóricas, práticas, filosóficas, morais, políticas, religiosas, sociais e assim por diante, mas as exerce precisamente como obra de arte.(...) não há obra de arte em que não penetre a vida, arrastando os mais diversos valores consigo, e que não reingresse na vida, desempenhando as mais variadas funções além da artística, mas, por outro lado, a vida nela penetra precisamente sob forma de arte, e só como arte ela reingressa na vida, vindo ao encontro das mais diversas necessidades.

Dessa maneira, vemos que a obra de arte requer do fruidor, despertado pela “estesia”, uma atitude rumo à “razão sensível”, que é muito mais que deleite, não menospreza a razão, mas a amplia. Assim, penso que pequenas ações como a mediação e a apreciação sensível da *Estação Sumaré* podem propor momentos de estesia, de contato com a realidade, apreendendo sinais emitidos pelas coisas e talvez carregando elementos de transformação social e trazendo o sonho da possibilidade de formar cidadãos mais conscientes e ativos, sensíveis e envolvidos de fato com o seu contexto.

A partir das idéias dos autores trabalhados até o momento, nota-se com clareza que o encontro entre a razão e o sensível propicia também o encontro do homem com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Também o favorece a presente pesquisa, que tem como foco a investigação os encontros ocorridos entre fruidores, uma obra de arte pública e a mediadora/pesquisadora, vivenciadas em um trabalho prático de mediação.

A idéia de “encontro” também está exposta nas palavras do filósofo espanhol Alfonso López Quintás (1993, p. 26), que coloca a experiência estética como parte da formação integral do homem: “O modo mais pleno de encontro com a realidade se realiza através da participação criadora nas realidades circundantes”. Dessa maneira, fica evidenciado o poder criativo e de ação humana e seu comprometimento frente às diversas possibilidades que se descortinam na realidade.

Segundo Quintás, a riqueza do encontro advém da interação entre “âmbitos de realidade”, que vêm a representar “todo tipo de realidade que no jogo da vida criadora do homem se apresenta a este como um feixe de possibilidades” (1993, p.18). O autor coloca que todas as formas de jogo e de trabalho são âmbitos, configuram campos de interação, entre eles: o relacionamento humano, o colégio, as obras culturais, artísticas, os acontecimentos.



A relação advinda do esquema “sujeito-objeto”, que se reduz apenas à objetividade não possibilita o encontro. Este só é possível com a inteireza dos âmbitos envolvidos. Entende-se que o ser não se isola para entrar em situação de encontro, pelo contrário, carrega consigo seus âmbitos de realidade e os compartilha, generosamente com o outro:

As formas mais altas de unidade, as de encontro, se devem à mistura de dois ou mais âmbitos, não à mera justaposição ou choque de objetos.(...) a mistura de âmbitos constitui a raiz da forma mais alta da criatividade humana, a que leva a personalidade do homem à plenitude.(Quintás, 1993, p.18-19)

O pensamento de Quintás é concordante com o que vimos anteriormente, em Pareyson, considerando que a experiência estética se mostra fecunda, pois a arte tem a particularidade de “plasmar” e integrar âmbitos, de facilitar encontros entre seres e realidades e de instigar à percepção de uma realidade mais complexa e rica:

O artista tem um poder singular para intuir o caráter ambital, relacional, das realidades e acontecimentos, e expressar e dar corpo a isso numa figura sensível. Estas figuras não reproduzem meros objetos. São “imagens” que dão corpo e relevo a âmbitos. Daí sua condição luminosa e sua interna racionalidade e verdade.(...) O jogo estético não só imita o real; cria âmbitos e produz sentido. (Quintás, 1993, p.19)

A experiência artística pede do fruidor uma atitude colaboradora, contrária ao ideal de mera “posse e desfrute” dos objetos. Quando libertos do egoísmo, assumimos uma posição de “desapego”, que nos impede de reduzir as realidades para nossos fins, mas possibilita que as consideremos como “companheiros de jogo”.

Entende-se então que o encontro fruidor-obra é fundamentado por uma relação de *respeito*, onde o fruidor não submete a obra à sua vontade imediata, mas a compreende amplamente, como ela é. E ambos se pertencem em uma relação íntima, porém sem que cada um perca a sua individualidade:

O intérprete sente-se invadido pela obra, a qual ele configura; sente-se plenificado por uma realidade que não existiria se ele não se a afirmasse; sente-a vibrar em si como algo próprio, a modo de voz interior; sabe que a obra lhe pertence, mas ninguém está mais consciente do que ele de que não é sua, que lhe é transcendente. Neste sentido é distinta dele, mas não distante, nem estranha. (Quintás, ano, p.17)

Essas belas idéias de Quintás vêm ao encontro do que temos trabalhado até aqui, tomando como “chão teórico” a fenomenologia e a condição fenomenológica do homem como *ser no mundo* e da *sensibilidade* como chave fundamental para a ampliação do seu pensamento e existência. E, na escolha da obra Sumaré, repleta ela também de possíveis encontros...



A experiência de mediação aqui proposta pretende ser um meio facilitador para esses encontros sensíveis. No dicionário, temos “mediação” como o ato ou efeito de mediar, intervenção, intercessão e “mediador” como o que intervém, medianeiro. Transportando esses termos para a área de arte e educação, pode-se pensar o mediador como aquele que está entre o indivíduo e a obra, e mediação indicaria os seus processos. Teixeira Coelho nos dá uma definição bastante esclarecedora do termo “mediação cultural”:

Processos de diferentes naturezas cuja meta é promover a aproximação entre os indivíduos ou coletividade e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual-com o que se desenvolve apreciador ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura ou de iniciar esses indivíduos e coletividade na prática efetiva de uma determinada atividade cultural (1999, p. 248).

Acima vimos a concepção de mediação como uma “ponte” entre o público e a obra. Mirian Celeste Martins amplia esse conceito, ao apontar para uma novo aspecto da mediação, onde se configura uma rede de conexões que envolvem, além do fruidor, do mediador e da obra, seus diferentes âmbitos:

... a mediação hoje ganha um caráter rizomático, isto é, num sistema de inter-relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto de conhecimento, o aprendiz, o professor/mediador/monitor, a cultura, a história, o artista, a instituição cultural, a escola, a manifestação artística, os modos de divulgação, as especificidades dos códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística...” (2002, p. 57)

Ressalto que, embora a arte não esteja necessariamente ligada ao prazer, preferimos aqui adotar o termo “fruidor”, que indica aquele que aproveita, que desfruta de algo; do que o termo “apreciador” que indica apreciar, estimar, prezar, mas também está ligado aos atos de considerar, avaliar, julgar. O termo fruidor parece imediatamente mais próximo do sensível do que do mensurável, e portanto, mais adequado à presente pesquisa.

Olhares sobre a experiência do olhar

A trajetória e aventura de *ser no mundo* requer a percepção para a elaboração do saber sensível. A percepção, enquanto processo humano imprescindível, integra corpo e mente, e lança mão de diferentes ferramentas, qual com a sua particularidade: os sentidos.

Tato, olfato, paladar, visão e audição. De maneira geral, o mais sentido mais usado e estudado é a visão. Ouve-se dizer que vivemos em um “mundo visual” e que “uma

imagem vale por mil palavras”. Essas expressões do senso comum falam sobre o predomínio da visualidade em nossa cultura. Autores como Alfredo Bosi (1988) apontam para este fato.

O trabalho de mediação proposto por esta pesquisa parte do *olhar* do fruidor para a criação de vínculos e a construção de significados, pois se trata de uma obra visual.

A riqueza de significados de *olho* e *olhar*, seus diversos sentidos no conotativo e denotativo, e suas tantas metáforas, dão uma idéia da amplitude e diversidade do significado dos termos. Bosi coloca que em diversas línguas *olho* e *olhar* são palavras com raízes bastante distintas, o que indicaria que o *quê* chamamos de *olhar* é diferente da literal ação do órgão da visão. (1988, p. 66) . O *olhar* é um ato que se inicia com o sentido orgânico da visão, na ação do *olho* como órgão. Mas esse é apenas o início da jornada...

Olhar, em seu sentido mais amplo e rico, responde por uma ação que envolve o circuito olho-sensação-mente-emoção. O *olhar* sensível é a comunhão entre o que olha e o que é olhado. É esse o *olhar* do romeiro simples diante da imagem sacra em *Romaria*, canção de Renato Teixeira, imortalizada na voz de Elis Regina:

*Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar...*

Segundo a Fenomenologia, a percepção humana é marcada pela intencionalidade. Ao *olhar*, o *olho* capta um estímulo, introjeta e lhe dá significado, envolvendo razão e emoção, como já colocado anteriormente sobre a percepção fenomenológica. Assim, o fruidor trabalha como interpretante ativo de uma realidade (a obra de arte), à qual busca estabelecer vínculo e elaborar um sentido.

Entendendo a intencionalidade como direcionamento, vamos refletir, ainda que de maneira bastante sintética, sobre o direcionamento do *olhar* no desenrolar da modernidade, tomando alguns exemplos.

Na Renascença o *olho* de Leonardo da Vinci agia com um *olhar* que dissecava, queria entender os mecanismos do corpo humano, da natureza e da física; ao mesmo tempo em que valorizava a forma, as sutilezas, as nuances das cores. Era, portanto, um *olhar* sensível. Metaforicamente, Bosi (1988, p.75) coloca que Descartes parece ter supervalorizado o que havia de científico e matemático em Leonardo e desprezado o que havia de sensível.

Ao pensar sobre isso, penso em uma imagem da Santa Ceia de Leonardo, com toda a sua riqueza de elementos, entre eles: a perspectiva centralizada como uma



representação de profundidade, o equilíbrio simétrico, o uso do esfumato que sugere noção de distância da paisagem ao fundo. Temos também as expressões faciais e corporais das figuras que nos despertam diversos significados. Temos as cores, os sombreados, a sutileza das linhas...

Imagino agora a Santa Ceia como desenho feito sobre papel quadriculado, onde são ressaltados apenas seus valores matemáticos: a perfeição geométrica, o equilíbrio simétrico. Essa imagem é interessante para se compreender a busca do artista, mas é somente esse aspecto quantificador que parecia interessar a Descartes, todo o mais, foi esquecido. Quanto perderíamos se apenas um aspecto tomasse o lugar da obra em si? Quanto perderíamos se ficássemos apenas com esse olhar reducionista?

Somente a esfera “exata”, “geométrica” do olhar moderno não dá conta do da fruição de nossa realidade, como já discutido em tópico anterior. A crise da modernidade pede novos paradigmas, e conseqüentemente, novos olhares.

Pareyson (1984, p.153) discorre sobre o “princípio da coincidência da espiritualidade e fisicidade na obra de arte”, e contrário a radicalismos, indica que na “leitura” da obra não é privilegiado apenas um ou outro aspecto: “... fazer falar o próprio rosto físico da obra com sentidos espirituais e de saber olhar a sua própria realidade sensível como significado”. Notamos aqui a correspondência com a idéia de Maffesoli de “fruição pensante” (1998, p. 196, 197), que também rejeita os radicalismos e visa unir a objetividade com a subjetividade.

Na busca de refletir sobre a provocação de um olhar envolvente e envolvido perante a obra de arte, encontro alguns teóricos relacionados à idéia do olhar sensível como detonador de experiências significativas.

Amplamente conhecida e discutida, considerada um marco significativo do ensino de arte no Brasil, a proposta triangular de Ana Mae Barbosa (1981, 1997) alicerça nas ações do *fazer*, do *apreciar* e do *contextualizar*. Nota-se aqui também a importância do olhar sensível nesse processo de interação e busca de conhecimento artístico.

Abigail Houssen (Rossi, 1999 e Martins, 2000) e Robert Ott (Barbosa, 1997 e Rizzi, 2000) pesquisaram diferentes maneiras de investigar a apreciação significativa da arte. Enquanto Houssen de deteve mais ao estudo da percepção inicial da obra, Ott construiu uma metodologia de mediação constituída por etapas que vão como que “apurando” o olhar e facilitam o encontro fruidor/obra. Adiante, No Capítulo II esses autores serão retomados, como base metodológica da mediação.



Para John Dewey (1980, p.90), a vida humana se dá na abertura do indivíduo ao mundo e é composta por experiências profundas que integram ação, sentimento e significação e possuem caráter estético, lidando ou não com objetos artísticos propriamente ditos. Esse conceito de “experiência” como ato consumado, despertado pelo olhar, é uma das propostas no trabalho de mediação aqui investigado.

Dewey, tal qual outros autores já abordados, fala da entrega do indivíduo à realidade, para que tal experiência se concretize. O uso do substantivo *consumação* indica a pontuação de um encontro único em uma relação afetiva:

Determinado trabalho termina de modo satisfatório; um problema recebe sua solução, (...a experiência) é tão íntegra que seu fim é uma consumação e não uma cessação. Tal experiência é um todo e traz consigo sua própria qualidade individualizadora de auto-suficiência. É *uma* experiência. (1980, p. 89, grifo do autor)

Assim como Pareyson (1984, p. 154, 155), que coloca a “contemplação” como um estado de “extrema receptividade”, contrário à passividade ou inércia; Dewey (1980, p. 102) expõe que a experiência estética só é possível mediante uma percepção ativa do apreciador. O simples “reconhecimento” ou “identificação”, por recaírem como um estereótipo, em um esquema previamente formado estão muito próximos da cômoda passividade e se o indivíduo parar por aí, não chegará nem a perceber a obra, de fato.

Exemplificando as idéias acima, vemos que o reconhecimento é apenas o início do que pode vir a ser a percepção propriamente dita. Imaginemos: frente à obra *Estação Sumaré* uma pessoa que de imediato reconhece as imagens e diz: “São pessoas”. Questionado, fala com pressa e desatenção, novamente: “São pessoas”. Neste caso, houve a percepção? A *experiência* aconteceu?

Nesse sentido, a receptividade necessária à experiência é muito diferente da simples passividade. Essa “docilidade adequada do eu”, esse “padecer” (Dewey, 1980, p.103) possibilita um mergulho do fruidor na realidade apreciada. E assim, como já vimos em Quintás (1993, p. 20), o homem, liberto do egoísmo, se entrega a um bem maior.

Esse bem maior é a criação de sua própria experiência, pois Dewey sintetiza em poucas palavras: “Sem um ato de recriação, o objeto não será percebido como obra de arte” (1980, p.103). Conclui-se, portanto que esse olhar que age e recria é carregado de intencionalidade fenomenológica, convocando corpo e mente para *experienciar o/no mundo*.



Pensando na experiência estética significativa, Mirian Celeste Martins reflete sobre os desafios do trabalho do mediador para encontrar meios de acesso que a possibilite: "...talvez nossa principal questão como mediadores seja: como criar desafios estéticos para mobilizar fruidores ao encontro com a poética da linguagem da arte?" (2000, p.6) Isso implica, portanto, na busca de um olhar "desafiado", "instigado".

Tarefa delicada, a de ampliar a leitura e a compreensão, a partir da ampliação do olhar do fruidor:

Independente das possibilidades físicas e materiais, no encontro com a Arte enquanto objeto de conhecimento, haverá sempre a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações em que possa ampliar a leitura e a compreensão de homens e mulheres sobre seu mundo, sua cultura. (Martins, in BARBOSA, 2002, p. 56)

Aquele que *olha* tem seu olhar contaminado pela sua vivência experiencial, formada por desejos, dúvidas, preconceitos, conflitos. São sentimentos e pensamentos diversos, que, aliados às sensações e percepções tecem o encontro fruidor/obra.

O ato de mediar, portanto, abarca um olhar amplo, continente, que abrange a obra, quem a olha e o seu olhar, assim como a própria mediação.

É esse arcabouço teórico que servirá de base para a reflexão de questões referentes ao olhar e ao estímulo de sua sensibilidade, suscitadas nesta pesquisa.

Entre tantas variáveis e desafios, há de se pensar também nas particularidades da apreciação de uma obra de arte pública. No contexto de "modernidade tardia", (discutida no início do trabalho) Nicolau Sevcenko faz observações sobre o olhar desse fruidor na metrópole, um olhar apressado e difícil de ser capturado: "...ninguém tem tempo de andar fruindo" (1998, p.167). Realmente, "apreciação" ou "fruição" parecem não combinar com o ritmo enlouquecido de uma cidade que "não pára".

E o ritmo incessante do bombardeio visual a que somos submetidos diariamente? Peças publicitárias, misturadas à arquitetura, ao lixo e à poluição (que infelizmente, não é apenas visual), a uma multidão de pessoas e veículos em movimento, produzem um vertiginoso e opressor número de estímulos visuais, perante os quais, em sua maioria, só nos resta a defesa de seguirmos "anestesiados" (Duarte, 2001).

"...se estamos angustiados pelo medo de perecer numa borrasca, somos incapazes de contemplar o mar embravecido..." A metáfora usada por Quintás (1993, p. 20) se refere à "tempestade" intrínseca contida em uma obra de arte. Uso-a aqui para me



referir ao contexto assombroso da metrópole, que pode nos impedir de ver... Então, se a obra de arte pública também for “assustadora”, tanto quanto o seu entorno, o mediador lidará com uma dupla “tempestade” a aterrorizar o fruidor...

O que torna possível o ser humano desacelerar e vencer o medo para fruir uma obra de arte, em meio ao caos urbano? Sevcenko aponta de maneira poética uma tendência humana à estesia cotidiana. É nessa tendência humana que o presente trabalho acredita:

É o desejo apenas de se comportar como ser humano num lugar onde isso não está previsto e onde, uma vez manifestado, soa como anomalia, assumir a anomalia de ser humano dentro da cidade. Grande parte do gesto confrontacional da arte moderna, de resistir a essa mecanização do cotidiano e a essa desumanização da sociedade no contexto da cidade planejada, é exatamente esse sopro de vida. (1998, p. 167)



Estação Sumaré: Arte pública na metrópole de São Paulo.

Com base no que já foi comentado sobre a modernidade tardia, sabe-se, ou melhor, sente-se na pele a metrópole como espaço que compactua com a fragmentação e que prioriza o quantitativo em detrimento do qualitativo. Terreno árido, diante do qual a “anestesia” parece se estabelecer como forma de sobrevivência do humano, tão minimizado diante das formas edificadas.

Maria Lúcia Montes (1998, p.275) coloca de maneira muito interessante que debaixo dessa atmosfera foram soterradas “...formas arcaicas de um imaginário do inatural e do primitivo, de um tempo do ritual e da magia...”. Porém, esta mesma sociedade busca um retorno ao recalcado:

Um processo que a faz descobrir, como necessidade urgente, o reencantamento do mundo – no sentido arcaico da sacralidade da natureza que também habita suas metrópoles... (Montes, 1998, p 275)

Esse saber reencantado, sagrado, faz ponte com o saber “dionísio” a que se refere Maffesoli (1998, p. 12) A arte pública marca, portanto, um retorno a raízes arcaicas e não está legitimada pelo espaço museológico, ela sacraliza o espaço comum, onde está inserida.

Como fonte de saber sensível, nota-se que a arte pública carrega um elemento social transformador (Duarte, 2001, p.208), ao exercer suas múltiplas funções, que englobam as estéticas, filosóficas, políticas e sociais (Pareyson, 1984, p.153, 154). Maria Lúcia Montes (1998, p. 278) destaca, nesse sentido:

Nas grandes cidades isso significa não só democratizar o acesso à arte mas também construir formas significativas de pertencimento, recriando solidariedade e novas identidades com o espaço da cidade, uma nova maneira de reconstituição de identidades sociais e culturais.

A arte pública carrega uma função de amenizar a crise do cotidiano discutida por Kujawsky (1988, p. 54) *Acredito que ao apreciar, pertença à obra e ela me pertence e; ambos pertencemos à sociedade, assim como ela nos pertence. Isso ajuda a construir a minha identidade individual e coletiva, determinando minha ação no mundo.*

Nesse sentido, penso que a arte pública pode funcionar como portal, permitindo, ainda que por instantes, uma viagem de retorno à sensibilidade humana. Alguns portais são maiores e bem visíveis, outros mais singelos e quase escondidos, outros descuidados e depredados, mas em todos há uma entrada possível. Facilitar o



acesso à entrada e sua viagem é a principal razão de ser do trabalho de mediação. Nesta pesquisa não poderia ser diferente.

A *Estação Sumaré* se encontra em local privilegiado, dentro de uma estação de metrô, espaço público modelo de limpeza (se comparado a outros locais comunitários em São Paulo), obtendo a cooperação dos usuários. Outra particularidade é que a obra está perfeitamente inserida em seu espaço. As estações mais recentes têm os projetos de arte interligados com a arquitetura, diferentemente das estações antigas, onde por vezes as obras parecem “deslocadas”. (Mac Fadden, 1998, p. 97).

Realizada em 1998, com projeto escolhido por meio de concorrência pública, conforme normas do Metrô, a obra *Estação Sumaré* se encontra junto da plataforma de embarque e desembarque dos passageiros. A plataforma, suspensa sobre a Av. Sumaré, é ladeada por um corredor de vidro, através do qual se tem ampla vista da avenida.

Nesse corredor de vidro de 80 metros, o artista inseriu imagens em preto e branco de 22 pessoas, que repetidas, resultam em 44 imagens de 125x175 cm. Pessoas tão comuns e tão diversas fisicamente quanto os usuários que por ali passam. A essas imagens, ampliações de fotos 3x4 tiradas pelo próprio artista, foram sobrepostos pequenos textos poéticos que pedem para ser decifrados.

Prefiro neste momento não dar mais informações, colocar a minha leitura pessoal, ou textos relevantes que teóricos como Ana Mae Barbosa (2002) e Katia Canton (2002) tenham produzido sobre o artista e sua obra. Talvez seja desnecessário dizer o quanto ela me cativou...Os comentários sobre o meu encontro pessoal com a obra, em meio a tantos outros encontros na experiência de mediação, estarão no quarto capítulo deste trabalho.

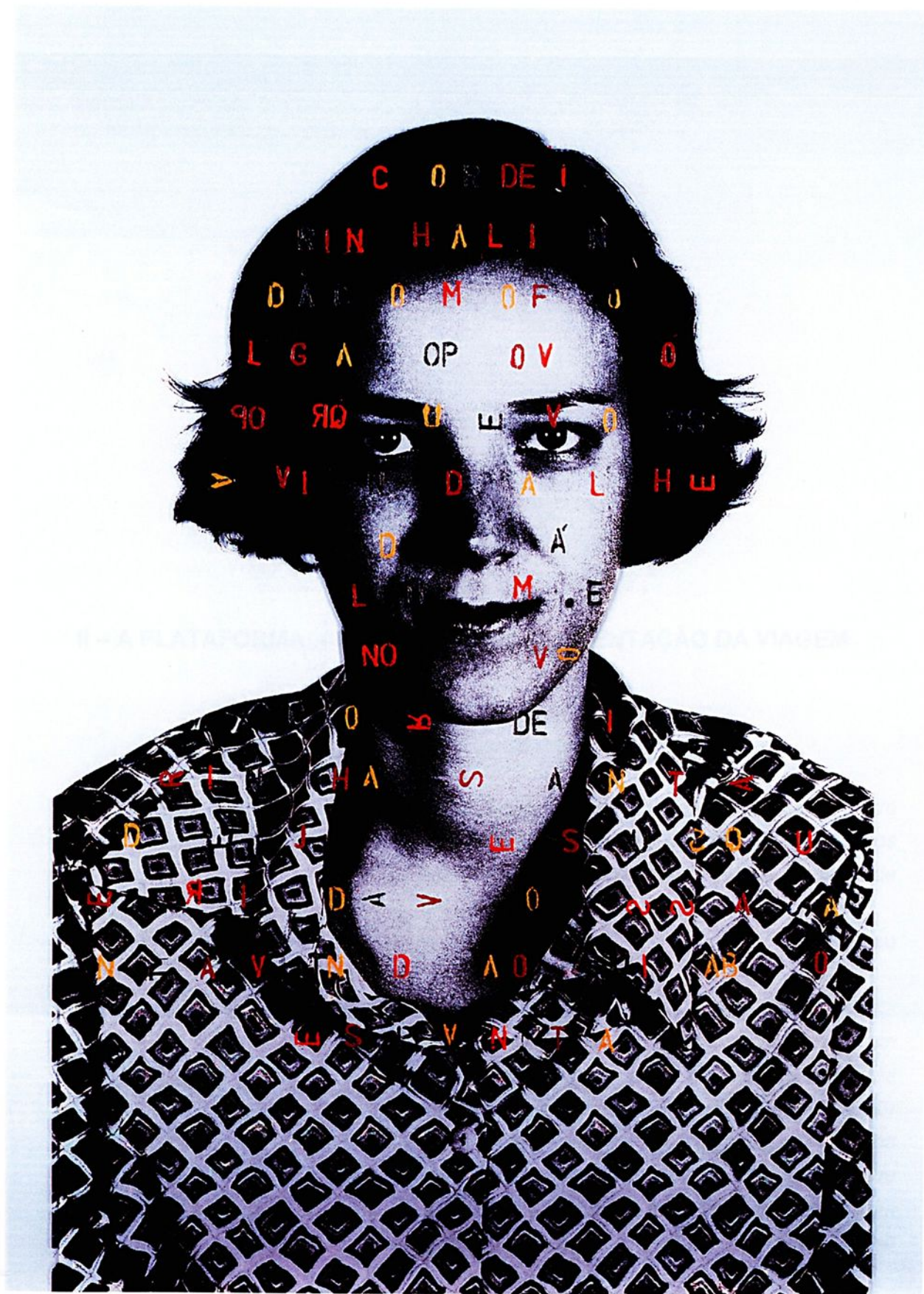
Apenas como ilustração, segue-se a reprodução de algumas imagens. Há de se considerar que dessa maneira perdem muito do impacto, quando comparadas com a instalação original.





Estação Sumaré do Metropolitano de São Paulo, ("Série Sumaré"), 1998
 tinta cerâmica sobre vidro [ceramic paint on glass] Acervo [collection] Metropolitano de São Paulo, São Paulo





II – A PLATAFORMA - ESTRUTURA DE SUSTENTAÇÃO DA VIAGEM

É privilégio da arte nada “demonstrar”, nada “provar” e, entretanto, introduzir em nossos espíritos algo de irrefutável. É que nada pode prevalecer contra o sentimento.

J. M. Guyau

Em vez de continuar pensando segundo um racionalismo puro e duro, em vez de ceder às sereias do irracionalismo, talvez seja melhor pôr em prática uma deontologia que saiba reconhecer em cada situação a ambivalência que a compõe: a sombra e a luz entremeadas, assim como o corpo e o espírito, interpenetram-se numa organicidade fecunda.

Maffesoli



Os trilhos indicam o sentido – Metodologia da pesquisa.

Várias das idéias/trilhos que orientam esta pesquisa/viagem, já foram discutidas no capítulo anterior. Portanto, neste tópico essas idéias serão apenas citadas, a fim de demarcar a metodologia que alicerça a pesquisa, de forma abrangente.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada na Fenomenologia, em especial nas idéias de Merleau-Ponty (1971).

Por consistir em um trabalho que valoriza o sensível, o senso comum e o cotidiano, foram tomadas como embasamento obras que valorizam o conhecimento não-acadêmico como fonte de informação e criticam os paradigmas positivistas. Dessa maneira, optou-se pelas idéias de Boaventura de Souza Santos (1993), Gilberto de Mello Kujawsky (1988), Michel Maffesoli (1997) e João Francisco Duarte Jr (2001).

Para as questões referentes à experiência estética, foi utilizado o trabalho de John Dewey(1974), Alfonso López Quintás(1993) e Luigi Pareyson (1984).

O ensino da arte envolve toda a pesquisa, e não se restringe apenas à parte que trata da mediação propriamente dita. Para tanto, me norteiei, em teoria e prática, pelos trabalhos desenvolvidos pela minha orientadora Mirian Celeste Martins.

No decorrer do trabalho, lancei mão de poemas, filmes, peças de teatro, citações diversas e metáforas. Em alguns momentos, a sua linguagem poética própria parece expressar, com economia e precisão, o que tento dizer.

Por fim, desde a concepção do trabalho, foi ressaltada a importância do processo no ato de pesquisar, assunto tratado por Humberto Eco(1985).

No próximo tópico serão abordados os autores e a metodologia específica referentes à mediação da obra de arte.



A criação de percursos - Metodologia para mediação

Partindo da experiência anterior...

Inicialmente, para a elaboração do roteiro de entrevista foi levado em consideração o exercício já realizado junto à disciplina *Mediação arte/ público: possibilidades e limites na formação de fruidores/leitores dos signos artísticos*, ministrada por minha orientadora e cursada no segundo semestre de 2001.

Após discussão teórica, foi delimitada a estrutura de trabalho comum a todos os alunos/pesquisadores, que deveriam realizar o trabalho junto a três fruidores, diante de obras (ou reproduções) de artistas brasileiros contemporâneos.

As entrevistas objetivaram abranger três momentos distintos:

- 1º) a constatação das primeiras impressões dos participantes, tendo por base a pesquisa de Abigail Houssen.
- 2º) a mediação propriamente dita, com a intenção de ampliar os conhecimentos do fruidor por meio de um caminho individualizado, tendo como base teórica a metodologia de Robert Ott.
- 3º) coleta de dados do entrevistado.

Escolhi trabalhar junto à obra *Estação Sumaré*. Entrevistei uma amiga, administradora de empresas, que não tinha um contato mais profundo com arte (não freqüentava exposições, nunca cursou arte), mas aparentemente, se mostrava uma pessoa aberta a novas experiências. Os outros dois entrevistados foram transeuntes abordados na estação.

A primeira entrevista não foi gravada, por problemas técnicos, mas foram feitos registros que possibilitaram a reflexão junto à transcrição das outras duas entrevistas.

Considero que reconhecer meus pontos altos e baixos como mediadora foi bastante importante, juntamente com a reflexão sobre o processo de mediação. Verifiquei que os três momentos acima (provocação, mediação, coleta de dados) estavam claros para mim, porém não segui um roteiro com perguntas. Isso foi positivo, pois eu ficava inteiramente aberta ao entrevistado. Mas havia também um grande risco de perder etapas importantes do processo.

Portanto, para dar continuidade e aprofundar o trabalho iniciado anteriormente, senti a necessidade de elaborar um roteiro para não me perder.



As entrevistas-aquecimento

Para elaborar as perguntas, fui à estação. Eu precisava me sensibilizar diante da obra. Lá fiz uma entrevista (que, infelizmente não foi gravada) com o Sr. Vitor Dias, funcionário da limpeza que trabalha na estação desde que abriu. Ao ver aquele senhor limpando a obra, cheguei perto, e como se não soubesse, perguntei o que seriam aquelas imagens. Para minha surpresa, *ele foi meu mediador*. Prestativo e orgulhoso de seu conhecimento, passou informações sobre a obra, disse que conheceu o artista, comentou que costuma “ajudar” as pessoas que querem ter informações...

Foi um diálogo muito rico, mas o que considero como ponto mais importante para ser comentado no momento é que o Sr. Vitor parecia ter uma relação de afetividade com a obra que a rotina não conseguiu apagar.

Também na intenção de “aquecimento” fiz a mediação da obra, junto a uma amiga e a meu irmão. Não foram gravadas, mas essas entrevistas refinaram a minha percepção, conferindo mais segurança para definir o roteiro.

Com base nas anotações e na minha memória, produzi um pequeno texto livre sobre estas experiências, integrante de um “diário de bordo” que acompanhou minhas reflexões.

O “diário de bordo” foi muito importante na construção do percurso de mediação e da pesquisa, de uma maneira ampla. O “diário” também foi uma “válvula de escape”, onde eu escrevia sem censura, sem preocupações acadêmicas. Por várias vezes fui visitar a *Estação Sumaré* e fiz apontamentos que no momento pareciam por demais subjetivos, desfocados. Mas várias das idéias ali registradas foram se reorganizando, mudando sua configuração ao longo do processo de pesquisar, se tornando centrais no trabalho final e auxiliando na construção do meu “saber sensível”.

O embasamento teórico

As idéias de Vygotsky acerca do aprendizado e desenvolvimento apresentadas em *A Formação Social da Mente* se mostram muito pertinentes a este trabalho. O autor ressalta que a formação humana se dá na interação com o mundo e que as coisas que indivíduo faz com ajuda do outro pode ser muito mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que consegue realizar sozinho (1989, p. 96).



Na intenção de valorizar o que o fruidor “já sabe” e caminhar em direção à ampliação de seu conhecimento, foram utilizados como base os conceitos de “zona real” e “zona proximal” do desenvolvimento:

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. (1989, p. 97)

Continuando com as metáforas: a idéia é de que a mediação, enquanto processo, irrigue e nutra os “brotos” e “flores” trazidos pelos fruidores, para que venham a amadurecer e dar “frutos”.

Essa idéia de interação alicerça o trabalho de mediação como um todo e em seguida, será especificado o embasamento teórico referente a cada momento do processo.

Acolhimento inicial

Juntamente com Quintás (1993), Mirian Celeste Martins (2002) discute a importância do vínculo no trabalho de mediação, considerando que o homem é um “ser de encontro”. Portanto, este momento de *Acolhimento* marca o início dos encontros entre o fruidor, a obra e o mediador. E como todo encontro, necessita de uma dose de abertura e afetividade para alcançar uma profundidade maior.

O Acolhimento Inicial teria por objetivo criar um clima de empatia e confiança com a apresentação do pesquisador, convite para a experiência e pedido de autorização para a gravação.

O roteiro previu a mesma estrutura já trabalhada na experiência anterior, ou seja, depois desta etapa, teria início a entrevista propriamente dita, dividida em três momentos diferenciados:

1º) *Provocação*

Neste primeiro momento buscou-se deixar o participante livre para expressar sua percepção, suas primeiras impressões diante da obra, onde breves perguntas apenas estimulariam sua fala. Além de servir como uma avaliação iniciante acerca do entrevistado, suas experiências e seu contato com a obra, sustentaria também o trabalho de mediação que estaria por vir.



Para a *Provocação*, foi escolhida como base teórica a pesquisa de Abigail Houssen (citada por Martins, 2000 e 2001). A pesquisadora norte-americana desenvolveu seu trabalho junto a uma amostra de duzentos adolescentes a partir de 14 anos e adultos, com diversidade quanto ao nível social-econômico e ao grau de contato com a arte.

Houssen não teve como objetivo a ampliação de conhecimento ao entrevistado e nem a formação de vínculos. Focou a percepção inicial individual verbalizada diante das obras escolhidas e depois estabeleceu diferentes categorias, às quais chamou de “níveis de desenvolvimento estético”. Contudo, aqui foi tomado como referência apenas primeira parte de seu trabalho, que consistiu em estimular a verbalização das primeiras impressões dos fruidores.

2º) *Mediação*

A *Mediação* propriamente dita é uma etapa com intenção de ampliar os conhecimentos do fruidor por meio de um caminho individualizado, tendo como base teórica a metodologia de Robert Willian Ott (1977).

O método denominado como “Image Watching” foi elaborado por Ott em pesquisa de campo, no trabalho com alunos de diferentes bagagens e experiências artísticas, abordando inclusive exposições por ele não previamente conhecidas. Sua elaboração se deu na década de oitenta, quando Ott foi professor das disciplinas referentes a museu e educação e prática de ensino no Departamento de Arte-educação da Penn State University, na Pensilvânia.

No Brasil este método é bastante difundido, tendo entre seus divulgadores Ana Mae Barbosa (1977) e Christina Rizzi (2000). O MAC/USÃO PAULO, Museu de Arte Contemporânea da USP e o Museu Lasar Segall figuram entre os que trabalham baseados nessas idéias.

“Image Watching” é organizado em seis etapas, bem definidas e articuladas. Por meio de perguntas, cabe ao mediador levar o fruidor à reflexão e conduzir a mediação, obedecendo à seqüência pré-estabelecida.

O processo se inicia com o *Aquecimento*, que consiste em uma sensibilização frente à obra, preparando uma atmosfera favorável à percepção da obra.



Na primeira etapa da mediação propriamente dita tem-se o *Descrevendo*, que levanta questões sobre a percepção primeira e enumeração do que está sendo visto.

Analisando é a etapa em que é feita uma análise do ponto de vista formal e técnico da obra, ainda se refere ao que está sendo visto de fato na obra.

No *Interpretando*, levanta-se informações mais subjetivas referentes ao que a obra despertou no fruidor. Aqui entram as sensações, sentimentos, significados.

No *Fundamentando* o mediador trabalha com a ampliação de informações sobre a obra, o artista, e a sua contextualização.

Por fim, no *Revelando*, o fruidor revela no fazer artístico o conhecimento por ele construído/vivenciado no decorrer da experiência.

A viabilização deste método para a mediação junto à *Estação Sumaré* previu diversas adaptações. O primeiro momento elaborado por Ott, o *Aquecimento*, seria trabalhado no que chamamos de *Provocação* (baseado em Houssen, como já explicado anteriormente). E a última etapa, o *Revelando*, se daria por meio de uma criação poética verbal, na impossibilidade de se realizar um trabalho plástico pelo fruidor.

3º) *Coleta de dados do entrevistado e Avaliação da Experiência*

Ao final da entrevista seriam coletados os dados sobre o participante. No caso de entrevistados desconhecidos, somente nesta fase se tomaria conhecimento da sua escolaridade e do grau de contato com a arte, entre outras informações. Este momento foi aproveitado para se levantar artistas e exposições de arte pertencentes ao repertório dos fruidores. E uma rápida avaliação da experiência vivida encerra a entrevista.

A elaboração dos roteiros

Além da teoria discutida acima, a minha visão pessoal e afetiva da obra, também ajudou a determinar os focos, os pontos que eu desejava investigar. Depois de discutir e definir todas as questões com minha orientadora, ficou determinado um roteiro que parecia dar conta das principais informações a serem levantadas, assim como, asseguraria a tentativa de uma experiência estética significativa ao fruidor (Dewey, 1974).



Notou-se que o roteiro utilizado nas entrevistas iniciais era interessante e trazia muitas informações, mas um tanto longo e seriam necessários cerca de 30 minutos para concluí-lo, respeitando os instantes de pausa necessários para a apreciação e entendimento do fruidor. Em grande parte dos casos os transeuntes abordados disponibilizaram seu tempo para participar da pesquisa de forma bastante restrita.

A fim de se valorizar o trabalho de mediação, ainda que rápido e de se minimizar a interrupção brusca das entrevistas com a perda da coleta de dados do entrevistado, optou-se por dois modelos de roteiros: o “longo” e o “breve”. O último seria respondido até onde fosse possível e os dados pessoais colhidos de modo mais sucinto.

Determinamos que esses roteiros serviriam como base flexível para as entrevistas e que na prática se buscaria adequá-los à cada situação em particular: a disponibilidade do entrevistado, seu vocabulário, interesse, motivações, conceitos, etc.

Abaixo, segue-se o primeiro modelo, juntamente com o embasamento teórico de seus diferentes momentos. As palavras grifadas referem-se às “palavras-chave” de cada questão.

“Roteiro longo” de entrevista:

ACOLHIMENTO/Apresentação pessoal:

Meu nome é Rita, sou professora de Arte, você poderia me dar uma entrevista? Qual o seu nome? Você se importaria se eu gravasse?...(não mencionar a palavra “pesquisa” para evitar barreiras).

Você passa sempre por aqui?

Você sabe me dizer o que é isto? (sabe se tratar de uma obra de arte?)

Você conhece esta obra?

PROVOCAÇÃO:

O que você percebe nesta obra?

O lhe chama a atenção?

O que lhe vêm à cabeça enquanto olha?

(Notar também os gestos e as expressões físicas e faciais do fruidor.)

MEDIAÇÃO:

Descrevendo

- O que essas imagens têm em comum?
- Quais as cores usadas?
- O texto é igual em todas as imagens?
- Como é a distribuição das imagens?
- As imagens são todas diferentes ou se repetem?

Analisando

- Como você acha que o artista fez?
- Que tipo de foto ele usou?
- Como está distribuído o texto?
- Como as letras foram feitas?
- Como é o fundo da obra?

Interpretando

- Quem são essas pessoas?
- Onde você acha que o artista arrumou estas fotos?
- Que sensação você tem quando as observa?
- O que elas lembram?
- Existe alguma relação entre a obra e o local onde ela está?
- O que você acha das figuras?
- O que você acha da transparência

(Observando mais atentamente uma figura:)

- É possível ler o texto?
- O texto lembra algo?
- Por que está escrito assim?
- Quem escreveu este texto?
- Existe relação entre o texto e a figura?

Fundamentando (Idéias gerais)

- Essa obra se chama Estação Sumaré.
- Foi feita por Alex Flemming, um artista brasileiro de 48 anos em 1998, sob encomenda do metrô.
- Por que ele deu esse nome à obra?
- As pessoas retratadas são pessoas comuns que foram fotografados pelo artista.
- Os textos se referem a poesias e letras da MPB.
- Por que será que o artista usou esses textos junto das figuras?



Revelando

Fale uma palavra que represente esta obra

Mande uma mensagem para o artista

DADOS PESSOAIS:

Nome:

Idade:

Onde nasceu:

Onde os pais nasceram:

Mora com:

Ocupação:

Ocupação dos pais:

"Hobby":

Escolaridade:

Escola pública ou particular:

Cite artistas que você gosta.

- . cite artistas plásticos
- . cite três artistas plásticos brasileiros
- . cite três artistas plásticos brasileiros vivos

Já cursou arte?

Já viu obras de arte na cidade?

Já foi a algum museu ou exposição de arte? Qual?

. qual a exposição de arte que mais lhe marcou?

AVALIAÇÃO DO ENTREVISTADO:

Qual a diferença entre a leitura solitária e a compartilhada?

Dê uma palavra que expresse esta experiência

Dê um cheiro que expresse esta experiência. Por quê?

O quê você leva para casa desta experiência?

O que tem vontade de fazer agora?

O que vai contar para as pessoas?

"Roteiro breve" de entrevista:

Esta versão teoricamente é bastante semelhante à do "Roteiro completo", porém mais "enxuta".



Foi decidido que sua aplicação prática seguiria os momentos do *Acolhimento* e *Provocação*. A “Mediação” aconteceria até onde fosse possível, para então partir para uma rápida “Fundamentação”, pois interessava ao pesquisador que mesmo com o tempo curto, o fruidor tivesse uma ampliação acerca da obra.

Foram suprimidas a etapa “Revelando” da Mediação e a Avaliação do entrevistado. Os dados pessoais solicitados também são mais resumidos:

DADOS PESSOAIS (Roteiro breve):

Nome:

Idade:

Onde nasceu:

Ocupação:

Escolaridade:

Escola pública ou particular:

Cite artistas plásticos que você gosta.

Já curvou arte?

Já foi a algum museu ou exposição de arte? Qual?



Os passageiros entrevistados

Optei trabalhar apenas com adultos, considerando a idade mínima de 18 anos.

O objetivo era de registrar o olhar de 22 pessoas diferentes. Esse número corresponde ao número de retratados na obra.

No processo houve pessoas que se recusaram a participar, e algumas entrevistas foram interrompidas logo no início, de maneira que não foi possível coletar os dados do entrevistado. Nesse caso, foram descartadas.

Para esta pesquisa trabalhamos com os dados de 22 entrevistas realizadas no período de 20/01/2002 a 08/03/2002, com duração variável, conforme a disponibilidade do entrevistado. Grande parte delas têm de 10 a 35 minutos e a mais longa tem cerca de 80 minutos.

Os participantes foram entrevistados em diferentes horas do dia e dias da semana, sendo que a maior parte das entrevistas foi realizada nos finais de semana, após a verificação de que as pessoas se mostravam mais dispostas/disponíveis.

Do total, 4 entrevistados foram convidados e 18 foram abordados ao acaso. No caso dos convidados, todos se encontram na faixa entre 32 e 38 anos de idade, têm nível superior e atuam em áreas não relacionadas à arte.

Para a escolha dos transeuntes, não foi usado nenhum método específico, procurou-se intuitivamente uma certa diversidade social e cultural. Dessa maneira, foram entrevistadas pessoas com diferentes graus de escolaridade e profissões, sendo que apenas uma delas tinha seu trabalho mais próximo da área artística,

Em todo o grupo observa-se que o contato anterior com a arte é bastante variado. Alguns afirmaram nunca ter visitado nenhuma exposição, outros viram algumas exposições recentes, e há os que já viajaram para o exterior e conheceram alguns dos mais importantes museus de arte do mundo.

No Anexo ao final do trabalho, encontra-se uma tabela com os dados de todos os entrevistados participantes, assim como as transcrições das entrevistas que foram analisadas no Capítulo III.

Para facilitar, no corpo do trabalho, cada vez que é citado um trecho de entrevista, é utilizado um código, onde o primeiro número se refere ao número da entrevista,



as letras se referem ao tipo de entrevista: *Longa* (L) ou *Breve* (B) e se o entrevistado foi *convidado* com antecedência (C) ou *transeunte* desconhecido (T) e o último número indica a idade do participante.

Em seguida, são expostas as convenções adotadas para a transcrição das entrevistas:

- . Referências à linguagem oral.
- . No texto das entrevistas é utilizado corpo 11, a fim de diferenciá-lo do restante do texto.
- . É utilizado o primeiro nome do fruidor, e o mediador é representado pela letra M.
- . O sinal //// indica palavras ou frases não decodificadas, devido principalmente ao ruído ambiente e à pronúncia do entrevistado.
- . Existem momentos em que as falas são entrecortadas pela fala do outro. Nesse caso, são indicadas entre parênteses.



Dessa janela não dá para ver tudo... – Limitações da metodologia

A presente metodologia se mostra bastante adequada à pesquisa, porém apresenta limitações que devem ser apontadas.

Por se tratar de estudo qualitativo, não permite generalizações e as conclusões se referem somente ao grupo participante da experiência.

Como já discutido anteriormente, o enfoque fenomenológico trabalha com a subjetividade, enriquecendo as reflexões e abrindo espaço para uma grande gama de possibilidades. Porém, ao contrário do pensamento positivista puro, não oferece certezas.

A Fenomenologia possui suas limitações intrínsecas. Uma delas é que a própria “redução fenomenológica”, exigida como pressuposto para este “método”, nunca é completa. Ou seja, não nos é possível atingir plenamente o estado de “admiração”, a tomada de consciência do mundo. (Merleau-Ponty, 1971, p.11).

“É em nós mesmos que encontraremos a unidade da Fenomenologia e seu verdadeiro sentido.” Essa afirmação de Merleau-Ponty (1971,p.6), indica o quanto ela é atrelada ao subjetivo, apesar de partir “das coisas mesmas”. Feita esta escolha, corre-se o risco do trabalho se enveredar por caminhos que só fazem sentido a quem o construiu. Apesar de tudo, este é um risco que parece valer a pena...

No processo da mediação, procurou-se captar dados sobre as experiências sensíveis, porém fiquei limitada somente à expressão verbal (apenas algumas expressões faciais e corporais dos entrevistados, muito evidentes, foram notificadas). Sabe-se que as palavras representam somente a “ponta do iceberg” da experiência vivida. Com certeza, muitas informações ficaram de fora.

Na transcrição das fitas, perdem-se muitos dados da situação real. É impossível traduzir a realidade, tal como ela é (como a própria Fenomenologia afirma). Além disso, em vários momentos, o ruído ambiente impediu a decodificação da fala dos entrevistados.

Depender unicamente do uso gravador também é um risco. Registro aqui, que por um “acidente”, perdi quase toda a gravação da entrevista com Alex Flemming frente à sua obra. Embora eu considere as anotações e lembranças do encontro, do qual Mirian Celeste também participou, como suficientes para desenvolver este trabalho, essa perda é lastimável.



Depois de muitas entrevistas gravadas, é chegada a hora de voltar para a casa e me debruçar sobre elas. É preciso que sejam analisadas com olhos cuidadosos, para que se possa desvendar seus encontros sensíveis.



III – VOLTO PARA CASA: DECIFRAR ENCONTROS

Somos um para o outro colaboradores numa reciprocidade perfeita, nossas perspectivas deslizam uma na outra, coexistindo através do mesmo mundo.

Merleau-Ponty



Encontro-me agora pensando em encontros... Nos encontros que, entrelaçados, formaram a experiência de mediação e envolveram o mediador, o fruidor e a obra.

Hoje noto que, diversas das questões apontadas no Exame de Qualificação como possibilidades de encaminhamento são sustentadas pelo desejo de compreender e refletir sobre os pequenos encontros vividos. Penso que, no início deste trabalho, ainda que inconsciente, eu buscava de alguma maneira estabelecer encontros com o outro, fosse este conhecido ou desconhecido.

Hoje, cerca de um ano depois da experiência das entrevistas, ao analisar suas transcrições, noto que a busca de aproximação e criação de vínculos se deu de várias maneiras, em diversos momentos.

Encaro o material que tenho em mãos como desafiador e rico em possibilidades. Como analisar tais dados, como lidar com a escolha de um caminho que valoriza a subjetividade, porém sem deixar perder-me nela?

Assim como a obra de arte suscita diferentes leituras de acordo com aquele que a vê, reconheço minha análise como bastante particular e imagino que outros, com esse material na mão, fariam um trabalho diferente que envolveria outras escolhas, outros focos. Tomo aqui a liberdade de compartilhar pequenos achados que considero importantes...

Norteadas pelas perguntas iniciais, optei em dividir a análise específica sobre a mediação em duas partes. A primeira parte procura analisar determinados pontos e para isso foram usados trechos “pinçados” das várias entrevistas. A intenção não é de separar sistematicamente as experiências, mas de desvelar certos aspectos: o encontro do fruidor com o mediador, ao encontro do fruidor com a obra e do fruidor consigo mesmo, além de uma breve reflexão sobre os limites do contexto. Quero ressaltar, porém, que na riqueza da experiência de mediação, estes diversos encontros se dão de maneira integrada e não isolada.

Em seguida, na segunda parte, trato do encontro particular com o artista, frente à sua criação e que, veio a enriquecer valiosamente meu “saber sensível” sobre a obra e a pesquisa.



ENCONTROS NA EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO

Neste local de encontro, não há sábios ou ignorantes, apenas homens, que juntos querem aprender mais.

Paulo Freire

Buscando a aproximação e formação de vínculo com os fruidores.

Vivemos em um contexto onde é comum sermos abordados por estranhos que se aproximam para pedir algo. Pedidos de informações, de esmolas e participação em pesquisas de opinião e de mercado são corriqueiros nos ambientes públicos da cidade.

A abordagem de desconhecidos na plataforma do metrô representou um desafio. Como me aproximar das pessoas, convidá-las a participar, gerar empatia e ganhar confiança suficiente para que se abrissem à experiência?

Reflito agora sobre pequenas ações facilitadoras que hoje são analisadas no sentido de refletir sobre as qualidades dos encontros que procurei realizar.

Na abordagem dos transeuntes procurei manter uma postura discreta e simpática, ao me apresentar como professora de Arte e convidar para a participação em um “trabalho”. Não mencionei a palavra “pesquisa” para não gerar barreiras.

Logo no convite, disse o meu e solicitei os *nomes das pessoas*. No momento, não havia pensado muito nisso, mas hoje noto que tratar o outro pelo seu nome foi importante para a formação de vínculos. Lembro-me da “crise de identidade” do homem contemporâneo. (Kujawsky, 1988, p. 54). Em meio à multidão de anônimos, é bom sentirmos valorizada a nossa identidade. Verifica-se em várias entrevistas, que no seu transcorrer, repito os nomes dos participantes, continuando nossa conversa.

É bem possível que a minha aproximação e abordagem fossem encaradas mais tranqüilamente pelo fato de eu ser mulher e representar, à primeira vista “menor perigo” do que a imagem de um homem desconhecido. De qualquer maneira, fiquei surpresa ao notar que a maior parte dos abordados tenha aceitado prontamente o convite.



Em seguida, foi pedida *autorização para gravar* em fita cassete a entrevista. Os entrevistados concordaram e não se mostraram incomodados com a gravação. Ao longo da entrevista, por vezes se esqueceram completamente do gravador, sinal de que estavam absorvidos pela obra e pela conversa gerada por ela.

A minha *postura atenta* continuou durante as entrevistas. Lembro-me de por vezes ter olhado diretamente nos olhos das pessoas e meu corpo deve ter demonstrado o interesse sincero com que ouvia e observava os fruidores. Tais atitudes não são pensadas. Há coisas que o corpo “sabe” e simplesmente faz.

A fim de despertar a sensibilidade do outro, era importante que eu estivesse sensível a ele. Olhar de fato para aquele que olha e não apenas me preocupar em “coletar dados”.

Outra questão trabalhada foi a de *valorizar as respostas e a participação*. No caso de Lúcia, trato-a pelo nome e coloco suas observações como “interessantes”:

Mediadora: Como você acha, Lucia, que o artista fez essa obra? Como você acha que ele trabalhou?

Lúcia: Acho que é uma foto primeiro, inicialmente e depois disso, alguma película gravada colocada no vidro.

Mediadora: Interessante... Foto realmente é. Agora... que tipo de foto ele usou?
(Entrevista 1/ L-T/ 52 anos)

Além da valorização despertar ao fruidor a confiança em suas próprias afirmações, ela constitui um elemento facilitador do vínculo entre o fruidor e o mediador.

Apesar de sua percepção aguçada, espontaneidade e facilidade para falar, Claudia não se considerava com “habilidade” suficiente para de imediato, dar respostas que considerasse como “certas”. Isso a deixava aflita e precisava ser encorajada:

Mediadora: Como é que estão as expressões?

Cláudia: Tensa, na maioria... Aquela ali está mais simpática, mas por exemplo, aquela está tensa... Não sei se é isso mesmo a idéia, que na verdade a gente passa por aqui, a gente deve passar por aqui com essa cara, tenso para o trabalho, indo para o trabalho. Eu acho que é isso. *Eu não sou muito boa para isso...*

Mediadora: Não, tá ótimo, tá ótimo! Você falou do texto, né? Então, queria pedir para você escolher uma figura, uma imagem pra gente parar e olhar de perto.
(Entrevista 2/ L-C/ 32 anos)

O *incentivo* deixou Claudia mais segura das suas potencialidades como fruidora e permitiu que relacionasse a *Estação Sumaré* com outra obra, vista recentemente por ela:



Mediadora: Traz alguma lembrança para você, Claudia, quando você olha para essas imagens?

Cláudia: Eu quero entender o que os artistas têm na mente, eles são brilhantes, eh...mas eu preciso aprender ainda...

Mediadora: Mas você está indo muito bem, eu te garanto.

Cláudia: Não... eu acho muito bonito, te falei que fui naquela exposição na Oca////². Quando eu vejo uma coisa muito legal, como a Casa do Ben, eu abro um sorriso, aí fico pensando: por que estou sorrindo? Sei lá, que demais! Que cara maluco, como ele teve essa idéia? Isso aqui é um pouco isso, parece que as pessoas estão nas janelinhas, então você nunca tá sozinho aqui, você chega e sempre tem alguém para te ver. Eu acho isso. (Entrevista 2/ L-C/ 32 anos)

Como visto acima, o incentivo abriu brechas para que Cláudia mergulhasse na obra, relacionando-a com outras obras e vivências anteriores. Vemos aqui um exemplo de encontro sensível, temos uma experiência, que vai muito além do reconhecimento a que Dewey se refere. (1980, p. 102)

Para mim era claro que, nos encontros o papel de “protagonista” fora reservado aos *fruidores*, fossem convidados ou transeuntes. Apesar da importância de uma atuação efetiva e ativa como mediadora, não almejei o brilho dos holofotes.

Quando assistimos a programas de entrevista na TV, não é horrível observar que muitas vezes o entrevistador aparece mais que o entrevistado? Se lhe é perguntado algo, por que não lhe dar a devida atenção e tempo para sua resposta?

Não desejo aqui colocar em discussão os limites e peculiaridades de uma entrevista veiculada pela mídia, mas penso que a atitude de auto-valorização do entrevistador reflete uma visão autoritária e desrespeitosa, totalmente desfavorável à formação de vínculos e à construção de conhecimento.

Os fruidores não são meros “objetos”, dominados a fim de se obter e usufruir das respostas e dados que interessem ao mediador. Ao fazer esta análise, considero que os fruidores foram meus “companheiros de jogo” da mediação.

Respeitar significa conceder liberdade a cada realidade para ser o que é e o que está chamada a dar de si. Esta atitude de respeito nos impede de *reduzir* as realidades do meio ambiente a meios para nossos fins. E nos leva a considerá-las como possíveis *companheiros de jogo* na tarefa de desenvolver as próprias virtualidades(...)nos revela a necessidade de fazer uma virada espiritual e substituir o *ideal de domínio pelo ideal de unidade*. (Quintás, 1993, p. 20, grifos do autor).

² A exposição na Oca (no Ibirapuera, em São Paulo) era *Parade- 1901-2001, cem anos de Arte*, realizada entre outubro de 2001 e janeiro de 2002 e a obra citada era de Ben Vautier (1935), *A loja de Ben* 1958-1973, instalação com materiais diversos, 350x500x350 cm.



Como vemos, segundo as idéias de Quintás, o respeito leva à criação de um ambiente onde reina a *unidade*, possibilitando o encontro.

E como “jogar” com companheiros que acabamos de conhecer? Os fruidores *desconhecidos* trazem consigo o desafio da *incógnita* e a *intuição* é fundamental ao buscar as brechas, as “vias de acesso” a que Mirian Celeste Martins se refere como o grande desafio do mediador (2000, p.6). Tudo acontece muito rápido, as micro-decisões são imediatas.

Por outro lado, a mediação junto a *pessoas conhecidas* requer um esforço do mediador em se desfazer de *idéias pré-concebidas* e expectativas acerca da participação de seu convidado, e se for o caso, também aliviá-lo de sua expectativa em “acertar”, em “se sair bem”, como já comentado sobre o caso de Claudia.

Respeitar os tempos individuais e os silêncios faz parte de um processo democrático de mediação. Assim como as leituras da obra são particulares, as reações perceptíveis e imperceptíveis perante ela também o são. Em Dewey, vemos que o silêncio não é “ponto morto”, mas integrante da experiência estética:

Devido a seu contínuo ressurgir, não há brechas, juntas mecânicas, nem pontos mortos, quando temos uma experiência. Há *pausas, lugares de descanso*, mas elas pontuam e definem a qualidade do movimento (1974, p.90, grifos do autor)

O silêncio não é sinônimo de ausência e verborragia não é sinônimo de sensibilização ou entendimento. As longas pausas e as dificuldades de verbalização podem ter causas diversas como: insegurança, timidez; ou simplesmente ser um tempo necessário para a fruição e suas sensações inerentes e organização das idéias. Detectar sua origem e trabalhar com essas dificuldades foge aos objetivos e alcance da presente pesquisa. Apenas gostaria de ressaltar aqui que a busca de compreensão do outro abarca também a disponibilidade de *respeitar* a sua *verbalização*.

Influenciados por uma sociedade que valoriza o quantitativo, o produto visível e imediato, por vezes, ficamos perdidos diante da incógnita do silêncio do outro. Parecemos nos esquecer de como ele é necessário à nossa existência. Os ruídos potencializados na “modernidade tardia” (Duarte, 2001) sufocam o silêncio no ambiente urbano, da mesma forma que, abortam o silêncio íntimo, essencial às sensações. É o que nos diz o belo trecho de Michel Cerres, citado por Martins (2001):

A sensação nos guia e nos defende, sem ela morreríamos, corpos explodidos, decepados pelas forças físicas, pelo poder do social e pelas dores íntimas. Ela

apresenta, como um ninho, uma vizinhança ou uma parede mole de espinhos duros e, em sua cavidade dura, gera o sentido doce. Que sai dessa cavidade e voa. A sensação mergulha, portanto, no silêncio receptivo. Entendam isso como uma verdade sensível, como a verdade dos sentidos. A mudez inunda nossos sentidos. O silêncio constrói o ninho, o habitat da sensação. Sem ele, ela não existe.

Como mediadora, notei a necessidade de controlar a minha ansiedade e encorajar, estimular, mas sem forçar o outro. A situação em que ele se encontra não é natural, é provocada, portanto, é interessante que seja colocado o mais à vontade possível.

Em alguns casos, como o do entrevistado Marcos (Entrevista 6/ L-C/36 anos), nota-se que o fruidor fala bastante, vai repetindo palavras e expressões, como se buscasse se organizar e expressar muito do que está pensando. A experiência estética gera uma rica elaboração de pensamentos ou sentimentos, intuições, sensações... Já no caso de André (Entrevista 11/B-T/ 18 anos), suas falas são curtas e secas. Também é impossível saber até que ponto a conversa foi afetada por fatores como inibição, cansaço, sono, etc.

Na presente pesquisa estou trabalhando especialmente com os dados verbalizados nas entrevistas. Mas sabemos que a experiência não pode ser convertida integralmente em palavras. A expressão facial e corporal dizem muito, pois o “diálogo” estabelecido na mediação não é apenas oral, é também corporal. Assim como na vida cotidiana, a percepção desses elementos foi essencial para a mediação frente à obra de arte. “Um olhar vale por mil palavras”, diz a sabedoria popular.

Apesar de meu interesse em prolongar a conversa, o roteiro de entrevista foi pensado em duas versões: “longo” e “breve”, a fim de *respeitar a disponibilidade* do fruidor. Como mediadora, eu deveria ficar atenta também aos sinais não-verbais emitidos, indicadores da intenção de parar a entrevista ou a possibilidade de continuá-la.

No caso da mediação com Júlio, foi perguntado diretamente sobre a sua disponibilidade. Mais adiante, a coleta dos dados pessoais de Júlio seria bruscamente interrompida pela chegada do trem. Pedi então para *acompanhá-lo dentro do vagão*:

Mediadora: Você se incomoda se eu entrar com você...

Júlio: Vamos!

M.: Só para não perder o finalzinho....

(Entrevista 3/B-T/ 21 anos)

Ao pensar sobre isso, impossível não esboçar um sorriso, acho graça em lembrar certas cenas. Pedir para acompanhar uma pessoa que acabei de conhecer?

No momento esse desejo foi natural para mim, e correspondido por ele. A *confiança* e *empatia* proporcionadas pelo *vínculo* que acabara de ser construído possibilitou isso. Diante desse pedido, apenas uma pessoa teve reação ríspida. O restante não se mostrou incomodado em ser acompanhado por mais alguns minutos. E eu, que normalmente sou tímida, não tive dificuldades, porque o *encontro entre os âmbitos* de duas pessoas foi estabelecido. (Quintás, 1993, p. 18)

Acredito que no final das entrevistas, a *palavra-síntese sobre a experiência* e a *opinião sobre a experiência compartilhada* também expressem algo sobre o vínculo formado entre fruidor-mediador. Vejamos o caso de Lúcia:

Mediadora: Vou te pedir uma palavra para representar a experiência que você teve aqui, a experiência que você vivenciou.

Lúcia: Novo.

M.: Bom... Um cheiro para representar a experiência que a gente viveu aqui...

Lúcia: Erva-doce, está um cheiro bom aqui.

M.: O que você leva para casa desta experiência?

Lúcia: Talvez a necessidade de investir mais no olhar, mais...

(Entrevista 1/ L-T/ 52 anos)

Em diversos trechos da entrevista com o Sr. Eduardo, percebe-se nitidamente que a afetividade marcou o encontro fruidor/mediador, como podemos ver abaixo:

M.: Se eu pedisse uma palavra que sintetize a obra, nossa conversa, o que nós vivemos aqui.

Sr. Eduardo: Muito agradável

M.: O que o Senhor leva para casa desta experiência?

Sr. Eduardo: Ahn, um pouco de alegria, um pouco de contentamento, de ver que, que o meu fim de dia pelo menos, alguma coisa eu aprendi mais uma coisa na Terra.

M.: Teve algumas surpresas.

Sr. Eduardo: Sem dúvida alguma, muito agradável.

M.: Eu também tive...

Sr. Eduardo: Eu lhe agradeço.

(Entrevista 4/ L-T/ 61 anos)

Após a análise dos trechos acima, é possível dizer que de maneira geral a afetividade e a abertura marcaram os encontros fruidor/mediador. Passemos agora a analisar outros encontros...

Buscando facilitar o encontro entre o fruidor e a obra.

Os vínculos formados entre o mediador e o fruidor discutidos anteriormente objetivaram aproximar o fruidor à obra. Não será essa a primeira e grande tarefa do mediador?



Quais as decisões e ações específicas que tiveram por objetivo facilitar o encontro fruidor-obra? Passo agora a analisá-las.

Para facilitar a *abertura e sensibilidade* frente à obra, em vários momentos da mediação foi perguntado aos fruidores sobre as “sensações” e “sentimentos” despertados e sobre “o que lhes chamava a atenção”. As respostas são pessoais e subjetivas, não existe uma resposta única para tais questões e isso minimiza possíveis obstáculos gerados pela incerteza, pela falta de conhecimento “erudito” ou formal sobre o assunto, pelo querer dar a resposta “certa”.

Perguntas que geram respostas pessoais podem levar uma trégua ao pensamento cartesiano dominante. A idéia era estimular as pessoas a se expressarem a partir de sua percepção, valorizar o conhecimento primeiro, anterior às elaborações intelectuais e à conceituação. Essa é uma das premissas da Fenomenologia, definida por Merleau-Ponty como “um retorno às coisas mesmas” (1971, p. 6).

Essa escolha teórica/metodológica marcou o ponto de partida rumo à construção de um “saber sensível” (Duarte, 2001, p. 14), fruto da “razão sensível”, proposta por Maffesoli (1998).

A resposta dada pelo Sr. Eduardo evidencia este lado sensível:

Mediadora: E quando o senhor observa essas imagens, essas pessoas, que sentimento que vempara o senhor?

Sr. Eduardo: Ahn... ahn... Tem versos muito bonitos acerca da... aproximação das pessoas do convívio do dia a dia, né e isso faz com que a gente não se sinta, sinta tão só por ver tanta gente, é sempre...gratificante. É que nem aquele livro que a gente abre de surpresa em tal página, e ...não sei como se chama aquele livro, é mais ou menos isso, isto equivale a isso, imagino eu.

(Entrevista 4/ L-T/ 61 anos)

Observa-se uma variedade de enfoques nas respostas dadas pelo grupo diante de tais perguntas. Ao serem questionados sobre suas *sensações*, Alexandre e Cláudia falaram da integração da obra com o espaço:

Mediadora: O que mais te chama a atenção?

Alexandre: Hummm, me parece que existe repetição, não estou bem certo disso agora, ah, outra coisa que chama a atenção é que ela está ... é, perfeitamente ligada ao ambiente, ou seja ah, as pessoas parecem estão integrando com os passageiros da, da, estação. Eles compõem, eles dão, eles estão ligados ao ambiente, o único fato que eu não vejo explicação total é justamente essa... escrita.

Mediadora: Que sensação que você tem quando você olha?



Alexandre: A sensação de... eh... deixa eu ver... a sensação de eh, uma coisa muito natural, assim, a foto, é muito natural, ela está perfeitamente adaptada ao espaço, de maneira alguma ela força ou ela apresenta elemento conflitante, ela está extremamente adaptada.
(Entrevista 5/ L-C/ 34 anos)

Mediadora: Olhando de uma forma geral , assim quando você olha a obra como um todo, que sensação que você sente?

Cláudia: Eu acho simpático, eu acho que se não tivesse a obra, ia ficar muito... descaracterizado, porque até é engraçado, quando eu falei que vinha aqui ver uma obra e tudo mundo sabe e reconhece a Estação Sumaré pela obra. Ela deu uma cara, ela deu uma cara diferente////////// ela personifica a estação. Eu acho isso legal

Mediadora: Então você acha que tem uma relação da obra com o espaço?

Cláudia: Sim, eu acho que sim.

(Entrevista 2/ L-C/ 32 anos)

Para responder à pergunta, Marcos se atentou a determinados aspectos formais da obra, como as cores e o tamanho das imagens:

Mediadora: O que mais te chama a atenção quando você olha?

Marcos: Olha, o que mais me chamou a atenção, primeiro as figuras ou as fotografias, ou as reproduções são em tamanho quase que natural, entretanto elas destacam o busto, pegando mais ou menos do peito, do tronco até a cabeça, são figuras bem grandes, tá bem nítido, e são preto e branco, não é colorido. Então basicamente foi isso que me chamou a atenção. o fato do tamanho do retrato da figura, e o fato de ser preto e branco e as fotografias e serem coloridas, as letras que parece que passam por cima das figuras algumas são coloridas, mas pelo menos pra mim, as cores, que mais chama a atenção o que mais se destacam são o preto e o branco (hum, hum, certo!).
(Entrevista 6/ L-C/ 36 anos)

Júlio diz que não havia pensado sobre o assunto, mas a pergunta faz com que ele se torne *mais consciente de sua curiosidade*. A curiosidade causa uma inquietação, que pode mover o fruidor a construir sentido para o que vê. Essa busca de sentido requer uma atitude ativa e intencionada de encontro com a realidade.

Júlio: O que eu percebo? Nunca pensei nisso, na verdade. Ah, não sei. Acho que é a cara do nosso país, né? Gente de todas as raças, de todas as cores, acho que retrata um pouco disso. Queria entender as letrinhas aí...Me deixa um pouco... fugiu a palavra agora. Queria entender...

(Entrevista 3/ B-T/ 21 anos)

No caso de Júlio, assim como de todos os entrevistados transeuntes, é impossível sabermos sobre suas atitudes posteriores à mediação desencadeadas pela curiosidade. Embora depois eu tivesse mantido contato com os fruidores convidados, preferi nada perguntar sobre as repercussões da experiência vivida



(Estudar as repercussões do encontro estético me parece extremamente instigante...Isso fica reservado como uma das possibilidades de continuidade da pesquisa...)

De qualquer maneira, penso que *despertar a curiosidade e apropriar-se* dela representa uma *poderosa chave* que abre a porta do encontro com a obra. A seguinte citação parece muito pertinente neste momento:

“A curiosidade(...) não está unida a ver ou, digamos inclusive, a experimentar para compreender o que é certo. Busca o *novo* exclusivamente para ressurgir, a partir dali, para outra novidade. Não se une à verdade para ficar nela, mas tenta as várias possibilidades que lhe são oferecidas de se entregar ao mundo. (G. Marcel in Quintás, 1983, p. 95)

Com poucas palavras, Luciana expressa suas primeiras impressões. Com a insistência sobre o que a obra lhe desperta, ela relaciona as figuras com sua experiência de ter sido moradora em São Paulo:

Mediadora: O que vem na cabeça quando você olha ? O que você percebe nessa obra ?

Luciana: Povo, homem, caras, povo

M.: Mais alguma coisa ?

Luciana: É difícil né, a gente olha assim sempre rapidinho... Então o que me ocorre é uma coisa meio, mais de caráter artístico, de um caráter mais humano

M.: Posso te acompanhar, só para eu não perder a entrevista ?

é rapidinho só para pegar alguns dados ?

traz alguma lembrança pra você ?

alguma coisa ? essas imagens ?

Luciana: Particularmente me traz, me remete a quando eu morava aqui,

M.: Então você se lembra disso, olhando as imagens das pessoas...

Luciana: Me lembra São Paulo: as pessoas meio sérias, algumas bem sofridas, assim.

(Entrevista 7/ B-T/ 36 anos)

O encontro não necessita ser promovido necessariamente a partir de sentimentos e sensações agradáveis despertadas pela obra. O desagrado e o *desprazer* por vezes fazem parte da experiência estética. É o “padecer” a que Dewey faz referência (1980, p. 93)

A condição humana de *estar no mundo* por vezes é angustiante. Nos rendermos à aproximação de algo que não nos agrada de imediato representa uma atitude de *respeito à realidade como ela é*, superando idealizações mentais de como ela *deveria ser* voltada para o nosso simples bel-prazer. Dessa forma, nos encontramos de fato com a realidade, tratada como a conjunção de diversos “âmbitos”, ricos em possibilidades e não como simples objetos tratados de maneira reducionista,



amputados daquilo que não nos interessa. (Quintás, 1983, p.19) Nesse sentido, Maffesoli também nos recomenda a viver com inteireza a experiência da existência:

É na dor e no sangue que se nasce para a existência. Mas é no maravilhar-se que é possível, bem ou mal, ir vivendo. É integrando tudo isso que se saberá ser o menos infiel possível à efervescência existencial característica da socialidade contemporânea. (1998, p. 23)

A fala de Eduardo evidencia sua aversão pela obra. A fisionomia séria dos retratados o incomoda. Fui trabalhando a partir de suas falas, para que ele fosse se aprofundando e se apropriando de suas idéias:

Mediadora: Então o que você percebe, você falou que acha depressivo, o que mais você percebe nessa obra?

Eduardo: Ah... acho que a fisionomia das das pessoas é muito triste, aqui em São Paulo já tem muita coisa triste, para chegar aqui no metrô e ver essas fisionomias. Então essa é minha opinião. Deviam ser figuras mais alegres... ou então figuras que não tem no cotidiano aqui em São Paulo: figuras bucólicas, figuras do campo, uma praia não sei, não pessoas com fisionomia assim, assim a gente já vê aos montes aqui em São Paulo

M.: Como você vê pelas ruas...

Eduardo: Exatamente, acho que o metrô poderia ser um lugar mais alegre

M.: Você precisa pegar esse trem ?

Eduardo: Eh... não.

M.: Você pode esperar mais um ? Te agradeço...

O que te chama mais atenção, então, você sempre passa por aqui ?////

Eduardo: Realmente a fisionomia das pessoas, agora o que está escrito eu não consigo entender direito, eh, eu não sei se eu não entendi direito essa mensagem o que tá escrito não consegui pegar

M.: Tá, e se eu perguntasse para você quem são essas pessoas?

Eduardo: Acho que essas pessoas fazem parte do cotidiano de São Paulo. São pessoas que a gente vê pela rua o tempo todo. Acho que na rua também tem gente alegre, colocar gente triste aqui, ou seria demais, não dá certo, devia colocar pessoas alegres também...

(Entrevista 8/ B-T/ 22 anos)

Evidentemente, a apreciação não trazia prazer a Eduardo, porém, esta parecia ser uma brecha viável. Justamente sua aversão representava um elo de ligação que haveria de ser explorado, apesar do tempo restrito. Vejamos a continuidade da transcrição de sua entrevista, em sequência ao trecho acima:

Mediadora: Agora vou dar algumas informações da obra
Você sabe como chama a obra ?

Eduardo: Não, não sei

M.: Estação Sumaré, essas pessoas são usuários, do metrô que o artista fotografou, são pessoas que usam o metrô

Eduardo: Certo

M.: Depois ele escreveu os textos, os textos se você olhar bem, tem algumas palavras que a gente consegue entender, outras não.

Mas te lembra alguma coisa este texto ?

Eduardo: (Pausa) Será que são mensagens bíblicas?

M.: É, se você ficar assim, são poesias, letras de MPB, colocadas de uma forma//// Por que será que o artista colocou o texto assim dessa forma, escrito desse jeito?

Eduardo: Não sei acho que a cidade de São Paulo é muito confusa, e ele quis passar um pouco disso para a arte, passar isso para as pessoas.

Não é possível saber se essa aproximação alterou seus afetos em relação à obra (nem é essa a intenção da mediação) e mensurar suas ressonâncias, mas nota-se em sua fala um aprofundamento sobre as relações da obra com o cotidiano. Um encontro foi promovido.

A obra também não parece nada agradável para o Sr. Martinho. Curioso e divertido ver a sua percepção relacionada à profissão de agente de segurança:

Mediadora: É, o Sr. tem idéia do que seria isso, essas imagens que a gente vê aqui?

Sr. Martinho: É, eu já estive imaginando, então eu não compreendi até hoje. Eu fico pensando às vezes que é pessoas desaparecidas ou mesmo pessoas, fugitivos, procurados

M.: Vendo isso o senhor se lembra disso, quando o senhor olha, mas porque o senhor fica com essa idéia, o que faz lembrar o senhor, assim, os fugitivos ou pessoas desaparecidas... por que será ?

Sr. Martinho: O que faz lembrar ?

M.: Por que será que vem isso, por que o Sr se lembra disso ? Isso vem na sua cabeça ?

Sr. Martinho: É por causa da.... eu até tentei ler aquelas letras, aquelas letrinhas, mas não me aprofundi, tenho essa dúvida...

M.: Ah, foi possível ler assim, deu para ler ?

Sr. Martinho: Não, não entendi

M.: Não deu para entender ?

Sr. Martinho: Não

M.: Certo, o que mais chama a atenção do Sr nas imagens que o Sr viu ? O que mais lhe chamou a atenção ?

Sr. Martinho: O que mais me chamou a atenção ... e pessoas que não está....

M.: (posso acompanhar o senhor só para terminar ?)

Sr. Martinho:...a comunidade, pessoas que não está apto a viver com a sociedade.

M.: O senhor acha que não são pessoas que estão aptas a viver na sociedade ?

Sr. Martinho: Sim

M.: Por quê? Por causa da fisionomia da pessoa... Por que será que são pessoas que não estão aptas ?

Sr. Martinho: Não pelas fisionomias, são pessoas comum parecidas com outras pessoas, eh, pessoas parecidas com alguém, mas eh, pelo motivo de estar expostos.

(Entrevista 9/ B-T/ 45 anos)

Compreender a primeira impressão diante da obra é essencial direcionar a mediação. As imagens traziam má impressão para o Sr. Martinho, que parecia relacioná-las com cartazes do tipo "procura-se". Sua tentativa de buscar explicação

para a obra se frustrou ao não conseguiu ler o texto anteriormente. Apesar da entrevista com ele ter sido bastante rápida, procurei um encaminhamento que partisse de seus conceitos, rumo a uma ampliação (Adiante, no Capítulo IV, discutirei este caso específico, pois me questiono se falei demais).

Pedir para o fruidor *escolher uma imagem* para se atentar mais também é outra alternativa de aproximação. Lúcia descobriu um bonito significado para uma das imagens:

Mediadora: Se você tivesse que escolher um desses para a gente chegar perto, qual você escolheria?

Lucia: Aquele ali, a Lia, minha amiga...

M.: A sua amiga, qual é?

Lucia: Aquela com pouco texto.

M.: É.

Lucia: E nem foi porque do texto, é porque me chama a atenção

M.: Tem uma imagem desse lado e uma daquele lado...Acha que ela criou o texto?

Lucia: Acho que ele criou a obra como um todo...

M.: Você acha que este texto que você leu tem alguma relação com a imagem?

Lucia: Essa figura teve que nascer muitas vezes, quem essa figura me lembra. Ela teve que ter muitos renascimentos, da conta dessa figura.

M.: Mas você já tinha feito essa relação? Você já tinha pensado nisso?

Lucia: Não, não.

M.: Não chegou a ler de pertinho assim?

Lucia: Não.

(Entrevista 1/ L-T/ 52 anos)

O Sr. Eduardo também escolheu uma figura que lhe trazia forte significado:

Mediadora: Certo. É, qual a imagem, se eu pedisse para o senhor escolher uma pessoa, qual a sua imagem preferida, então, já que o senhor...

Sr. Eduardo: A daquela moreninha lá..

M.: Ah, sei. Pelo... E qual o motivo da sua escolha?

Sr. Eduardo: Eu não sei, parece-me que representa muito do que é o Brasil, sabe, eu como estrangeiro, lá fora, nós vemos o Brasil diferente, nós não vemos o Brasil branco, nos sempre vemos um Brasil moreno e tenho a impressão de que ela mais ou menos, ahn.... sintetiza aquilo que que a gente tem de...de...pensamento e conhecimento sobre o Brasil.

M.: Qual sua nacionalidade?

Sr. Eduardo: Eu sou boliviano

M.: Boliviano. Certo. Ela seria então, assim, o tipo brasileiro, né?

Sr. Eduardo: Sim, brasileira, isto. Não é preta, também parece que não é índia, é alguma miscigenação, né..., interessante, muito interessante...

(Entrevista 4/ L-T/ 61 anos)

Acima vimos que as lembranças afetivas despertadas em Lucia e Sr. Eduardo são evidentes. Já no caso de Alexandre, que estava intrigado com o texto, a aproximação física fez com que ele se concentrasse nos aspectos formais do texto:

Mediadora: Vou pedir para você escolher uma das figuras, para a gente olhar mais de perto...

Alexandre: Aquela menina lá

M.: É possível ler ? (ler ?) É possível ler ?

Alexandre: Vejo umas palavras, ///perto... janelas....casas.... parece ser uma poesia, direito.... ///// é, da prá ter uma idéia dessa escrita, fatalmente as outras devem seguir o mesmo padrão, no sentido do da análise mais individual, para terem sentido, me parece que segue um padrão

M.: Esse texto te lembra algo?

(pausa)

Alexandre: Uma poesia concretista, (por quê?) ela não tem a formação, ela não tem ah... rigidez formal de rima, mais ela tem uma concatenação que envolve uma certa lógica, em palavras êh , isoladas em emaranhados de letras e você consegue ter uma idéia do texto por essas poucas palavras...

(Entrevista 5/ L-C/ 34 anos)

A partir de sua escolha, vemos o caminho de construção dos significados trilhado por Cláudia:

Mediadora: Não, tá ótimo tá ótimo, você falou do texto né, então queria pedir para você escolher uma figura, uma imagem pra a gente parar em frente e olhar de perto.

Cláudia: Então vou escolher uma ali que eu já tinha visto (caminhamos até a figura)
Eu li a palavra São Paulo....(pausa)

M.: Dá para ler alguma coisa?

Cláudia: Alguma coisa dá, ele separa diferente as palavras, as vezes ele coloca São Paulo S de um lado e.... comoção de minha vida aos meus amores///// dá para ler tudo, só que ele separa as letras, é isso?///// Então ele só separa diferente as palavras
É uma homenagem a cidade, acho que fala um pouco da cidade.

M.: Nesse texto você acredita que seja isso ?

Cláudia: Eu acredito

M.: Uma homenagem, te lembra alguma coisa mais ou menos isso?

Cláudia: É...se é isso que estou lendo comoção da minha vida, ///// arlequim, de original...../////

Essa frase está meio esquisita, Ah, (risos)

Não sei, achei que fosse isso mais /////

M.: Você acha que tem alguma relação com a poesia que está na frente das pessoas ///

Cláudia: Ele escreveu uma poesia em cima das pessoas, literalmente

(risos)

(Entrevista 2/ L-C/ 32 anos)

Em alguns casos, as pessoas que estavam na plataforma não tomaram o primeiro trem que chegou, optaram em continuar a conversa e aguardar o próximo, como é o caso de João. Ele foi "fisgado" pela imagem escolhida:

Mediadora: Tá, então a gente consegue encontrar algum sentido /////////////// daí, algum sentido. É que a gente precisa de um certo tempo mesmo, dedicar para poder decifrar.

João: É, realmente. Talvez se a gente pegasse um desse daí, ah.....

(fiz sinal, perguntando se ele precisava tomar o trem que chegou e ele respondeu que não)

M.: Então, se você pegar um desse, você consegue ler, quer ver? Se você quiser escolher um...

João: Não sei quem é esse daí, não.

M.: Mas você conseguiu ler?

João: Dá.////////

É letra de música isso daí? Ou é uma poesia?

Como vemos acima, João estava em um momento de elaboração de conhecimento e não quis interrompê-lo, preferiu continuar diante da obra. Isso foi importante, pois assim pôde se atentar mais diante de uma imagem escolhida, e conseqüentemente, se aproximar mais da obra.

Como mediadora, em algumas situações promovi uma *aproximação entre o fruidor e o artista*, apresentando-lhe seu retrato na obra. Meu desejo de tornar a obra mais íntima para o fruidor se estendeu também ao artista, por isso me é prazeroso pensar no artista como um ser humano de carne e osso, e mostrá-lo retratado junto a tantos outros.

A aproximação do artista parece ter instigado em saber mais sobre ele. Isso fica evidenciado ao final da longa experiência de mediação:

Mediadora: O que você tem vontade de fazer agora ?

Alexandre: Agora, acho que... tentar obter mais informações sobre o cara, o Alex Flemming na internet.

(Entrevista 5/ L-C/ 34 anos)

Pedir para mandar uma *mensagem para o artista* visava, além da aproximação, estimular uma *criação* poética por parte dos fruidores. Corresponde a uma adaptação da etapa "*Revelando*" da metodologia "Image Watchig", formulada por Robert Ott (apresentada no Cap II). Isso fica bastante claro na entrevista com Lúcia:

Mediadora: Uma mensagem para o artista. Gostaria que você mandasse uma mensagem para ele. O artista é aquele ali.

Lúcia: É o de gravata?

M.: Isso. Aquele é o artista, aquele é o Alex Flemming. Você vê que a foto dele está um pouquinho diferente das outras.

Lúcia: Brilho...

M.: É

Lúcia: Uma palavra?

M.: Uma mensagem, o que vier na cabeça.

Lúcia: Não, estou olhando para a cara dele para ver o quê me inspira...Me vem alguma coisa como o silêncio do meu ser, vejo o mundo passar e ao vê-lo, posso retratar, e ao retratar, posso sensibilizar quem passa.
(Entrevista 1/L-T/52 anos)

A formulação de *palavras-síntese que representem a obra* pode ser uma maneira do fruidor organizar rapidamente seu pensamento e não deixa também de ser uma criação poética. Várias das falas de Marcos são longas e repetitivas, mas aqui ele sintetiza suas impressões:

Mediadora: Marcos, se eu pedisse para você assim, uma palavra sobre essa obra, o que você diria?

Marcos: Numa palavra? Pode ser numa frase? Bom, não vai ser numa palavra, vai ser: ser humano.
(Entrevista 6/ L-C/ 36 anos)

A palavra-síntese proferida por Claudia expressa sua relação agradável com a obra. Na mensagem para o artista, ela assinala o aspecto democrático da arte pública e das iniciativas culturais nesse sentido:

Mediadora: Se eu pedisse que você dissesse uma palavra que sintetizasse essa obra, que palavra seria?

Cláudia: Eu acho que.. aconchegante

M.: Manda uma mensagem para o artista... o que vocêalaria para o artista?

Cláudia: Faça mais Alex por favor, se quiser tomar um chazinho em casa também tudo bem... mas democratize a arte como minha querida amiga Rita está querendo trabalhar, acho que é isso aí, continue nessa, nessa cidade as oportunidades de ter um contado direto com a arte são para quem tem a grana, para quem se desloca para os grandes centros. Então legal tá no metrô, meu. Se o cara quiser ver ou não quiser, ele vai ver, mas ele não vai prestar atenção....
(Entrevista 2/ L-C/ 32 anos)

Feita a análise dos encontros fruidor/obra, discutiremos no próximo tópico a outro tipo de encontro.

Buscando facilitar o encontro do fruidor consigo mesmo, enquanto construtor de seu conhecimento

Ainda pensando em facilitar e aprofundar o encontro com a obra, podemos assinalar algumas posturas que procuraram conscientizar os fruidores a respeito da importância de sua *participação ativa* na construção do conhecimento e de suas potencialidades para tal.



Junto a alguns fruidores foi colocado claramente o *papel do mediador* como um *facilitador* e não como detentor do conhecimento. Pela fala do Sr. Eduardo, nota-se a compreensão desse aspecto:

Sr. Eduardo: Entende? Então a gente precisa que alguém que facilite, que no caso aqui é a senhora, explique porquê. (olhando para as imagens) Eu sempre digo: "que sérias atitudes". Por quê? Sempre me perguntei isso. Ninguém sorrindo... Porque o brasileiro tem a, como se diz, característica de estar sempre sorrindo, mas aqui ninguém sorri, agora a senhora me explicou porque. Agora estou entendendo.

M. : Certo, mas na verdade eu facilitei algumas coisas, muita coisa o senhor já sabia, muita coisa foi o senhor que elaborou, eu apenas ajudei.

Sr. Eduardo: E eu agradeço muito a permitir-me...
(Entrevista 4/ L-T/61 anos)

Comentando sobre uma exposição vista recentemente, João falou sobre a necessidade de alguém que está "acostumado" com arte, que tem o "dom", indicar o que é "certo" para aquele que não "sabe". Ele insiste no ponto de que o leigo, sozinho, é incapaz de uma leitura mais aprofundada e precisa receber explicações. Rebatido, talvez falando até demais, que as primeiras impressões do fruidor são importantes, que a obra de arte não possui um significado único, enfim, que o saber inicial levantado é relevante e *não se trata de "acertar" ou "errar", mas de participar*:

Mediadora: Você já foi a algum museu ou exposição?
Já?

João: Já.

M.: Qual?

João: Foi no Parade.

M.: Gostou?

João: Gostei, mas tinha aquele negócio, a gente vai e não conhece muito então, é, faltou um pouco uma pessoa que explicasse tudo, tal, que tudo aquilo tem, é, um fundamento, o artista quis com aquilo mostrar alguma coisa e é igual aqui, a gente chega aqui e não consegue vê nada, né? A pessoa explicando ... eu fui no primeiro dia, tinha um guia lá p tentar explicar tudinho aí faltou energia no meio... daí na segunda vez, não tinha...

M.: Faz falta...

João: É, faz falta....Porque tudo tem alguma coisa relacionado a ela. Então quando a gente chega e olha apenas aquilo que o artista fez/// mas tendo uma pessoa que entenda, seria fácil, né?
Mas aqui foi.../////

M.: A intenção do trabalho, ou até mesmo no Parade não é de falar para você: essa obra é assim, desse jeito... Na verdade a gente quer é tentar tirar, fazer você pensar e tirar de dentro de você porque para... não adianta nada falar tudo já de cara, não, eu quero com esse trabalho fazer a pessoa pensar, né?
E mesmo que não tenha ninguém junto para ajudar, no caso fui eu essa pessoa, um monitor, você pode observar e tentar imaginar, fazer as relações...

João: Tudo errado... (risos)

M.: Mas sabe o que acontece hoje, João, muitas vezes a gente imagina estar errado, mas você está imaginando alguma coisa, algo

João: É uma coisa por exemplo, se você vê, é... Essa obra que seja feita pela pessoa e você imagina uma coisa... e você tá fugindo totalmente da regra... a figura de uma.. como chama aquela tela grandona?

M.: Sei.

João: Então, tá explicando onde já passou, que já saiu, ...

M.: A cortina do Picasso³, sei...

João: Então, olhando ali a gente imagina uma coisa, a realidade realmente mas o artista pensou completamente outra. Então a gente consegue aprender muito mais, ouvindo talvez se a pessoa que é, já é acostumado ou que é artista plástico... mas para muita gente que não é assim, não tem aquele dom...

M.: Mas olha, eu diria que é o seguinte. Acho que você deve ter a sua interpretação, o outro só vai te ajudar... Muitas obras, aliás, posso dizer que as obras de arte em geral, todas, elas não tem um sentido único, então tem algumas coisas, como eu falei aqui para você, são usuários do metrô, isso é fácil. Agora, o sentido que você vai dar para isso aqui, sabe estou entrevistando pessoas, cada uma dá um sentido para isso aqui, diferente, é interessante e as obras de arte, principalmente as mais contemporâneas, nessas obras assim, tem mesmo vários sentidos. Tem mesmo, pode ser que em cada pessoa vá despertar uma coisa, dependendo do que você já viu, com aquilo que você já pensa... Então não tem um sentido único.

O monitor dá uma ajuda, mas quem constrói mesmo, quem cria mesmo, é você. Isso não é assim um dom especial, não. Isso é questão de participar de exposições, a gente parar para ver mesmo, tentar decifrar as coisas, tá bom, então?

(Entrevista 10/ B-T/43 anos)

Após coletar os dados pessoais de André, *deixo-o com uma pergunta*, que talvez o motive a sozinho, continuar o processo de construção de significados:

Mediadora: Já foi a algum museu alguma vez, ou exposição de arte?

André: Sim.

M.: Qual?

André: Só do Egito na FAAP⁴.

M.: E o que achou?

André: Pô, legal. É uma cultura a mais, né prá adquirir. Tipo, normalmente eu leio bastante, só que mais poesia.

M.: Poesia? Ah, então você vai gostar. Dá uma olhada nos textos ali, tem coisa muito antiga, tem coisa mais recente, tem coisas que você vai sacar então. Tá bom?

Então depois você pensa assim, por que será que ele colocou poesia junto dessas imagens, poesia junto das pessoas?

André: Tem a ver com a realidade do pessoal/////

(Entrevista 11/ B-T/18 anos)

Ao longo das entrevistas observa-se que tenho o hábito de *repetir as palavras do fruidor*. É como se eu buscasse deixá-lo mais consciente sobre o seu conhecimento,

³ A obra referida é: *Pano de boca de boca de cena para o balé Parade*, realizada por Pablo Picasso em 1917-têmpera sobre tela, 800x1400 cm.

⁴ Exposição realizada no Museu de Arte Brasileira da FAAP, em São Paulo, em 2001.



reforçando as “zonas reais”, para depois extrapolá-las, rumo às “zonas proximais”. (Vygotsky, 1984). A interação com o ambiente possibilita que o indivíduo se perceba como detentor e construtor de muitos saberes e não como ser passivo, apenas à espera de receber informações. Vygotsky (1984, p. 101) salienta esse aspecto da cooperação para o desenvolvimento infantil, e aqui consideramos seus conteúdos pertinentes à aprendizagem em todas as faixas etárias:

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas de seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.

E assim, na experiência da mediação frente à obra, parte-se do que o indivíduo traz, do que ele “sabe”, e caminhamos rumo à ampliação, possibilitando chegar ao que ele ainda “não sabe”, mas tem condições de alcançar. A consciência desse processo é importante, a fim de que ele se dê conta de que a uma atitude ativa é essencial para a construção de seu conhecimento.

Elogiar a sensibilidade do participante e deixar um convite para conhecer outros locais e obras também é outra maneira de fazer com que ele perceba suas possibilidades de estreitar seu vínculo com a arte. Procurei reforçar qualidades percebidas no rápido contato com Maria Regina:

Mediadora: Já foi a algum museu ou exposição de arte?

Maria Regina: Não.

M.: Nunca foi?

Então olha, você tem bastante sensibilidade, você percebe muito rápido, você falou da luminosidade, tudo aquilo, você é uma pessoa atenta e você é sensível. Vale a pena você explorar mais esse lado seu. Tem muita coisa aqui em São Paulo, tem a Pinacoteca, que é gratuita, tem o MASP!!!!

Então tá bom, muito obrigada pela participação. Tchau.

Maria Regina: Eu tenho loucura para conhecer a Pinacoteca.

M.: Isso.

(Entrevista 12/ B-T/ 36 anos)

A sugestão de visita à Pinacoteca do Estado se deveu à seu fácil acesso (junto a uma estação de metrô) e por ter entrada franca. Nas primeiras entrevistas a sugestão foi espontânea, mas depois concluí que a Pinacoteca seria realmente um local ideal para ser indicado: o edifício é belíssimo, seu acervo é interessante e variado, constituído por obras de diversos períodos. O trabalho de monitoria ali oferecido poderia facilitar aos participantes desta pesquisa, outras experiências sensíveis frente à obra de arte. (Infelizmente, soube com pesar, que a Pinacoteca voltou a cobrar ingresso em abril de 2003.)

Elias, um rapaz bastante humilde, já havia falado no início da entrevista sobre o seu interesse em frequentar algum “curso”, pois considerava que tinha “dom” (artístico),

já que fazia artesanato e gostava de dançar. Ao final da entrevista, indico para ele procurar instituições culturais que oferecem cursos e oficinas gratuitas:

Mediadora. : Quanto ao negócio de arte, para você fazer um curso, estudar, você já tem todo o jeito, todo talento, na prefeitura tem alguns lugares gratuitos que você vai lá e faz o curso.

Elias: Eu acho que assim, onde minha família mora, em Santa Isabel, interior, acho que posso dar um jeito de arrumar grátis...

(...) entendi, se eu tiver tempo aqui em São Paulo de correr atrás dessas prefeituras, quem sabe eu consigo.

M. :É que estou sem endereço, senão já te passava, prá você ter idéia de alguns lugares, alguns são perto do metrô. Perto do metrô Tiradentes tem uma oficina que chama... tem perto do metrô, ali do Bresser⁵, perto do metrô Bresser tem um lugar que tem vários cursos, tem cursos de teatro, tem curso de artes plásticas, é muito interessante, mas às vezes as pessoas não vão porque não sabem... tá.

(Entrevista 13/ L-T/ 32 anos)

Espero que as “dicas”, mesmo que incompletas, tenham auxiliado a Elias nas suas buscas por desenvolvimento, assim como espero ter auxiliado os fruidores na tomada de consciência a respeito de suas possibilidades de estreitar vínculos com a arte.

Como lidei com os limites do contexto?

Analisar as entrevistas tempos depois que foram feitas me fez pensar também acerca das minhas escolhas e atitudes frente aos limites impostos pelo contexto em que se deram as experiências.

Em relação à restrição de tempo, procurei me adequar à disponibilidade dos participantes, como já dito anteriormente. A elaboração do roteiro de entrevista em duas versões facilitou isso.

Com relação ao ambiente, fez-se necessária a compreensão de que as pessoas estavam ali de passagem e, diferentemente de um espaço de museu ou exposição, seu intuito primeiro não seria o de entrar em contato com a obra. O ritmo da metrópole impõe a tendência era de um olhar apressado por parte dos transeuntes, como vemos em Sevchenko, (1998, p. 167):

...a cidade não é feita em função da necessidade e do potencial do homem, mas o homem na cidade é obrigado a se ajustar aos potenciais e às demandas do

⁵ Eu não me lembrava dos nomes das instituições, mas me referia à Oficina Cultural Oswald de Andrade, localizada no bairro Bom Retiro, próximo à estação Tiradentes do metrô; e à Oficina Cultural Mazzaropi, localizada no bairro Bresser, próximo à estação de mesmo nome. As Oficinas Culturais pertencem à Secretaria Estadual da Cultura e oferecem cursos gratuitos em diversas áreas.



maquinário em função do qual o espaço urbano é organizado e as atividades urbanas são dirigidas. E isso provoca o fenômeno da aceleração do percurso urbano. Ninguém tem tempo de andar fruindo.

Esse olhar apressado, conseqüentemente, é um olhar “anestesiado”, insensível, discutido amplamente por Duarte (2001). Olhar insensível, fragmentado, parcial diante da complexa realidade. O desafio estaria centrado em seduzir, capturar esse olhar arisco e devolvê-lo ao mundo com maior sensibilidade.

A plataforma do metrô é um ambiente público, repleto de interferências. Apesar das peculiaridades da Estação Sumaré (menos agitada do que as estações mais centrais), a conversa não estava livre dos ruídos e olhares de outras pessoas, além de próprio barulho do trem do metrô, que é bastante incômodo. Outra interferência consistia no rapel praticado nos finais de semana junto ao viaduto. Os esportistas chamam a atenção de quem está na plataforma, ao descerem pendurados por um cabo até os canteiros da Avenida Sumaré.

Hoje analiso que não dei grande importância a esses limites e interferências nos momentos de mediação. Não era consciente, mas devo ter acreditado que esses fatores não impediriam a realização de um trabalho significativo. Essas dificuldades parte fazem parte da riqueza dos âmbitos (Quintás, 1993, p.19) nos quais a obra *Estação Sumaré* está inserida. O ruído impossibilitou a transcrição de muitos trechos das entrevistas e as interferências prejudicaram a centralização da percepção na obra, mas é preciso abarcar a realidade como ela é. Essa é uma das premissas da Fenomenologia (Merleau-Ponty, 1971).

Por outro lado, a familiaridade dos entrevistados frente à obra foi um elemento facilitador. Mesmo que anteriormente não tivessem se atentado, ela não lhes parecia totalmente estranha. Isso veio a facilitar o encontro a que a mediação se propunha.

E assim, noto ao fim desta análise, que as decisões têm de ser muito rápidas e procurei estar aberta e trabalhar intuitivamente com as particularidades apresentadas no momento das entrevistas.



O ENCONTRO COM O ARTISTA

Em maio de 2002 Alex Flemming, que reside em Berlin, passou alguns dias no Brasil para o lançamento de um livro sobre a sua obra, de autoria de Ana Mae Barbosa. Gentilmente, se dispôs a me conceder uma entrevista.

Interessava-me ver o artista diante da sua criação, que tanto me despertou. Nesse aspecto, por vezes, não me diferencio muito do público leigo, ao me surpreender considerando intimamente o artista como um ser etéreo, alguém distante e inacessível.

A possibilidade de estabelecer um diálogo, de ter o artista criador da Estação Sumaré como um “companheiro de jogo”, desmitificou perante meus olhos a sua imagem. O artista ganhou corpo, rosto, voz e sobretudo, humanidade.

A entrevista foi gravada, porém, por problemas técnicos, grande parte foi perdida. Para escrever aqui, me pauto principalmente em algumas anotações e nas lembranças do encontro entre Alex, Mirian Celeste e eu.

Nos encontramos em uma manhã ensolarada, no dia 8 de maio de 2002, na própria *Estação Sumaré* e a nossa conversa durou cerca de uma hora e meia.

Alex comentou sobre o processo de criação e fatura da obra. Um dado bastante interessante comentado por ele é de na época da concorrência, nenhum artista queria desenvolver o projeto para aquela estação, por considerar que o fundo transparente de vidro provocaria uma grande interferência na obra. E Alex se interessou justamente por esse diferencial. Aliás, isso fica evidente em sua obra.

Falou também sobre as dificuldades financeiras, pois como a verba demorava a sair, ele resolveu ir trabalhando, para depois ser reembolsado pelo Metrô. O patrocínio da indústria de vidros Santa Marina foi essencial, uma vez que o suporte sobre o qual trabalhou foi extenso. A impressão das imagens também foi realizada na indústria patrocinadora.

Indagado a respeito de suas intenções, o artista discorreu sobre o desejo de realizar uma homenagem ao povo brasileiro, à nossa heterogeneidade étnica e à nossa cultura, utilizando variadas fotos de anônimos e de poesias conhecidas que compreendem vários períodos da nossa história.



Algumas “pistas” foram deixadas que facilitassem ao apreciador a identificação dos poemas. Porém, de maneira geral, sua leitura é dificultosa. Por que a dificuldade proposital da leitura?

O artista almejou uma participação ativa do público com a sua obra, acreditando que a dificuldade faria com que as pessoas saíssem do estado de “anestesiadas” e passassem a olhar de fato para o seu entorno. Expliquei-lhe que o trabalho de mediação é justamente o de facilitar o envolvimento, o encontro dos fruidores com a arte. *Ao apreciar, somos também criadores.*

Entreguei-lhe trechos impressos das entrevistas, pois queria dividir logo alguns dos tesouros encontrados neste trabalho. Foi bonito ouvir o artista dizer comovido diante da sua obra e em contato com as falas poéticas dos entrevistados:

Quero resgatar a palavra, quero resgatar a cultura, quero resgatar a poesia. Aqui são 44 pessoas dos mais diferentes experiências, cada uma recitando poesia pra outra, *existe poesia dentro das pessoas* e vamos resgatar exatamente isso.

“*Existe poesia dentro das pessoas*”. Eu lhe abri um sorriso emocionado, pois imagino que essa também seja a síntese do meu trabalho.

IV - MEMÓRIAS REFLEXÕES PLANOS

Este trabalho de memória e reflexão é um trabalho de memória e reflexão.

Dr. Eduardo B. de

Pensamentos tecno-científicos e as lembranças

Não decoro mais o trabalho, fui obrigado a parar e começar a pensar. Aí, quando eu estava deitado, lembro-me que quando eu estava com a cabeça encostada no travesseiro, eu me lembrava de uma viagem. Não lembro exatamente com que organização, viagem ou viagem de trabalho, mas lembro-me que eu estava com a cabeça encostada no travesseiro e eu estava pensando em coisas que eu não conseguia lembrar. Este é o "estado de espírito" que tanto me lembra e que eu não consigo lembrar.

Pois bem, quero dividir estas "pequenas-grandes" lembranças de viagem, que a meu ver, são a origem de muitas das minhas ideias. A experiência de viajar, de estar com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro.

Então, as experiências tecnológicas não são apenas a experiência de estar com a cabeça encostada no travesseiro, mas também a experiência de estar com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro.

Concluo a experiência de viagem com a Sr. Eduardo, quando eu estava no estado de espírito de estar com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro.

Além disso, a experiência de viagem não é apenas a experiência de estar com a cabeça encostada no travesseiro, mas também a experiência de estar com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro, com a cabeça encostada no travesseiro.

IV – MEMÓRIAS, REFLEXÕES, PLANOS...

Sr. Eduardo: Nas coisas pequenas, não é nada, mas acho que é uma coisa a pensar. No dia a dia, muitas vezes, não é nada, mas acho que é uma coisa a pensar. É como mais ou menos a Capela Sistina... do metrô!

Sr. Eduardo, 61 anos

Pequenos tesouros entre as lembranças

No decorrer deste trabalho, fui guardando pequenos e valiosos achados no porta-jóias da minha memória. Após algumas tentativas frustradas de escrever sobre isso, lembrei-me que quando queremos compartilhar com alguém as lembranças de uma viagem, não ficamos preocupados com sua organização, rotulagem ou classificação das paisagens e das pessoas que conhecemos: tudo simplesmente flui, porque o coração e a mente estão juntos. Esta é a “razão sensível” que tanto nos referimos desde o início...

Pois bem, quero dividir essas “pequenas-grandes” lembranças de viagem, que a meus olhos e coração se converteram em pequenos tesouros. A experiência vivida, fez com que eu as incorporasse, com que fizessem parte do meu corpo, do meu *ser no mundo*.

Entre as preciosidades recolhidas na viagem estão os encontros/mediação com os transeuntes Sr. Eduardo e Elias. Em ambos os casos, a mediação foi tomando a forma de uma conversa interessada e espontânea, ainda que eu tivesse a preocupação de seguir um roteiro e abordar determinadas questões.

Considero a experiência de mediação com o Sr. Eduardo, abordado ao acaso no metrô, como um generoso presente que a vida trouxe a mim e a este trabalho. Ele afirmou não freqüentar espaços culturais, nunca ter cursado e nem ter contato com a arte, mas demonstrou uma abertura e sensibilidade especiais no encontro com a obra e comigo, enquanto mediadora.

Além disso, estabeleceu relações sensíveis entre a obra e o seu (nosso) cotidiano no contexto de modernidade tardia, questionando a sua (nossa) postura anestesiada frente a ela. Em diversos momentos, o Sr. Eduardo fez referências ao cotidiano na metrópole, como se ali estivessem conversando conosco os teóricos que me foram tão caros, como Kujawsky (1989), Duarte (2001), Maffesoli (1998), Quintás (1993), sem esquecer de Merleau-Ponty (1971). Vejamos os trechos da entrevista citados abaixo (Entrevista 4/ L-T/ 61 anos):

Sr. Eduardo: Nas coisas pequenas, não é nada, mas enche a vida, ajuda a pensar...No dia a dia melhoramos a qualidade de vida, porque nós, nesse sentido estamos muito alienados de toda e qualquer coisa. Contadas são as pessoas que, como se diz, vontade de ir ao teatro, conhecer alguma coisa mais porque todo, nos tolhe todo nosso, nosso, acovarda, no sentido que nós não temos dinheiro para condução, não temos dinheiro para ////////// para o dinheiro...se a gente tem dinheiro, assalta ///// então não sei, não sei onde estamos vivendo...então, este é o sentimento que eu tenho, meu particular, e também vejo nas pessoas e quantas



vezes eu pergunto para alguém aí, onde você desceu na Estação Sumaré e se viu... nada, tudo igual, né...(pausa)

Eu gostaria de ter essa paciência de ir devagarinho, olhar... eu gostaria...

(...)

M.: A gente simplesmente olha, sabe...A gente olha, precisa ver /////

Sr. Eduardo: Não só olhar, não temos tempo para nada, não nos damos tempo para nada. Acho que precisamos dar um pouco mais de atenção às coisas bonitas que temos, tem coisas lindas aqui. São Paulo não é tão árida como se diz, sabe, não é, tem coisas maravilhosas, mas /////nós não vemos. Passamos por alto, passamos a cem por hora/////

Nesta mesma avenida, eu uma vez, eu ///// vim lá do Parque Antártica para cá, a pé, andando...como é linda! Andando ///// Muito bonita, tem pessoas andando, fazendo footing aí no meio, tem, tem árvores tão bonitas lá embaixo, principalmente depois desta curva, ali, aquelas, aquelas, mangueiras, né, nossa...como é lindo tudo aquilo. A diversidade de árvores que tem ///// depois mais para lá ///// nós temos aqui, mas nem damos importância, mas são coisas lindas!

A sua última frase, na despedida, é uma síntese dessa consciência de anestesia:

Sr Eduardo: Nós somos muito apáticos, nós nos deixamos levar pelo dia a dia!

Ainda no início do percurso de mediação, perguntado sobre um aspecto formal da obra (ainda estávamos na primeira etapa - “Revelando” do sistema de leitura de Robert Ott), o Sr. Eduardo evoca outras experiências para mostrar a sua bela compreensão do espaço, que realmente é um diferencial da obra *Estação Sumaré*:

M. : O que senhor acha desse fundo, do fundo da obra?

Sr. Eduardo: Ah, é maravilhoso...a gente tá vendo a pessoa, mas tá vendo bem mais para lá, bem mais para lá da pessoa, então dá uma sensação de espaço de... por estarmos assim tão alto parece que estamos voando aqui e a sensação é ótima, é a sensação mais linda que tem, eu acho, eu acho que a mais linda de todas.

M. : Com certeza porque esse fundo transparente dá uma outra...outra dimensão

Sr. Eduardo: Dimensão, parece que a gente está no ar. Sabe, está no ar quando às vezes no inverno, quando tem neblina e nevou desse e a gente se sente no ar sabe? Que nem avião, quantas vezes eu já desci aqui à meia noite assim (sei) algumas vezes já... já me senti assim, (sei) .

Em um determinado momento, sua criação poética sintetizou o encontro com a obra:

Sr. Eduardo: (pausa e olhando para a amplitude da obra) É como mais ou menos a Capela Sistina do.. do ... do metrô!

A nossa despedida foi calorosa, com agradecimentos recíprocos, evidenciando a criação de vínculos afetivos.



Outro encontro inesquecível foi a mediação com Elias (Entrevista 13/ L-T/ 32 anos). Muito diferente da entrevista realizada com o Sr. Eduardo, Elias me comoveu como ser humano ingênuo que se espelha na obra. Refere-se ao artista como esforçado e generoso. Diz que os retratados na obra são pessoas simples, porém importantes, pessoas que podem “fazer falta” . É sua imagem que vê refletida na obra, na verdade, ele fala de si mesmo...

Elias: Eu acho que, e nessa ele colocou uma pessoa, depende muito daquela pessoa, as vezes ele esforça para crescer nisso aí...Essa pessoa que fez esse desenho eu desejaria para ela toda sorte do mundo, é uma pessoa que realmente trabalhou bem nesse trabalho, eu acho assim,. eu tenho vontade de fazer e conseguir meus negócios, ///// sou um artista de fazer desenhos, essas coisas de arte, eu gosto muito das coisas de arte , então eu faço carrinho, sou eu que faço para vender. Então eu tenho vendido já uns10 carrinhos desse aqui. Se eu der para o meu cunhado, ele falou para mim, ele fazia desenho sem olhar, sem fazer tela, só olhando do lado. Era para eu fazer curso mas não fiz, então eu acho que isso aí é uma arte bem feita, acho que se fosse para eu fazer uma arte dessa, eu não fazia...Tinha que fazer um curso antes...

“Não sou comum, sou como todo mundo”. Elias acha que tem o “dom”: é pedreiro e faz caminhões de brinquedo para vender. Diz não ter chance, pede ajuda.

Elias: Eu trabalho é de pedreiro, eu trabalho de pedreiro com meu irmão, mas nas horas vagas eu faço isso aqui, às vezes faço serviço de sapateiro, armário, então coisa que não é meu eu também faço. É tudo da cabeça quer eu tiro. Meu cunhado já falou prá mim que eu tenho dom. Minha irmã também falou para mim que eu também tenho dom prá isso. E já que você tem o dom, vá em frente.

M.: O dom de fazer, né, as coisas...

Elias: Só que eu não, graças a Deus eu venho esforçando isso aí, eu não tenho chance assim. Você vê, eu não acho um a pessoa para me ajudar, então eu fico nisso aí sozinho. .Se eu tivesse uma pessoa para me ajudar, eu acho que seria mais fácil, dar aquele empurrãozinho. Tem meu irmão, ele ajuda no que pode, dá força prá caramba, só que também não pode, ele ajuda no que pode.

Eu acho isso uma arte bem feita. Espero um dia eu conseguir alcançar isso. Estou com 32 anos, exercendo minha profissão também, mas faço esse tipo de arte. Fazia desenho em roupa também, fazia só olhando no papel, não colocava tela nenhuma, então não uso nada, só mesmo o que vem na cabeça eu faço.

Mais adiante, na entrevista, disse que dança desde os 13 anos e pede ajuda para realizar o sonho de ser “modelo”. Quer ser “artista”, como os calouros que assiste nos massificados programas de TV.

Diz sofrer preconceitos, pois algumas pessoas acham que ele é ex-presidiário e que aprendeu a fazer artesanato na cadeia. Pacifista, prega a paz, diz que “não tem rixa com corintiano”, põe o símbolo nos brinquedos que faz. Por fim,

perguntado sobre artistas, surpreende com a referência a Leonardo Da Vinci e Santos Dumont...

As experiências vividas junto ao Sr. Eduardo e Elias me fizeram refletir, entre outras coisas, sobre o meu papel de mediadora e sobre a riqueza da sensibilidade humana.

Pontos para reflexão

Hoje, refletindo sobre todo o processo de pesquisa, noto que “o caminho se faz ao andar”. No início do trabalho, eu estava Tateando possibilidades, pois não sabia exatamente em quê ajustar os focos de investigação. Essa indefinição inicial por vezes foi árdua e angustiante, mas por outro lado, trouxe também o benefício da abertura ao novo, ao desconhecido. Aos poucos, fui encontrando o caminho e os autores que seriam meus companheiros, nesta viagem/experiência que eu teria que realizar, não por obrigação burocrática, mas movida por necessidades íntimas reais.

As entrevistas renderam um extenso e rico material, que foi analisado cerca de um ano após a sua realização. Nesse sentido, noto como ponto facilitador o meu amadurecimento relativo a diversas questões conceituais e procedimentais e um mínimo de distanciamento necessário dos dados levantados. Entre as dificuldades decorrentes desse intervalo de tempo, levanto a dificuldade em manter o “frescor” e espontaneidade das experiências e de lembrar certos dados, que os registros não dão conta.

Apesar dessas dificuldades, ficou evidente a importância do “conversar” para o estabelecimento dos encontros e para a construção do saber sensível. Duarte (2001) e Kujawsky (1988) abordam a relevância do “conversar” no cotidiano, enquanto Vygotsky (1989) ressalta a importância da socialização para a formação humana.

O ato de conversar parece ter aberto brechas, ter fisdado os abordados, pois os desconhecidos mostraram interesse em emitir sua opinião sobre o que viam. Portanto, a mediação pode ser tratada como uma “conversa enriquecedora”, envolvente, que aproveita a espontaneidade, mas que, objetiva o estabelecimento de ricas relações entre o fruidor, a obra, o mediador, e sua pluralidade de âmbitos. É esse o caráter “rizomático” da mediação a que Mirian Celeste Martins se refere (in BARBOSA, 2002).



Esse “clima de conversa” apresenta uma flexibilidade que facilitou o envolvimento do fruidor e também abriu espaço para a minha intuição, a fim de tomar rápidas decisões, enquanto mediadora rápidas. Nesse sentido, o uso de um roteiro flexível, adaptado a partir da metodologia de Willian Robert Ott para leitura de obra de arte, também facilitou a condução das entrevistas e a promoção de encontros.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa é o fato de que cada experiência de mediação é única, cada encontro é único, devido à riqueza de variáveis, de âmbitos envolvidos entre o fruidor, o mediador e a obra. As idéias de Quintás (1993) foram valiosas para essa compreensão.

Fazendo ainda referência a Quintás, penso que superar o “gosto” ou “não gosto” inicial perante a obra pode representar um ato de generosidade humana, um ato de superação da tendência egoísta de submeter a realidade à vontade imediata. (1993, p. 20).

Ao analisar a prática da mediação desenvolvida ao longo da pesquisa, foram notados vários aspectos. Um deles é que foi-se adquirindo uma facilidade e intimidade maiores perante a obra, por outro lado, se fez necessária uma postura atenta para não cair em uma “mecanização” do processo.

Outro pensamento que me vem ao rever o processo é de que eu poderia ter feito mais referências às obras encontradas em outras estações de metrô e em outros locais públicos, ressaltando aos fruidores que a arte está em todo lugar, basta ter olhos para vê-la. Assim como eu poderia ter levado folhetos de exposições e instituições culturais e distribuí-los, se fosse o caso.

Indiquei a visitação à Pinacoteca do Estado a alguns fruidores, mas imagino que, além do convite verbal, a entrega de um folheto explicativo e/ou ilustrado, constando informações básicas como o seu endereço e horário de funcionamento poderia surtir bons resultados. Dessa maneira, eu completaria o meu trabalho de mediadora.

Também senti uma realização pessoal muito grande por realizar um trabalho de mediação junto à arte pública. Vários dos entrevistados demonstraram uma atitude de valorização deste trabalho e alguns chegaram a verbalizar uma opinião de que este seria relevante para a democratização da arte.



Agora é hora de também pensar nos “desacertos”. Mais distanciada, é hora de pensar nas falhas, no que poderia ter sido diferente na experiência, a fim de compreender e aperfeiçoar a minha ação de mediadora/pesquisadora.

Em alguns casos, vejo que faltou-me informação mais objetiva sobre a obra. Por exemplo: os entrevistados Alexandre e João me perguntaram sobre o autor das poesias atreladas a algumas figuras da *Estação Sumaré* e eu não soube respondê-los. Percebo em mim uma tendência mais generalista, mais subjetiva e nem sempre dou a devida importância às questões mais objetivas referentes à análise formal e à fatura da obra. Embora essa falta de informação não tenha comprometido a mediação, penso que é importante pensar sobre isso.

Sabemos que um vasto repertório de informações acerca da obra e do artista não garantem que a experiência de mediação aconteça, de fato. Porém, longe de querer “despejar” conteúdos sobre o outro, parece ser muito importante “dosar” os conhecimentos e informações, a fim de que eles sirvam para enriquecer a abordagem.

Da mesma forma, é muito importante ao mediador “dosar” as suas falas. Após a realização, fiquei me questionando sobre a minha conduta na entrevista com o Sr. Martinho (Entrevista 9/ B-T/ 45 anos). Ao notar sua grande atenção e receptividade, tive boas intenções, mas ao ler a transcrição, receio ter falado demais, ter “pecado por excesso”.

Até que ponto “entregar” as informações? O “quanto” falar? Claro, não existe um padrão, uma fórmula ideal, porém o “balanceamento”, a “medida” do falar parece tão importante quanto o “como” falar. Por isso a necessidade de saber ouvir, de estar aberto e vigilante ao outro, se adequar a ele.

Essas questões me afligem, pois a intenção é de “acertar”. Noto que tenho uma postura amável com os fruidores, procuro estimular sua participação, aliviando-os do “peso” do “certo” e do “errado”. Porém, como é difícil fazer isso comigo mesma! Acredito que esse aspecto também faz parte do meu “padecer” referente à experiência vivida.

Retomo agora as perguntas iniciais, que moveram todo o trabalho:

No contexto da metrópole o mediador pode facilitar encontros significativos entre o fruidor e uma obra de arte pública? De que forma?

Considerando a mediação como diálogo, de que maneira são construídos os vínculos entre o fruidor, o mediador e a obra?

Neste trabalho qualitativo, não lidamos com dados exatos, mas com dados sensíveis. Embora não seja possível saber sobre as ressonâncias que ficaram da mediação para os fruidores, foram evidenciadas, de acordo com os dados levantados junto ao grupo pesquisado, possibilidades de que o mediador venha a atuar como um facilitador do encontro significativo entre o fruidor e uma obra de arte pública, que no nosso caso foi a *Estação Sumaré*.

A experiência mostrou que é possível despertar os encontros sensíveis entre o fruidor, a obra e o mediador e seus diversos âmbitos, apesar de toda a atribulação e dos elementos anestésicos do cotidiano na metrópole.

Ao longo deste trabalho houve a reflexão em teoria e na prática sobre elementos considerados facilitadores dos referidos encontros. Entre eles, destaco: a abertura fenomenológica frente à realidade e ao outro; a busca da razão sensível; a compreensão do nosso contexto de crise da modernidade; a importância da flexibilidade e da afetividade, do respeito ao outro não como objeto a ser domado, mas como um companheiro, ao qual se deve dar espaço à sua fala, ao seu silêncio, ao seu repertório, enfim, à sua singularidade.

A busca das respostas às perguntas iniciais fez com que outras perguntas surgissem. Essas novas questões podem mover futuras investigações...

Onde vai dar a próxima viagem?

Uma das questões que mais aguçaram a minha curiosidade, ao realizar o trabalho de mediação foi: A sensibilidade frente à obra independe do nível cultural e do grau de contato com a arte? A arte teria então um caráter essencialmente democrático, contrariando o mito de que é necessário ter uma formação para a sua apreciação?

Outras possibilidades de continuidade da pesquisa se referem à investigação das ressonâncias, sobre o que ficou da experiência de mediação para os entrevistados, tempos depois.

O mesmo poderia ser investigado junto aos meus alunos: o que ficou marcado para eles como um encontro significativo com a arte, no trabalho de mediação realizado na escola formal?



E sobre as ressonâncias dos encontros significativos com a arte em mim mesma?

Lembro-me de que a minha primeira paixão foram os retratos de Renoir, em especial o “Rosa e Azul”. Inclusive, no meu primeiro ano da graduação fiz um seminário sobre este artista, para a disciplina *Fundamentos de Expressão e Comunicação Humanas*, ministrada pela Profª Drª Claudete Ribeiro. Estávamos no ano de 1995, e eu, recém-chegada em São Paulo, nada sabia sobre arte e artistas, mas sabia que queria aprender... E hoje, minha paixão são os paulistanos, retratados por Alex Flemming, na *Estação Sumaré*...

Assim, várias outras, gravou, fiz apontamentos. O modo como a Maria se relacionava com os alunos e desenvolvia suas aulas, apesar de todos os limites de sua realidade, era realmente cativante. Mas, não sei o porquê, eu não estava feliz com o tema que eu vinha trabalhando.

Quando chegava à minha sala para casa, os retratos de Flemming acompanhavam minha agenda. Era tão difícil eu buscar algo diferente, mas não sabia o quê. E por um tempo, fui “levando” o tema, cumprindo os créditos das disciplinas, me sentindo empurrada, a Maria me incentivando. De qualquer maneira, sempre fui um alívio chegar à estação que é a mais bela de todas, a sentir que eu não estava sozinha, meus companheiros estavam sempre lá, me esperando...

Nesta época, a disciplina Arte e Psicologia com a Profª Claudete Ribeiro me trouxe alento. O envolvimento com seus assuntos me reintroduziu o prazer de querer saber mais. Hoje eu entendo que esse prazer era fruto do saber sensível que eu levava para as atividades de solidificação.

Em julho de 2001 o Alex tinha uma exposição no CBB. Eu, que estava de férias da escola, resolvi fazer o curso de monitor, embora soubesse que depois não seria possível trabalhar na exposição. No curso, a Maria, Ana Maria e outros alunos trabalharam com a exposição. Em seguida, o professor levou a sua foto. Sem me dar conta, tudo isso ficou guardado no meu “portifólio”.

Meses depois, na disciplina de Maria foi proposta uma pesquisa sobre arte e aluno. O aluno deveria trabalhar com a mediação de um curso pré-vestibular com a Estação Sumaré. O que aconteceu depois é algo que não consigo esquecer. Já falei muito sobre isso como uma experiência de trabalho.



Reencontro com a vida

*...talvez seja possível que uma tal paixão culmine
com um pensamento que se reconcilie com a vida.*

Maffesoli

Não me lembro a primeira vez que a vi. Há cerca de dois anos atrás, fui de metrô algumas vezes seguidas até a Estação Sumaré. Ali eu desembarcava e tomava um ônibus para ir até uma escola municipal na Zona Oeste, assistir as aulas de Arte da minha colega da USP, a Marília. Na época, minha pesquisa de mestrado focava a prática do professor de Arte na escola formal.

Assisti várias aulas, gravei, fiz apontamentos. O modo como Marília se relacionava com os alunos e desenvolvia suas aulas, apesar de todos os limites de sua realidade, era realmente cativante. Mas, não sei o porquê, eu não estava feliz com o tema que eu vinha trabalhando.

Quando tomava o metrô de volta para casa, os retratados de Flemming acompanhavam minha agonia. Era tão difícil, eu buscava algo diferente, mas não sabia o quê. E por um tempo, fui “levando” o tema, cumprindo os créditos das disciplinas, me sentindo empurrada, a Mirian me incentivando...De qualquer maneira, sempre foi um alívio chegar à estação que é a mais bela de todas, e sentir que eu não estava sozinha, meus companheiros estavam sempre lá, me esperando...

Nesta época, a disciplina Arte e Psicologia com a Prof^a Claudete Ribeiro me trouxe alento. O envolvimento com seus assuntos me lembraram o prazer de querer saber mais. Hoje eu entendo que esse prazer era fruto do *saber sensível* que devagarinho ia se solidificando...

Em julho de 2001 o Alex teria uma grande exposição no CCBB. Eu, que estava de férias da escola, resolvi fazer o curso para monitores, embora soubesse que depois não seria possível trabalhar na exposição. No curso, a curadora Ana Mae proferiu uma palestra sobre o artista e sua obra. Em seguida, o próprio artista teve a sua fala. Sem me dar conta, tudo isso ficou guardado no meu “porta-jóias”.

Meses depois, na disciplina da Mirian foi proposta uma pesquisa coletiva onde cada aluno deveria trabalhar com a mediação de uma obra de arte. Resolvi trabalhar com a Estação Sumaré. Optei entrevistar uma amiga convidada e dois transeuntes frente à obra. Já falei muito sobre como essa experiência foi desafiadora e gratificante.



O grupo de alunos da disciplina levantou um material de pesquisa muito rico, mas devido ao tempo escasso, não foi possível concluirmos a pesquisa. E me dei conta de que eu havia me apaixonado pelo tema, eu sentia que precisava, como diz o Dewey: *consumar* a experiência iniciada. Excitada, contei à Mirian os meus planos de continuidade e ela, como sempre, me encorajou.

Até agora, parece que a esta minha história só resta o: “E viveram felizes para sempre”... Mas este não é um conto de fadas, está mais para um conto de Fernando Pessoa...

Mesmo apaixonada, por um bom tempo não consegui manter uma relação feliz e estável com a obra e a pesquisa. Mudei-me para a região da Avenida Paulista e passei a sentir mais intensamente o viver na metrópole: fascinação e dor entremeadas.

Experienciei (e ainda vivo, diariamente) a *crise* do século XX somada à minha *crise* particular. Sentia-me *anestesiada* para poder sobreviver diante de vários dos meus novos “vizinhos”: pedintes, sem-teto, crianças de rua, que bem poderiam ser retratados junto aos outros paulistanos da Estação Sumaré. Como me recusar a ver o outro? Os desvalidos também têm *poesia dentro de si*...

Trabalhei na Sala Educação da 25ª Bienal: Iconografias Metropolitanas. Desenvolvemos, junto aos professores trabalhos reflexivos sobre mediação, arte contemporânea e o viver na metrópole. Foi instigante, me senti “em casa” ao promover e participar de *encontros* dos mais variados e valiosos...

Realizei várias experiências de mediação junto à obra, envolventes, surpreendentes, mas não ainda não sabia como trabalhar com um material que para mim era tão sagrado.

Eu lia, estudava, procurava caminhos, não só para o trabalho, mas para a minha vida. Sentia uma angústia existencial que parecia sem limites. Queria um trabalho perfeito, queria entender o sentido das coisas, queria respostas e certezas que seriam bálsamo para a minha alma. Os autores só me traziam mais dúvidas. Tantas vezes fui até a Estação, apenas para visitar meus “amigos” e...pensar. Mas só *pensar* não trazia a solução.

Crises não são eternas. Aos poucos as coisas foram clareando. No decorrer dos *encontros* com os autores e com a Mirian, fui compreendendo que a idealização pode representar uma sutil armadilha da dicotomia cartesiana e esconder a não-



aceitação da realidade. Reflexo de um desejo de domínio e posse dos objetos, de desrespeito à natureza e à inteireza das coisas.

E para perceber as coisas que *são no mundo*, seria necessário também *estar no mundo*, com o corpo, a mente e o espírito.

Mas eu ainda me debatia: seria possível aceitar as coisas como são? Isso não seria conformismo, compactuar com as injustiças e desigualdades de um mundo que *deveria ser* tão diferente?

Definitivamente, não. A *aceitação da realidade* é o primeira instância de um *comprometimento* com ela. Primeiramente nos cabe ver as coisas como são, a reflexão e o julgamento só vêm depois e assim, abre-se as possibilidades de *mudança*. Como posso rejeitar e me rebelar contra algo que nem sei o que é?

Como professora da Rede Municipal de Ensino, vejo no cotidiano escolar que temos motivos reais de sobra para queixas e descontentamentos. Frases do tipo: “*deveríamos ser valorizados*”, “*se tivéssemos mais recursos*”, “*se pelo menos os alunos fossem mais interessados*” são ouvidas na sala dos professores, nos corredores, e o que é pior: às vezes ficam caladas dentro do peito...Acontece que a realidade é essa: nosso salário é irrisório, temos poucos recursos e nossos alunos são do jeito que são, não como gostaríamos que fossem...A questão é: *o que fazer com isso?*

Isso me lembra uma história que ouvi certa vez:

Um jovem camponês tinha um temperamento terrível. Irritado, explosivo, era alvo da crítica de todos na aldeia. Seus familiares tentavam lhe ajudar, ao lhe falar da necessidade de sua mudança, pois assim ele acabaria sozinho, sem ninguém.

Um dia, seu único amigo lhe disse: “Eu te aceito como és”. A partir desse dia, ele mudou.

O que seria da Estação Sumaré, se a cada etapa da sua fatura, o artista não parasse e a contemplasse, ainda que por instantes, com olhos dóceis? Imagino que, por inúmeras vezes, a contemplação gerou insatisfação e ele deve ter pensado: “*Não, essa imagem não se encaixa bem aqui.*” Talvez, diante das maiores dificuldades, ele deve ter pensado em desistir de tudo. Mas não: foi tateando possibilidades, buscando soluções...



Essa postura corresponde à idéia de *projeto*, tema tratado com profundidade na tese de doutorado da Mirian, trabalho no qual tive uma pequena participação, ao desenvolver minha pesquisa de Iniciação Científica.

Agora entendo que esse enfoque fenomenológico pode ser um “pano de fundo” do imenso cenário da vida...Uma atitude primeira de abertura à vida...Os *encontros verdadeiros, fecundos*, com a arte, com o outro que vê a obra, com o contexto e comigo mesma são viáveis se partirem dessa abertura. Então será possível ver a poesia própria de cada ser, em dada situação..

Finalmente, após um longo trajeto, o trabalho de pesquisa foi finalizado. Sua escrita, concretizada. Foi *uma* experiência!

Isso quer dizer que me libertei de todas as angústias? Claro que não. Na verdade, isso é impossível, pois o *viver no mundo* está impregnado de um certo *padecer* que faz parte da nossa condição humana...

Mas, então, como essa história termina?

Fico por aqui, me despojando dos outros heterônimos de Fernando Pessoa, para ficar mais próxima do singelo “Guardador de Rebanhos”, Alberto Caieiro:

...O rebanho é os meus pensamentos

E os meus pensamentos são todos sensações

Penso com os olhos e com os ouvidos

E com as mãos e os pés

E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la

E comer um fruto é saber-lhe o sentido...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, Adauto et alii. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, Porto Alegre: fundação IOSCHPE. 1991.

_____. (org.) *Alex Flemming*. São Paulo: Edusp, 2002 (Coleção Artistas Brasileiros)

_____. Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. In: _____ *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1997, p.30-51.

_____. (org.) *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os Pensadores)

DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda. Fenomenologia do conhecimento Científico. In: MARTINS, Joel (org). *Temas fundamentais de Fenomenologia*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

DUARTE, João Francisco Jr. *O sentido dos sentidos : a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1988.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste. *Procurando brechas de acesso para o encontro sensível com a arte: tarefas da mediação*. São Paulo: Brasil +500, 2000 (Texto mimeografado para o Curso de Formação de Monitores)

_____. (org.) *Mediação arte/público: compartilhando um exercício de pesquisa*. São Paulo: Instituto de Artes, 2001 (Texto mimeografado).

_____. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971



OTT, Robert Wilson. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte educação: leitura do subsolo*. São Paulo, Cortez, 1997.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

QUINTÁS, Alfonso López. *Estética*. Petrópolis: Vozes, 1993.

RIZZI, Christina. Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte - Image Watching. In: *Boletim Arte na escola*. São Paulo: Fundação lochpe, nº 22, março 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução a uma ciência pós-moderna. Porto (Portugal): Afrontamento, 1995.

SEVCENKO, Nikolau. O olhar passageiro do transeunte urbano. In: ARTEPÚBLICA, Sesc São Paulo. *Trabalhos apresentados nos Seminários de Arte Pública realizados pelo SESC e pelo USIS, em 1995 e 1996*. São Paulo: SESC, 1998.

VAN ZUBEN, Newton Aquiles. Fenomenologia e existência: uma leitura de Merleau-Ponty. In: MARTINS, Joel (org.) *Temas Fundamentais de Fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1984.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CANTON, Katia. *Alex Flemming, uma poética...*. São Paulo: Metalivros, 2002.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica – teoria da ciência e prática da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANGE, Lucimar P. Bello. *Por que se esconde a violeta?* São Paulo: Annablume, 1995.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens*



Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAC FADDEN, Roberto. Arte Pública & Arquitetura. In: ARTE PÚBLICA, Sesc São Paulo. Trabalhos apresentados nos Seminários de Arte Pública realizados pelo SESC e pelo USIS, em 1995 e 1996. São Paulo: SESC, 1998.

MARTINS, Joel (org.) *A pesquisa qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, Mirian Celeste. *"Não sei desenhar" Implicações no Desvelar/Ampliar do Desenho na Adolescência uma pesquisa com adolescentes em São Paulo*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes/USP.

_____. *ARTE - o seu encantamento e o seu trabalho na educação de educadores: a celebração de metamorfoses da cigarra e da formiga*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação/USP.

_____. *Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte*. In: *ARTEunesp*. São Paulo, 13:221-234, 1997.

_____. *O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar*. In: *ARTEunesp*, São Paulo: 9: 199-217, 1993.

_____. PICOSQUE, Gisa e TELLES, M.Terezinha. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998 (Coleção Didática do Ensino)

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *O olho e o espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Col. Os Pensadores)

_____. *A dúvida de Cézanne*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Col. Os Pensadores)

MONTES, Maria Lúcia. Arte Pública e Cultura Brasileira. In: ARTE PÚBLICA, Sesc São Paulo. Trabalhos apresentados nos Seminários de Arte Pública realizados pelo SESC e pelo USIS, em 1995 e 1996. São Paulo: SESC, 1998.

PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.

_____. *Mudando direções na arte-educação contemporânea. A Compreensão e o Prazer da Arte*. 5º Encontro, São Paulo, SESC/Vila Mariana, 1998.

QUEIROZ, M. Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROSSI, M. Helena Wagner. *A compreensão do desenvolvimento estético*. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. *A compreensão das imagens da arte*. In: *Arte & Educação em Revista*. Porto



Alegre. 1:27-35, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo, Experimento, 1993

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SPINELLI, João J.(org.) *Arte pública: apontamentos e reflexões*. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Núcleo de pesquisa em Arte Pública
CNPq/UNESP, 1998/1999.

TRIVINÕS, Augusto N. Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Luís Guilherme. *Curadorias educativas – A consciência do olhar: percepção imaginativa- perspectiva fenomenológica aplicada à experiência estética*. Anais ANPAP, p.240-247, 1996.

ZAMBONI, Sílvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre Arte e Ciência*. Campinas: Autores Associados, 1998.

ANEXOS



INTERVISTADOS PARTICIPANTES DA PESQUISA:

A fim de apresentar uma visão geral sobre os perfis dos indivíduos participantes desta pesquisa, segue-se uma breve síntese dos dados essenciais sobre os entrevistados. Os dados se referem ao tipo de entrevista: Longa (L) ou Breve (B) e ao o entrevistado foi selecionado por conveniência (C) ou transeunte (transiente) (T).

Nome	Idade	Ocupação	Letramento	Escola
				Particular
				Particular
L-T Lúcia	52	Psicóloga	Superior	Particular
L-T Lilia	33	Professora de Física	Superior	Pública
L-T Euzébio	51	Eletricista	Superior	Particular
L-C Alexandre	34	Gerente de projetos	Superior	Pública
L-C Cláudia	32	Professora de Ed. Física	Superior	Pública
B-T Bruno	22	Estudante	E. Médio	Particular
B-T André	16	Estudante	E. Médio	Particular
B-T Maria Regina	36	Professora curso técnico	Superior	Particular
B-T Martinho	45	Vigia	Fundamental	Pública
B-T Luciana	33	Dentista	Superior	Particular
L-T Eliza	32	Pedreiro	Fundamental	Pública
B-T João	43	Técnico	E. Médio	Pública
B-T Jorge	39	Mestre	E. Médio	Pública
B-T João	31	Fotógrafo	E. Médio	Particular
L-C Marcos	36	Juiz	Superior	Pública
L-C Renato	32	Dentista	Superior	Pública
B-T Inácio	26	Estudante	E. Médio	Particular
B-T Renata	21	Estudante	E. Médio	Pública
B-T Claudete	50	Donde casa	Fundamental	Pública
B-T Aparecida	29	Auxiliar	Fundamental	Pública
B-T Antonio	18	Cozinheiro	E. Médio	Particular
B-T Carlos				
B-T Nêda	46	Doméstica	Fundamental	Pública

ANEXOS



ENTREVISTADOS PARTICIPANTES DA PESQUISA:

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS ANALISADAS

A fim de oferecer uma rápida visão sobre o grupo de fruidores participantes deste trabalho, segue-se uma tabela com alguns dados essenciais sobre os entrevistados. Os códigos se referem ao tipo de entrevista: Longa (L) ou Breve (B) e se o entrevistado foi convidado com antecedência (C) ou transeunte desconhecido (T).

Tipo	Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Escola Pública/ Particular
L- T	Lúcia	52	Psicóloga	Superior	Particular
L- T	Lílian	30	Professora de Física	Superior	Pública
L- T	Eduardo	61	Eletrotécnico	Superior	Particular
L-C	Alexandre	34	Gerente de projetos	Superior	Pública
L- C	Cláudia	32	Professora de Ed. Física	Superior	Pública
B- T	Eduardo	22	Estudante	E. Médio	Particular
B- T	André	18	Estudante	E. Médio	Particular
B- T	Maria Regina	36	Professora curso técnico	Superior	Particular
B- T	Martinho	45	Vigia	Fundamental	Pública
B- T	Luciana	36	Dentista	Superior	Particular
L- T	Elias	32	Pedreiro	Fundamental	Pública
B- T	João	43	Técnico	E. Médio	Pública
B- T	Jorge	39	Maitre	E. Médio	Pública
B- T	Júlio	21	Fotógrafo	E. Médio	Particular
L- C	Marcos	36	Juiz	Superior	Pública
L- C	Renato	32	Dentista	Superior	Pública
B- T	Thiago	20	Estudante	E. Médio	Particular
B-T	Renata	21	Estudante	E. Médio	Pública
B-T	Claudete	50	Donade casa	Fundamental	Pública
B-T	Aparecida	29	Auxiliar	Fundamental	Pública
B- T	Antonio Carlos	18	Contínuo	E. Médio	Pública
B-T	Neide	45	Doméstica	Fundamental	Pública



TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS ANALISADAS

Aqui novamente são expostas as convenções adotadas para a transcrição das entrevistas:

- . Referências à linguagem oral.
- . No texto das entrevistas é utilizado corpo 11, a fim de diferenciá-lo do restante do texto.
- . É utilizado o primeiro nome do fruidor, e o mediador é representado pela letra M.
- . O sinal //// indica palavras ou frases não decodificadas, devido principalmente ao ruído ambiente e à pronúncia do entrevistado.
- . Existem momentos em que as falas são entrecortadas pela fala do outro. Nesse caso, são indicadas entre parênteses.

Como explicitado na tabela anterior, o primeiro número do código se refere à ordem das entrevistas. As letras indicam o tipo de entrevista: Longa (L) ou *Breve* (B) e se o entrevistado foi *convidado* com antecedência (C) ou *transeunte* desconhecido (T) e o último número indica a idade do participante.

Seguem-se a transcrição das entrevistas analisadas nos Capítulos III e IV do trabalho:

Entrevista 1/ L-T/ 52 anos

Entrevistada: Lúcia

Data: 20/01/2001

Mediadora: Estou aqui com a Lúcia, e como você estava me falando, que quando você não vem de carro, você sempre usa a estação, então você sempre passa por aqui...

Lúcia: Passo, eu tenho um consultório duas quadras, aqui para baixo.

M.: Ah.

Lúcia: Eu utilizo essa estação...

M.: Ótimo, você saberia me dizer o que são essas imagens ?

Lúcia: Não, não sei.

M.: Do que se trata ?

Lúcia: Não, deve ser exposição de algum artista, mas eu, não tem nada, pelo menos que eu tenha achado aqui me explicasse. E nem eu tive a curiosidade de perguntar a alguém...

M.: Tudo bem, agora se a gente olhar assim de uma maneira ampla para essas imagens, o que percebe ?

Lúcia: As imagens do cotidiano, pessoas do cotidiano, pessoas... as mais diferentes possíveis, inclusive tem uma foto que parece muito com uma amiga minha, então eu chego aqui e me lembro dela.

M.: Interessante, o que chama sua atenção se você olhar assim, o que mais chama sua atenção ?

Lúcia: Que são fotos muito pesadas, que o pessoal está muito introspectivo, enfim, parece que ela está me chamando a atenção para alguma coisa ...

M.: Você tem idéia do que seria essa coisa que te chama atenção ?



Lúcia: Não, não... não.

M.: Então deixa eu perguntar a você, o que essas imagens tem em comum?

Lúcia: Que tem letras escritas nelas, que tem coisas que dizem e está gravado no corpo delas, pelo menos nessas imagens o que tem de comum é isso.

M.: Mais alguma coisa você percebe em comum entre elas ?

Lúcia: O foco, como cada um está na mesma... na mesma altura, no mesmo jeito, elas não está, uma grande outra pequena. Se vê mais ou menos elas na mesma dimensão digamos e o olhar, não sei, eu acho... algumas tristes, algumas espantadas, expressões meio de espanto, ou de tristeza.

M.: Quais as cores que o artista usou nessa obra ?

Lúcia: Branco e Preto e as tonalidades entre elas, né, ... cinza. E as letras que estão mais coloridas, vermelho... mais é branco e preto e as variações entre branco e preto.

M.: O texto é igual em todas as imagens ?

Lúcia: Não, não, são textos diferentes.

M.: Como você acha Lúcia, que o artista fez essa obra ? Como você acha que ele trabalhou?

Lúcia: Acho que é uma foto primeiro, inicialmente e depois disso alguma película gravada colocada no vidro.

M.: Interessante, foto realmente é... agora, que tipo de foto ele usou ?

Lúcia: Me vem primeiro foto 3x4, essas coisas de documento, em primeiro momento... parece mesmo foto que você vai ... não são fotos artísticas, digamos de um ponto de vista de conceito artístico. São mais fotos para quem vai tirar documento, certo .

M.: Fotos 3x4 ?

Lúcia: Ou passaporte... mais ou menos por aí.... todas muito de frente, não tem nenhuma de lado, são todas frontais...

M.: Como essas letras foram feitas, será ?

Lúcia: Bom, primeiro que as letras parecem de máquina mesmo, de datilografia, não saberia dizer. Talvez impressa não sei, não sei.

M.: Certo, e o fundo da obra ?

Lúcia: O fundo é a paisagem real, chama atenção esta estação, chama atenção.

M.: Se eu perguntasse a você quem são essas pessoas ?

Lúcia: Eu diria que são seres humanos comuns.

M.: Onde o artista arrumou essas fotos ?

Lúcia: Às vezes me parece revistas, ou mesmo fotografando, com uma cadeirinha, o pessoal que está passando pela rua.

M.: Que sensação você tem ao ver essas imagens ?

Lúcia: Alguns parecem olhar para mim, me chama atenção os olhares, todos é... enfim, parece que estão arregalados querendo enxergar o mundo, alguma coisa. Talvez querendo dizer alguma coisa.

M.: Elas te lembram alguma coisa ?

Lúcia: Fora o lambe-lambe, não.

M.: Se você tivesse que escolher um desses para a gente chegar perto, qual que você escolheria?

Lúcia: Aquele ali, a Lia, minha amiga...

M.: A sua amiga, qual é ?

Lúcia: Aquela com pouco texto.

M.: É!

Lúcia: E nem foi porque do texto, é porque é uma que me chama a atenção. Tem uma imagem desse lado e uma daquele lado...

M.: Acha que ele criou o texto ?

Lúcia: Acho que ele criou a obra com um todo...

M.: Você acha que este texto que você leu tem alguma relação com a imagem ?

Lúcia: Essa figura teve que nascer muitas vezes a quem essa imagem me lembra, ela teve que ter muitos renascimentos, da conta dessa figura.

M.: Mas, você já tinha feito essa relação? Você já tinha pensado nisso ?



Lúcia: Não, não.

M.: Não chegou a ler de pertinho assim ?

Lúcia: Não.

M.: Certo, muito interessante o que você falou. Agora Lúcia, vou te dar algumas informações, poucas informações, para acrescentar, sobre a obra. Essa obra se chama Estação Sumaré, tem uma plaquinha que a gente vê. O artista chama Alex Flemming, é um artista por volta dos 50 anos de idade, brasileiro, ele tem uma preocupação social, em todas as obras dele você vê essa preocupação com o social, ele sempre coloca o homem em relação com a sociedade. Por que será que ele deu esse nome à obra?

Lúcia: Para ser bastante sincera, para ser uma obra social como você diz, cabe melhor em outra estação do que aqui. É muito classe média, é muito, para essa obra ter uma relação com o bairro, com a estação.

M.: Entendi.

Lúcia: Então, não sei o que ele deu isso aqui.

M.: Essas pessoas são usuários do metrô, o próprio artista fotografou. Então ele pegou pessoas que vinham para cá e fotografou, eles participaram, né. Quanto aos textos se refere a poesia e letras de música MPB, então são trechos de poesia, então em cada uma a gente consegue identificar, dá para ver mais, alguns são menos legíveis, mas a gente vê... Tem a foto do artista aqui, foi o único que ele não fotografou, ele se incluiu também.////// Por que você acha que ele colocou os textos de poesia e MPB junto sobre as fotos, sobre as imagens ?

Lúcia: Ele tá falando do popular, do popular das pessoas, elas trazem consigo a arte também né. Então eu acho que eu faria uma leitura... dentro das pessoas estão contida a arte, portanto é para estar aí...

M.: Se eu pedir para você falar uma palavra para representar a obra ...

Lúcia: Olhar...

M.: Uma mensagem para o artista, gostaria que você mandasse uma mensagem para ele. O artista é aquele ali.

Lúcia: É o de gravata ?

M.: Isso. Aquele é o artista, aquele é o Alex Flemming, você vê que a foto dele está um pouquinho diferente das outras.

Lúcia: Brilho...

M.: É ...Uma palavra ?

Lúcia: Uma mensagem...

M.: O que vier à cabeça...

Lúcia: Não, estou olhando para a cara dele para ver o que me inspira... Me vem alguma coisa como o silêncio do meu ser, vejo o mundo passar e ao vê-lo posso retratar, e ao retratar posso sensibilizar quem passa.

M.: Que lindo ! Que bonito, até...Quase um soneto. Muito bonito...Gostaria de perguntar para você, seu nome é Lúcia, idade ?

Lúcia: 52 anos

M.: Não parece de jeito nenhum... Onde você nasceu ?

Lúcia: Mirassol, interior de São Paulo.

M.: Seus pais nasceram onde ?

Lúcia: Meu pai em Minas e minha mãe em ////

M.: Mora aqui em São Paulo com quem ?

Lúcia: Sou casada com uma mulher, então moro com minha companheira.

M.: Certo. Sua ocupação ?

Lúcia: Sou psicóloga.

M.: Ocupação dos pais ?

Lúcia: Do lar, minha mãe e meu pai era benzedor.

M.: O que você gosta de fazer como hobby ? O que faz no seu tempo livre ?

Lúcia: Eu acho que preciso encontrar um tempo livre para eu ter um hobby.

M.: Ah é, tá trabalhando demais ? Escolaridade, então é superior...



Lúcia: Faculdade... Particular.

M.: Cite um nome de artista que você gosta.

Lúcia: Gosto do Djavan, acho que o último romântico para mim... ///// gosto do Roberto Carlos... gosto... Emílio Santiago...

M.: E se eu te pedisse dos artistas plásticos ?

Lúcia: Artista plásticos não conheço, não. Não tenho uma educação para... não que não... acho importante...

M.: Mas você canalizou para a música...

Lúcia: Não fui educada mesmo, não tive tempo de freqüentar museus...

M.: Então você não freqüenta museus, espaços culturais...

Lúcia: Freqüento, a Pinacoteca, Centro Cultural, nunca o ...não fica gravado... tem um cara que eu gosto que é cego, mas não sei o nome, ele é estrangeiro, faz coisas maravilhosas, mas eu não tenho essa educação.

M.: Entendo. Então você nunca cursou artes plásticas ?

Lúcia: Não tive a oportunidade de ir me criando...

M.: Já viu obras de arte na cidade ?

Lúcia: Na rua, já!

M.: Tem alguma que você se lembre ?

Lúcia: Tem... ali no final da Paulista, Ibirapuera, parque da Luz, já vi em outros lugares.

M.: Mas você tem uma boa memória visual ... geralmente as pessoas não se lembram. E que museu ou exposição que te marcou?

Lúcia: Que me marcou foi dentro dos 500 anos, a exposição sobre o negro... essa foi a exposição... todos brancos e negros deveriam ver.

M.: Negro de corpo e alma. Muito bonito mesmo.

Lúcia: Para a nossa cultura, ótimo.

M.: Agora falando da nossa experiência. Qual a diferença entre vir aqui sozinho e olhar, fazer o que a gente chama de leitura de obra ou vir aqui com alguém que no caso fui eu, que tenho um conhecimento um pouquinho melhor, para te dar...

Lúcia: A diferença é essa mesmo, poder olhar, olhar no sentido de olhar, ver o que ela tem o que chama a atenção, o que ela diz, o que não diz. Apreciar a obra porque é diferente... você passa aqui, mas....

M.: Sei.

Lúcia: Você não pára para fazer uma leitura.

M.: Vou te pedi uma palavra para representar a experiência que você teve aqui, a experiência que você vivenciou.

Lúcia: Novo

M.: Bom... Um cheiro para representar a experiência que a gente viveu aqui...

Lúcia: Erva doce, está um cheiro bom aqui.

M.: O que você leva para casa dessa experiência ?

Lúcia: Talvez a necessidade de investir mais no olhar, mais...

M.: O que você tem vontade de fazer agora ?

Lúcia: Agora ? Agora quero ir para casa (risos).

M.: Tudo bem... e o que você vai contar às pessoas do que você vivenciou aqui...

Lúcia: Talvez perguntar a ela o que ela sabe sobre o que é isso aqui... enfim, que é um cara... qual a intenção...

M.: Lúcia, muito obrigada, vá com Deus. Obrigada pela sua participação e assim quando você falou para mim que aqui é a estação mais elitizada, para colocar uma obra dessa... Será que não é por isso mesmo?

Lúcia: Talvez para chamar atenção.

M.: Chamar atenção, talvez as elites precisem olhar mais para as pessoas do povo. Talvez, não sei... o fato do vidro ser transparente, talvez tenha sido escolhido essa estação.

Lúcia: Nunca reparei se por fora também tem as imagens ou se é só o fundo.

M.: Dá uma olhadinha por fora, você vai ver que legal.../////

Lúcia: Muito obrigada, boa sorte!

M.: Para você também.



Entrevista 4/ L-T/ 61 anos

Entrevistado: Sr. Eduardo

Data: 26/01/2002

Mediadora: Como é o nome do Sr?

Eduardo: Eduardo.

M. : Estamos aqui com o Sr. Eduardo, no dia ////

Sr. Eduardo, o senhor costuma passar sempre por aqui?

Eduardo: Sempre, sempre.

M. : Mora aqui perto?

Eduardo: É, moro aqui pertinho, 15 minutos a pé.

M. : Ah, tá. E o Sr tem idéia do que são essas imagens?

Eduardo: ãh, ãh, são pedaços de poesias, né?... São versos muito bonitos, por sinal, principalmente daquele lado... daquela moça lá. eu sempre leio... Sou mau de memória, mas eu sempre leio... sempre, quando tenho tempo, né...

M. : Ah, sim...Esperando a condução chegar...///// Então o senhor sempre lê?

Eduardo: Sempre, sempre, observo sim.

M. : E quando o Sr observa essas imagens, essas pessoas, que sentimento que vempara o senhor?

Eduardo: ãh... ãh... Tem versos muito bonitos acerca da... aproximação das pessoas do convívio do dia a dia, né e isso faz com que a gente não se sinta, sinta tão só por ver tanta gente, é sempre...gratificante. É que nem aquele livro que a gente abre de surpresa em tal página, e ...não sei como se chama aquele livro, é mais ou menos isso, isto equívale a isso, imagino eu.

M. : Ótimo. O que mais chama atenção p o senhor nessa obra então... são os textos?

Eduardo: É... além dos textos também as figuras humanas né, não muito relacionadas, não é verdade? Porém tem alguma coisa, alguma coisa que chama atenção...Não é à toa que tem pessoas com diversas raças, fisionomias, sexo... E a gente percebe que tem alguma conexão entre aquilo que os versos dizem e a representatividade das imagens, né, tenho essa impressão.

M. : Certo. É, qual a imagem, se eu pedisse para o senhor escolher uma pessoa , qual a sua imagem preferida, então, já que o senhor...

Eduardo: A daquela moreninha lá..

M. : Ah, sei. Pelo... E qual o motivo da sua escolha?

Eduardo: Eu não sei, parece-me q representa muito do que é o Brasil, sabe, eu como estrangeiro, lá fora, nós vemos o Brasil diferente, nós não vemos o Brasil branco, nos sempre vemos um Brasil moreno e tenho a impressão de que ela mais ou menos, ãh.... sintetiza aquilo que a gente tem de...de...pensamento e conhecimento sobre o Brasil.

M. : Qual sua nacionalidade?

Eduardo: Eu sou boliviano

M. : Boliviano. Certo. E seria então, assim, o tipo brasileiro, né?

Eduardo: Sim, brasileira, isto. Não é preta, também parece que não é índia, é alguma miscigenação, né..., interessante, muito interessante...

M. : Ela é mestiça, então?

Eduardo: Mestiça. (Muito interessante).

M. : Ah, certo. É...é a única imagem que tem dela ou o senhor já reparou se tem outras imagens dela por aqui?

Eduardo: Olha, eu geralmente nunca passei desta parte para lá porque normalmente a ///// gente chega e já não há mais tempo para nada... só três minutos, no mais, é pouco tempo, a gente precisaria vir aqui apenas para...

M. : Apreciar.

Eduardo: É, apreciar.////. Eu gostaria de ter tempo para tanto.



M. : Ah, sim, mas agora que o senhor está me dando este prazer, este privilégio né, de conceder está entrevista e de parar um pouquinho prá observar, né, eu queria saber se traz algumas recordações para o senhor essas imagens...

Eduardo: (pausa)... Ah... sinceramente, não pensei nisso... não, não, não, não. Não sei, sinceramente não... Lhe digo... Aquela moreninha lá significa prá mim alguma coisa que veio à mente quando eu não morava no Brasil, estava lá fora...

M. : É, tem uma lembrança forte.

Eduardo: Tem. Uma relação aquilo que eu via o Brasil quando eu estava lá fora, né.

M. : Certo.

Eduardo: É mais ou menos isso.

M. : Certo. E os textos? O senhor acha que quem escreveu estes textos?

Eduardo: Geralmente não são versos de coisas consagradas, imagino eu, é, eu de poesia não entendo nada, mas tem muitas coisas muito profundas, sabe, é, muito bonitas; e o problema é decifrar o que está escrito, né, porque como estão as palavras estão separadas, então a gente demora muito tempo para ter nexos do que está sendo dito. E o problema é tempo, mais uma vez, para poder apreciar isso ////////// e poder ver o que realmente significa.

M. : E por que o senhor acha que o artista faz o texto assim?

Eduardo: (pausa) . Ah... imagino para poder dar um pouco mais de, como se diz... para dar... ah... mais tempo à pessoa no sentido de poder admirar mais o que está escrito porque a gente para ler uma frase inteira a ////////// para poder a gente... como se diz... ////////// eu tenho a impressão, essa é a minha impressão. ////////// Porque às vezes fica gravado na mente o que está escrito. É muito difícil, mas tenho a impressão de que está foi a idéia de quem fez.

M. : Então, esse texto são de poesias, né, como o senhor já percebeu, o senhor já notou. Ah... o artista que fez essa obra é um artista brasileiro

Eduardo: Brasileiro.

M. : Eu não sei se o senhor já ouviu falar, é o Alex Flemming, ele tem 48 anos...

Eduardo: Eu, eu, está escrito lá, no....

M. : Na placa.

Eduardo: Na placa e... sem dúvida alguma, ótimo.

M. : O senhor se lembra do nome da obra?

Eduardo: Não, infelizmente não.

M. : O nome da obra é Estação Sumaré

Eduardo: Ah é?

M. : É, Estação Sumaré. Ele colocou o próprio nome, Estação Sumaré. Por que será que ele deu esse nome a obra? Existe alguma relação dessas imagens com o local onde elas estão?

Eduardo: Ah... (pausa) Eu imagino... Sumaré é, como era, uma ah, é palavra tupi guarani não, que parece me que significa pedra, não sei.

M. : Eu não sei o significado.

Eduardo: Alguma coisa assim. Eu tenho a impressão de que parece que pedra, não tenho certeza absoluta, mas é uma palavra tupi guarani que significa alguma coisa. Então justamente esses significado de esse, eu acredito que ele fez isso.

M. : O senhor acredita que foi...

Eduardo: Do significado dessa palavra.

M. : Do significado da palavra Sumaré que ele fez?

Eduardo: Imagino.

M. : É o que o senhor imagina? Certo.

Eduardo: A etimologia dessa palavra eu não sei

M. : Com certeza tem...

Eduardo: Eu não me lembro, eu sabia, mas a gente nunca guarda essas coisas...

M. : O que senhor acha desse fundo, do fundo da obra?

Eduardo: Ah, é maravilhoso... a gente tá vendo a pessoa, mas tá vendo bem mais para lá, bem mais para lá da pessoa, então dá uma sensação de espaço de... por estarmos assim



tão alto parece que estamos voando aqui e a sensação é ótima, é a sensação mais linda que tem, eu acho, eu acho que a mais linda de todas.

M. : Com certeza porque esse fundo transparente dá uma outra...outra dimensão

Eduardo: Dimensão, parece que a gente está no ar. Sabe, está no ar quando às vezes no inverno, quando tem neblina e nevou desse e a gente se sente no ar sabe? Que nem avião, quantas vezes eu já desci aqui à meia noite assim (sei) algumas vezes já... já me senti assim, (sei) .

M. : Muito interessante, seu Eduardo, agora o artista que fez essa... essa obra que tipo o que será que ele usou para poder fazer essa obra? O senhor acha que ele se baseou em quê ...para fazer as imagens?

Eduardo: (pausa) Bom...ah aqui representa todas raças brasileiras, né, então imagino que ele é, como eu lhe digo, ah...Sumaré deve significar alguma coisa e ele dentro desse termo Sumaré colocou todas as raças brasileiras (hum) Não, acho que ele...ah... agregou em torno da palavra Sumaré tudo que há de Brasil, a "brasilidade", tem, deve ter, coisas profundas, muito lindas aqui, seguramente...Até eu queria uma vez falar com o pessoal lá se eu poderia tirar fotografia disso, não sei se será possível, (não...) para poder guardar (é...).

M. : Não sei se é possível, mas existe um livro de arte, arte do metrô, (Ah, é?) que tem todas as obras de arte das estações.

Eduardo: E tem também essas fotos ?

M. : Tem.

Eduardo: Ai que maravilha, eu não sabia,

M. : Não, não todas, mas tem algumas (mas pelo menos algumas), tem algumas imagens.

Eduardo: Ah, que interessante...

M. : Tem, existe. Fotografar não sei se eles permitem, é uma questão de conversar (imagino que sim), é possível.

E essas, mas que tipo de imagem quando a gente olha assim, o quê que ele usou, porque a gente vê que elas tem todas uma coisa em comum, né ?

Eduardo: É, elas estão sérias (hum) sérias, ninguém sorrindo...(hum) É, eu sinceramente, devido a que todos passam sérias, em alguns casos até, passem turnos, honestamente não saberia te de dizer qual e a idéia dele de passar, precisaria ler mais um pouco dos versos que está escrito.

M. : O senhor acredita que lendo os versos, compreendendo mais os versos vai ter explicação para isso?

Eduardo: Imagino que sim, poderia chegar a alguma explicação.

M. : Ele usou para fazer essa obra fotos 3x4...

Eduardo: Ah, tá !

M. : Ampliada, aquela foto de documento (de documento). Isso, de passaporte de... aquelas fotos.(Ah, tá) Então as pessoas estão todas posando, né...

Eduardo: Sim, posando seriam para um documento, (para um documento, exatamente), é realmente, não havia percebido isso

M. : E são fotos 3x4, e essas fotos foi o artista que tirou das pessoas (hum)... são usuários do metrô (Ah, sim) são usuários da estação Sumaré, (Ah, tá) são usuários, então aí que a gente começa a compreender, né, o nome Estação Sumaré, são os próprios usuários que estão ali representados...

Eduardo: Ah, é ? Que interessante...

M. : O próprio artista mesmo fotografou, chamou as pessoas, fotografou, né, e depois ele colocou a... ampliou claro, e colocou a obra aqui, colocou os poemas...E o artista está representado aqui também, ele também se colocou, do lado, daquela moça morena que o senhor falou que gosta (sim)... O homem que está ao lado é o artista, é o Alex Flemming.

Eduardo: O da direita ? (de gravata) ali ? Que interessante, Ah é ele? (ele é o artista, é ele) Ah, tá, que interessante!

M. : Então, se nós olharmos, a gente percebe até que a roupa é diferente das dos outros os, porque não foi ele que tirou... (hum, verdade) é uma foto de documento, a dele, as outras não, foi ele que tirou, né... (que tirou)



M. : Se eu pedisse para o senhor dizer uma palavra que sintetizasse essa obra, que palavra você usaria?

Eduardo: Uma palavra ? (isso) (pausa) Inspirado (inspirado, que bonito) Inspirado.

M. : Se o senhor fosse mandar uma mensagem para o artista, o quê o senhor falaria para ele?

Eduardo: Ah, que ele siga essa trilha porque eu acredito que... mesmo... que ele fez, ele sintetizou muito de nosso dia a dia, sabe, e se vê que ele é uma pessoa de... é... de profunda, hum, é, como se diz, é, é...de idéias profundas, no sentido do coletivo de onde ele está situado, então ele está vendo que, não está ele só, ele precisa de pessoas. (sim) Não, ele é humanista, vamos dizer...

M. : É sim, o, o Alex tem uma característica não apenas nesta obra, mas, em praticamente todas as obras dele.

Eduardo: Infelizmente eu não conheço a obra dele...

M. : Ele tem uma preocupação social muito grande.

Eduardo: Imagino que sim.

M. : Então, é um questionamento que ele sempre tem assim, a preocupação, a relação do homem com a sociedade, do homem em relação ao outro...

Eduardo: Sim, se nota, se vê, aliás, está explícito nesta obra (mas em outras nós também notamos esse, esse, tipo de...) Esse tipo não conheço, senhora....(é) Desgraçadamente, nosso dia a dia nos obriga a ãh, a sobreviver... Para o lazer, para o conhecimento, para a cultura nós não temos tempo, (sobra muito pouco) não tem, e a gente também é preguiçoso.

M. : Mas é, eu acho que assim...a gente faz o que é possível, né... (hum) Se essa, se essa obra tá colocada na estação as pessoas param, se as pessoas tem essa apreciação como o senhor teve, já é uma possibilidade de ter um conhecimento, de adquirir um conhecimento, entrar em contato com a arte.

Eduardo: É verdade. Porque veja a senhora aí /////, embora estás coisas sejam tão bonitas, eu tenho certeza de que mil passageiros, duvido que um pára aqui algum dia na saída ///// para casa...Eu não sei porque estou correndo, é sábado, o quê que eu vou assistir a está hora? Já passou o Jornal Nacional que eu gosto de assistir, mas eu estou correndo para casa, nem vejo, eu trato normalmente de subir lá no, no, no, como se chama, na, no, na estação de Paraíso, naquele vagão lá, no segundo, para sair direto, por que se eu poderia entrar naquele último e apreciar um pouco mais, não é verdade ? Então nós nos deixamos levar pelo dia a dia...Nós, nós ficamos alienados ao que nos cerca, somos muito egoístas, não temos o sentido de coletividade, nós perdemos aqui o sentido de apreciar o mundo, que bonito, que bonito que é.

M. : No dia a dia, nas pequenas coisas...

Eduardo: Nas coisas pequenas, não é nada, mas enche a vida, ajuda a pensar...No dia a dia melhoramos a qualidade de vida, porque nós, nesse sentido estamos muito alienados de toda e qualquer coisa. Contadas são as pessoas que, como se diz, vontade de ir ao teatro, conhecer alguma coisa mais porque todo, nos tolhe todo nosso, nosso, acovarda, no sentido que nós não temos dinheiro para condução, não temos dinheiro para /////para o dinheiro...se a gente tem dinheiro, assalta ///// então não sei, não sei onde estamos vivendo...então, este é o sentimento que eu tenho, meu particular, e também vejo nas pessoas e quantas vezes eu pergunto para alguém aí, onde você desceu na Estação Sumaré e se viu... nada, tudo igual, né...(pausa)

Eu gostaria de ter essa paciência de ir devagarinho, olhar... eu gostaria...

M. : Mas o senhor...

Eduardo: Mas eu me deixei levar pelo dia a dia, como todo mundo, sai que nem cavalo...

M. : Parece uma boiada...

Eduardo: Boiada mesmo, isso é verdade, perdemos tanto, perdemos tanto...

M. : Verdade...Agora, para completar aqui, a nossa... tem alguma pergunta que o senhor gostaria de fazer, de eu poder, que eu estudei um pouco dessa obra, um pouco do artista, se eu poder te responder alguma coisa, alguma curiosidade que o senhor tenha, eu respondo...



Eduardo: Obrigado, o que eu gostaria é que, não eu gostaria, o bom seja que não só Sumaré seja privilegiada de receber uma coisa assim permanente, obras de arte assim bonitas, que fazem parte da personalidade da estação. As outras estações também poderiam ser feitas assim, e aquela coisa assim... tão insossa, sabe, tão.... como se diz, tão impessoal né... sair em uma, sair na outra é a mesma coisa, né? Esta é a única que é diferente, é nesse sentido de ter uma coisa cultural, uma obra de arte permanente.

M. : O senhor vê relação dessa obra com o local, uma relação muito forte, da obra com o local, e se entendi o que o senhor disse, em outras estações não nota relação da obra com o local...

Eduardo: É muito pouco que se vê... outra obra bonita é a na Praça da República por exemplo aquela do Mário de Andrade é, né, é maravilhoso, eu fico extasiado, sempre que posso fico olhando lá /////

M. : Todas elas tem obras obra públicas, né...Mas aí, a relação da obra com o local é diferente, não tem grande relação...

Eduardo: Não, não, não é relação, aquela do Mário de Andrade é muito bonita, aquela ////, mas as outras não querem dizer nada. Então é interessante que se faça uma pesquisa com os artistas que estão à mostra permanente...

(pausa e olhando para a amplitude da obra) É como mais ou menos a Capela Sistina do.. do ... do metrô!

M. : risos....

Eduardo: É uma coisa que se destaca////

M. : Com certeza, com certeza. Mas, senhor. Eduardo, uma diferença grande que tem essa obra das outras obras que nós temos no metrô é que elas foram colocadas depois. Então, a estação já estava pronta e aí o artista elaborou, mas não a pedido do metrô, ele elaborou logo depois de colocar e aqui já foi encomendado uma obra específica mesmo para esse corredor de vidro que nós temos. Então você vê mesmo que está muito integrada a obra com o local, está perfeito, há um diálogo...

Eduardo: Faz parte...

M. : Faz parte. E tem obras que a gente olha no cotidiano mesmo: na cidade, no metrô, na própria Av. Paulista, em tantos lugares, nós olhamos a obra, mas ela está colocada ali, ela não está tão integrada.

Eduardo: Isto. Ela não está integrada. Isto é o que a gente nota. No metrô é o que a gente nota. Eu lhe digo, das estações que conheço, está é a minha preferida, mesmo porque moro perto e estou sempre aqui. Então, eu acho uma maravilha, gosto, sabe a gente sente...(respira fundo) o ar. A que eu gosto também da Praça da República, imensa...como se chama aquela do Mário de Andrade, eu acho uma coisa maravilhosa////

M. : É um painel.

Eduardo: É, um painel. Aquele, aquele////

M. : Agora, independente da obra se relacionar com o local, né, que algumas obras foram mais felizes, outras...né...nesse diálogo, nem tanto...Então é importante a gente parar mesmo assim e tentar observar a obra.

Eduardo: É.

M. : Porque no dia a dia, assim, na cidade, nós vemos também.

Eduardo: Sim.

M. : Nós vemos...

Eduardo: Claro.

M. : Mesmo que não seja tão integrado, mas nós vemos. A gente simplesmente olha, sabe...A gente olha, precisa ver...

Eduardo : Não só olhar, não temos tempo para nada, não nos damos tempo para nada. Acho que precisamos dar um pouco mais de atenção às coisas bonitas que temos, tem coisas lindas aqui. São Paulo não é tão árida como se diz, sabe, não é, tem coisas maravilhosas, mas /////nós não vemos. Passamos por alto, passamos a cem por hora////

Nesta mesma avenida, eu uma vez, eu //// vim lá do Parque Antártica para cá, a pé, andando...como é linda! Andando ////////// Muito bonita, tem pessoas andando, fazendo footing aí no meio, tem, tem árvores tão bonitas lá embaixo, principalmente depois desta



curva, ali, aquelas, aquelas, mangueiras, né, nossa...como é lindo tudo aquilo. A diversidade de árvores que tem //// depois mais para lá ///// nós temos aqui, mas nem damos importância, mas são coisas lindas!

M.: Com certeza!

Há quanto tempo o senhor mora por aqui?

Eduardo: 41 anos.

M.: E aí, depois de tanto tempo morando aqui, aí é que descobriu uma beleza aqui do lado...

Eduardo: É, para que a senhora veja como somos apáticos às coisas boas...

M.: É verdade. Tá certo...Sr. Eduardo, eu agradeço muito...Agora eu precisava completar os nomes... os dados pessoais do senhor, né?

M.: Sua idade?

Eduardo: 61

M.: O senhor nasceu na Bolívia?

Eduardo: Bolívia, certo.

M.: Sua ocupação?

Eduardo: Eu sou eletrotécnico.

M.: Eletrotécnico?

Eduardo: É.

M.: Qual o seu hobby? O quê o senhor costuma fazer nas horas vagas?

Eduardo: Escutar música e ler.

M.: Sua escolaridade?

Eduardo: É, curso superior.

M.: Curso superior... Escola pública ou particular?

Eduardo: Particular... Ah, pública na Bolívia porque na Bolívia /////

M.: Ah, na Bolívia então é pública....

Eduardo: É.

M.: Que artistas que o senhor gosta?

Ah,... tantos artistas que eu acho....o.... de homens, diria eu, que eu apreciei muito o Paulo Gracindo, já falecido; o... que fez a novela, a novela passada, o, ...a novela da Globo, a passada...é..., ô cabeça, é..... como se chama/////...Fernanda Montenegro...

M.: Não tem problema...

Eduardo: É que eu não me lembro porque

M.: Com certeza, é que tem muitos...

Eduardo: Muitos artistas, muito bons, bons mesmo... Eu não sei como que o cinema brasileiro não é bom...

M.: Mas é, tá começando...Tá começando, não! Existem obras boas.///// Tem um filme muito bonito nacional, atual, que se chama Lavoura Arcaica, está passando lá no Espaço Unibanco. É que passa em poucas salas, não é em todo cinema... Esse é o grande problema...

Eduardo: Esse é um problema, mas é um filme... belíssimo, atual, muito bonito mesmo, assim,...mundialmente ele //// nacional, vale a pena ver...

M.: Sem dúvida, sem dúvida...

M.: Eu queria que o senhor citasse artistas plásticos

Eduardo: Senhora, eu conheço tão poucos, eu conheço o Vítor Brecheret (sim), depois... O que mais é o Vítor Brecheret o que mais a gente vê é obras dele, e outros me foge a memória, não me lembro.

M.: Certo, e os artistas plásticos brasileiros...O Brecheret não é brasileiro(sim), mas ele viveu aqui, né, algum artista plástico brasileiro, o senhor se lembra...?

Eduardo: Não, não senhora.

M.: O senhor frequenta espaços culturais?

Eduardo: Não, não senhora.

M.: Não, não frequenta?

Eduardo: Não, não tenho tempo, muito corrido.



M. : Trabalha demais ?

Eduardo: Infelizmente, a gente trabalha no almoço para pagar a janta...

M. : O senhor já cursou arte alguma vez ?

Eduardo: Não, não senhora.

M. : O Senhor vê obras de arte pela cidade ?

Eduardo: É claro, os monumentos normalmente que existem por aí, algum que alguma possa por um espaço que está... hum... como se diz, é expondo alguma obra...Na Pinacoteca eu nunca fui, porque nunca tive tempo e também por causa/////

M. : Então exposição de arte o senhor não se lembra de ter ido ou freqüentado...

Agora, Sr Eduardo, a respeito de nossa experiência, nossa conversa, qual a diferença do senhor analisar sozinho uma obra de arte, ou ver em companhia de alguém que facilita?

Eduardo: ///// alguém que facilite, porque a gente tem é, o conhecimento mais exato do que realmente está sendo apresentado, porque às vezes às vezes não... a gente, sempre tenta, ver as coisas como a gente é...

M. : Sei.

Eduardo: Entende? Então a gente precisa que alguém que facilite, que no caso aqui é a senhora, explique porque. (olhando para as imagens) Eu sempre digo: "que sérias atitudes". Por quê? Sempre me perguntei isso. Ninguém sorrindo... Porque o brasileiro tem a, como se diz, característica de estar sempre sorrindo, mas aqui ninguém sorri, agora a senhora me explicou porque. Agora estou entendendo.

M. : Certo mas na verdade eu facilitei algumas coisas, muita coisa o senhor já sabia, muita coisa foi o senhor que elaborou, eu apenas ajudei.

Eduardo: E eu agradeço muito a permitir-me...

M. : Se eu pedisse uma palavra que sintetize a obra, nossa conversa, o que nos vivemos aqui...

Eduardo: Muito agradável

M. : Agradável, obrigado! Se eu pedisse um cheiro que sintetize a experiência que a gente teve aqui.

Eduardo: Um cheiro... (é) Não seria o do trilho (risos) do "fedô" que o trem ///// pára justamente aqui, (hum) seria isso ?

M. : Não sei, poderia ser...O que o senhor leva para casa ?

Eduardo: Perdão...

M. : O quê o senhor leva para casa dessa experiência?

Eduardo: Ah...um pouco de alegria, um pouco de contentamento, de ver que, que o meu fim de dia pelo menos, alguma coisa eu aprendi mais uma coisa na terra.

M. : Teve algumas surpresas.

Eduardo: Sem dúvida alguma, muito agradável.

M. : Eu também tive...

Eduardo: Eu lhe agradeço.

M. : O que o senhor tem vontade de fazer agora?

Eduardo: Ah, chegar em casa e...(pausa) como sempre conversar com minha esposa e minhas filhas, meus netos.

M. : Ótimo, o quê o senhor vai contar para as pessoas dessa experiência?

Eduardo: Sem dúvida alguma, senhora, eu vou agora mais do que...Ah... Por que não ver? Por que não parar para ver? ///// Por que subir no segundo vagão para sair logo? Subir no último para poder apreciar um pouco mais, por que de lá para cá demora um minuto, e um minuto não é nada!

M. : Nem um minuto não dá, se contar no relógio é menos.

Eduardo: É menos, deve ser.

M. : É, é menos.

Eduardo: Então, aproveite a alegria de alguma coisa, com certeza tem uma palavra bonita do dia, não é? Com certeza, não é verdade? (certo)

M.: Então, olha muito obrigado pela sua participação (eu que agradeço). Sua entrevista vai enriquecer muito o meu trabalho, (ó sim) é um trabalho de mestrado que estou fazendo (oh!,



que maravilha!) tá, sobre a estação. Eu estou entrevistando várias pessoas, do que elas vêem dessa obra, fazendo o trabalho com várias pessoas diferentes, diferentes classes sociais, diferentes graus de escolaridade, né...(que bom, senhora) e é muito interessante (eu me alegro) muito interessante...

Eduardo: Hum, minhas felicitações...

M.: Para o senhor também...

Eduardo: Que a senhora tenha êxito...

M.: E o senhor tem muita sensibilidade para apreciar obras, eu me espantei, sinceramente, quando o senhor falou que não frequenta exposições, que não conhece...Eu me espantei, porque o senhor tem uma facilidade muito grande, uma sensibilidade muito grande...

Eduardo: Nós somos muito apáticos, nós nos deixamos levar pelo dia a dia!

Entrevista 5/ L-C/34 anos

Entrevistado: Alexandre

Data: 28/01/2002

Mediadora: Agora são 20:45 estou com o Alexandre, vou começar a entrevista... Você passa sempre por aqui ?

Alexandre: Não, muito raramente

M.: Você pode me dizer o que é isso ?

Alexandre: Isso aqui ? Eh, me parece que é uma instalação...

M.: Instalação, tá bom, conhece mais algum detalhe dessa obra ?

Alexandre: Dessa obra específica, realmente não, eh, mas creio que deve ter algo relativo a...algum documentário, as pessoas devem ter alguma ligação entre si, imagino eu...

M.: O quê mais você percebe nessa obra?

Alexandre: Nessa obra... Ah, é uma obra, que tem um cunho, realmente de instalação do que ser uma obra de arte de ah... dita como ///// ela está ligado com um objeto que explora a realidade do dia a dia, principalmente na parte de... jornal, ou seja eh... eu acho que ela atrai uma identificação com as pessoas porque essas fotos são real, tá muito ligado a fotojornalismo, me parece. A caracterização das letras, da escrita reforça isso, é ,ela tem assim muito mais assim uma obra de instalação do que, sei lá, para /////

M.: O que mais te chama a atenção?

Alexandre: Hum, me parece que existe repetição, não estou bem certo disso agora, Ah, outra coisa que chama a atenção é que ela está...é, perfeitamente ligada ao ambiente, ou seja Ah, as pessoas parecem estão integrando com os passageiros da, da, estação. Eles compõem, eles dão, eles estão ligados ao ambiente, o único fato que eu não vejo explicação total é justamente essa... escrita.

M.: Certo, o que essas imagens tem em comum ?

Alexandre: São todas em preto e branco, são todas nitidamente num estilo de foto-jornalismo, todas tem muito claro e que parecem retratar a normalidade.

M.: Você pode explicar melhor isso ?

Alexandre: Ah, Ah, normalidade no sentido de... Ah... ela está integrada, ela não tem a, ela não tem o luxo de uma obra de arte, que é realmente uma reinvenção da realidade, ela reduz a realidade, então uma conotação ////, de jornalismo, jornalismo reforçado por essas letras. Tirando isso ela... são fotos de pessoas comuns... totalmente, passam por essa estação no dia a dia, isso é claro, esse tipo de pessoas passam pela estação, pessoas normais que se encontram nessa estação, são usuários de metrô, com certeza, não sei, ou poderiam ser ...

Realmente ela não tem, eu não classificaria como uma obra de arte, aí é uma coisa minha pessoal de classificação. Para mim uma obra de arte, ela tem mais um sentido lúdico do que, que essas fotos não tem, tá, no sentido lúdico e no sentido de qualidade, na não repetição, por que essas fotos não tem, foi por isso que eu enquadrei como instalação, digamos no universo de artes plásticas eu faço a separação entre instalação e obra de arte,



isso para mim é uma instalação ///// ela é ,... retrata realmente pessoas comuns, não foi feito nenhum trabalho em cima da foto, tirando ... Ah o texto.

M.: O texto está igual em todos ?

Alexandre: Não parecem iguais tô vendo que ele deve ter algum sentido poético, não sei...

M.: Como você acha que o artista fez?

Alexandre: Oi ?

M.: Como você acha que o artista fez?

Alexandre: Como ele fez ? (é)... deixa eu ver.... ///// (pausa) Ele deve notar alguma identidade, /// eu imagino que deva ter fotos, talvez, de documentos, para uma banalização do fotojornalismo, todas em preto e branco, e elas tem uma, eh, ela não está chapada, elas tem uma, um tratamento um pouco melhor do que um documento, talvez por isso que eu ache que é uma foto jornalístico, e eu imagino que, ele deva ter feito um pouco de... palavras, eu não vejo nenhuma relação, ate imagino que não exista relação. Acho inclusive, imagino, deve ter pego alguns textos, misturados os textos, e lançado sobre as fotos, sem tentar criar uma conexão, sem procurar criar uma conexão.

M.: O que você acha do fundo?

Alexandre: Que fundo, do vidro no caso? (isso)... acho que no caso tá aí, não tenho dúvida, que para esse tipo de instalação tá claro que o único efeito possível é esquecer que esse fundo não seriam visíveis quanto a o fundo tem que ser claro ou translúcido, como é, ou poderia ser um fundo branco, totalmente claro, êh uma forma de a foto ganhar um jeito de gente e se integrar ///// é uma sacada legal, é o jeito da foto se integrar com ao ambiente da plataforma é um jeito legal, é uma sacada legal, da uma terceira dimensão à foto e segundo, também fatalmente uma estação dessa necessita também ou disso, da iluminação, ou de um fundo branco ou fundo neutro, para deixar, para criar o contraste necessário, daí ele perderia a terceira dimensão, mas teria o contraste ///// porque teria que fazer parte de um padrão estético, não tem dúvida que primeiro se tem a estação, depois se fez a instalação, então eu acho que, eu acho que a sacada dele foi realmente usar isso para dar a terceira dimensão à foto

M.: Certo, Você já deu sua opinião de quem são essas pessoas, poderia dizer, quem são ?

Alexandre: Acho que são pessoas, usuários, possíveis usuários do metrô são pessoas que fazem parte do cotidiano do metrô, de fazem parte do nosso cotidiano êh, devem ser pessoas de vários níveis sociais, varias níveis de escolaridade, ele representa muito bem a ... amálgama da população brasileira e dos usuários do metrô que é um transporte democrático mas, principalmente essa linha que é uma linha que passa pela Paulista, é uma linha, que tem um usuário mais sofisticado, que também estão representados aqui, acho, e... é o usuário

M.: Onde você acha que o artista arrumou essa fotos? (como?) Onde o artista arrumou essas fotos ?

Alexandre: Eu imagino que...ele deva ter tirado essas fotos, ou ele deve ter /// e a característica da foto, ser uma foto que tem contraste a ser trabalhada, ela não me parece ser uma foto de 3x4 normal. Num primeiro momento diria que uma foto normal, acho que a idéia é dar essa idéia de que isso foi tirado de uma ...digamos de um fotógrafo que faz esse tipo de trabalho, imagino que elas tem um certo trabalho, que pode ser um trabalho, um pós trabalho, mas eu imaginaria que ele tirou essas fotos usando uma máquina, usando técnicas de fotografia, eh, mais sofisticadas do que as 3x4 normais, mas a intenção dele é nítida , tirei isso do outro lado da rua...

M.: Que sensação que você tem quando você olha ?

Alexandre: A sensação de... eh.... deixa eu ver... uma sensação realmente de uma coisa muito natural, assim, a foto, é muito natural, ela está perfeitamente adaptada ao espaço, de maneira alguma ela força o, ou ela, apresenta elemento conflitante, ela está extremamente adaptada.

M.: Ela te lembra alguma coisa ? Essas imagens te lembram alguma coisa?

Alexandre: Lembra jornal.

M.: Vou pedir para você escolher uma das figuras, para a gente olhar mais de perto...



Alexandre: Aquela menina lá

M.: É possível ler ? (ler ?) É possível ler ?

Alexandre: Vejo umas palavras, ////perto... janelas....casas.... parece ser uma poesia, direito.... //// é, da prá ter uma idéia dessa escrita, fatalmente as outras devem seguir o mesmo padrão, no sentido do da análise mais individual, para terem sentido, me parece que segue um padrão

M.: Esse texto te lembra algo?

(pausa)

Alexandre: Uma poesia concretista (por quê?) ela não tem a formação, ela não tem Ah... rigidez formal de rima, mais ela tem uma concatenação que envolve uma certa lógica, em palavras eh, isoladas em emaranhados de letras e você consegue ter uma idéia do texto por essas poucas palavras

M.: Por que você acha que o artista colocou o texto assim?

Alexandre: O texto não é exatamente a principal intenção da instalação, eh... eu diria que ele é um, o texto tá aí para passar uma mensagem, mas subliminar do que... principal, ele não teve o cuidado, ou não teve a necessidade de se fazer entender em uma primeira vista, êh ele parece que o texto está aí bastante fragmentado aí é... digerido em um primeiro olhar, o texto com certeza não é a primeira coisa da instalação, ela é.. um elemento complementar, ele não te nenhuma, nenhum cuidado para se fazer entender.

M.: Qual foi a intenção dele de não se fazer se entender de imediato?

Alexandre: Exatamente isso. A intenção foi colocar a imagem tridimensional, que aparentemente, os textos, e não imagens normais, é.., fatalmente o fato de existirem textos nas imagens é... convida o //// que tem mais tempo, que tá esperando metrô a chegar perto de uma imagem é.... ou... tentar... entender o que o texto diria é... a imagem não Ah... o texto não dá para ser visto de longe... tem que ver de perto para, conseguir despertar algum tipo de entendimento. Ah... isso fatalmente só é possível com uma interação meio pessoal, o texto acaba individualizando as fotos, dando um caráter para cada foto.

M.: Você acha que o texto tem relação com essa figura?

Alexandre: Me parece que sim, ou pelo menos na cabeça do autor sim, não tem uma mensagem clara direta para todo mundo, mas é na cabeça do autor, a palavra espanto, e essa fisionomia digamos, ouvi-las, espanto, pálido, é.. para ele tem uma ligação direta, pode não ser para outra pessoa.

M.: Agora vou te passar algumas informações

Alexandre: Tá !

M.: O artista se chama Alex Flemming, é um artista brasileiro, nascido em São Paulo, tem 48 anos, mora atualmente em Berlim, ele é um artista de grande preocupação social, você vê que em várias obras dele aparece essa preocupação social, né. O nome dessa obra você conhece ?

Alexandre: Não, não conheço.

M.: Estação Sumaré

Alexandre: É um nome muito comprido.

Alexandre: Por que será que ele deu esse nome ?

M.: Olha justamente porque, acho que a obra está muito integrada a, e ela representa as pessoas que fazem parte da estação.

M.: Você percebeu muito bem, as pessoas são usuários que o artista retratou (tá) então o artista tirou a foto trabalhou né a foto, e o vidro é mesmo transparente, o vidro você consegue ver do lado de fora, depois ele veio com máscaras, sabe aquelas de, sabe aquelas que tem letras vazadas? (sei) aí ele colocou o texto, tá (tá). Ele se considera um pintor, ele fala para todo mundo – eu sou pintor - porque tem uma característica de pintura aí, se você for olhar a técnica né, é pintura industrial sobre vidro, claro, baseado em fotografia, claro baseado numa fotografia, ampliação de uma foto 3x4 (tá). O texto como você também notou e essa imagem é privilegiada, você consegue ver alguma poesia sim, são poemas e letras de MPB, mas tem poesias muito antigas, tem coisas mais recentes (risos) tem muita coisa legal, eu não sei se você já tinha ouvido isso alguma vez, olhe as



estrelas ////////// (não) Eu não me lembro se é Guilherme de Almeida ou Olavo Bilac, é um dos dois tá, só que precisa realmente de um tempo para você parar e decifrar. ///

O artista se retratou aqui também (Ah é?)

Alexandre: É.

Alexandre: Quem que é ele?

M.: Aqui ó, (pausa) Esse é o Alex.

Alexandre: Esse cara aí ...

M.: Por que você acha que ele resolveu colocar o texto junto das figuras ?

Alexandre.: É... o...a figura, ela um substrato, é um substrato, para a arte dele, nesse caso aqui, e como ele não estava fazendo uma arte convencional ele realmente ele usou o substrato...

M.: O que você acha que aconteceria se o texto estivesse corrido, um texto normal, sabe, visível de imediato?

Alexandre: O texto ia... deturpar a figura, ele ia acabar sendo o chamariz, ah... nesse momento ele ocupa uma função de um complemento e sublimaridade. Se o texto estivesse corrido e totalmente... legível, ele seria o principal motivação da exposição, da instalação e não foi essa a intenção. ////////// Deu uma complementaridade, assim ////////// a individualidade dos textos com a figura. As figuras continuam sendo o principal elemento //////////

M.: Se eu pedisse p você escolher uma palavra que sintetize essa obra

Alexandre: Ah.....Olhar.

M.: Se eu pedisse para você mandar uma mensagem para o artista

Alexandre: Risos....

M.: Risos... aproveita que ele tá aí (indico sua foto na obra)

Alexandre: Ah, eu diria que realmente, de modo geral, eu acho que instalações, ela tem, elas são, o perigo de se tornarem digamos, muito pretensas. De modo geral, a instalação tem esse perigo, é fácil de fazer ela se tornar uma coisa pretensa ou de ////////// existe um perigo muito fácil de ver essa pretensão e essa arrogância em instalações, eu vejo isso muito. Não é esse caso, eu acho que ele foi muito feliz no sentido que a instalação ela é sutil, ela é totalmente integrada e ela conseguiu ser um substrato sublimar prá uma mensagem. ///// Então, ela não tem a arrogância de... eu vejo muitas instalações que são coisas do tipo: "eu sou o deus do radicalismo e da vanguarda" é muito comum em instalações.....//////////eu acho realmente que ele foi muito feliz, ele respeitou o espaço arquitetônico, ele conseguiu usar a técnica da terceira dimensão e ele conseguiu traçar a mensagem dele de uma maneira muito positiva. Eu acho realmente uma instalação de muita////////// (muito feliz?)

M.: Tá, então, Alexandre, agora, você queria me perguntar alguma coisa, se eu souber responder, algum detalhe, alguma coisa, se eu souber... se não depois eu procuro e te falo.

Alexandre: Isso aqui é uma poesia de quem?

M.: Eu não sei, mas na verdade...Eu preciso realmente pegar cada uma e identificar, né, eu sei de algumas, não sei de todas...

Alexandre: Como você tem essa informação, você tem isso escrito, essa informação está escrito em algum...

M.: Não, não tem. Assim, tem aquele livro, tem catálogo de obra, tal, mas não dá esse detalhe. O que eu posso tentar fazer é entrar em contato com ele ou com alguém que sabe...

Alexandre: Não, mas... risos...

M.: É, eu sei, mas é curioso...Mas é que... São coisas que quando a gente começa a ler, a gente já viu em algum lugar...Não sabe exatamente de onde...

Alexandre: Tá.

M.: Não sabe exatamente quem escreveu, mas faz parte de nosso universo, né?

M.: Agora, Alexandre, eu vou pegar os seus dados, tá?

Alexandre: Tá.

M.: Sua idade?

Alexandre: 34
M.: Onde nasceu?
Alexandre: São Paulo, capital
M.: Onde os pais nasceram?
Alexandre: Meu pai é italiano, nasceu em ///// minha mãe é húngara, nasceu em Budapeste.
M.: Mora com quem?
Alexandre: Sozinho
M.: Sua ocupação?
Alexandre: Gerente de projetos
M.: Ocupação dos pais.
Alexandre: Meu pai é artista plástico e minha mãe é aposentada, foi empresária.
M.: Seu hobby?
Alexandre: Jazz.
M.: Escutar ou tocar?
Alexandre: Risos... infelizmente só escutar.
M.: Escolaridade?
Alexandre: Mestrado e MBA
M.: Pública ou particular?
Alexandre: Ambas. Graduação em escola particular, pós em pública
M.: Cite artistas que você gosta.
Alexandre: Picasso, Tomie Otake, Miró, Michelangelo e Rodin
M.: Cite artistas brasileiros.
Alexandre: Portinari, Di Cavalcanti, Volpi e Emanuel Araújo
M.: Cite artistas brasileiros vivos.
Alexandre: Aldemir Martins, Tomie Otake...
Agora de cabeça, só vem a Tomie Otake e o Aldemir Martins
M.: Você frequenta espaços culturais?
Alexandre: Sim.
M.: Quais?
Alexandre: SESC Pompéia, Bienal, MASP
M.: Já cursou arte alguma vez?
Alexandre: Cinema.
M.: Já viu obras de arte pela cidade?
Alexandre: Várias.
M.: Quais?
Alexandre: Brennand, na estação de metrô, os painéis da Tomie Otake, o Brecheret do Ibirapuera, a aranha da, que é genial, daquela francesa que está no Ibirapuera também...
Agora, só me lembro dessas daí.
M.: Lembrou várias, lembrou várias, tá bom. Risos...
M.: Já foi em algum museu ou exposições de Arte?
Alexandre: Já.
M.: Quais?
Alexandre: MASP e fora do país....(troca de fita, mas ele citou a Galeria Uffizzi, na Itália e o Louvre)
M.: Qual a exposição de arte que mais lhe marcou?
Alexandre: O Rodin, não do ano passado, mas o Rodin de cinco anos atrás.
M.: Na Pinacoteca?
Alexandre: Na pinacoteca.
M.: Agora vou pedir para você fazer uma avaliação da experiência que a gente viveu aqui. Qual a diferença entre uma leitura de obra solitária e uma leitura de obra compartilhada?
Alexandre: O questionamento ////////// no momento em que você está sendo questionado, você acaba se atentando a detalhes e dentro de uma visão mais científica do que quando você está do que quando você está sozinho. Quando você está sozinho, você acaba perdendo detalhes, ////////// e você perde esse enfoque mais sistêmico
M.: Uma palavra que sintetize a experiência.



Alexandre: Extremamente prazerosa.

M.: Risos... São duas.

Alexandre: Risos ... então, prazerosa

M.: Uma coisa meio diferente agora, um cheiro que sintetize a experiência

Alexandre: Pausa...Máquina, cheiro característico de máquina, de metrô

M.: Você diz da experiência?

Alexandre: Diz o cheiro que eu senti ou ...

M.: Não pensa muito

Alexandre: Então é máquina

M.: Que você leva para casa daqui?

Alexandre: Informações sobre uma nova obra de arte pública, uma obra de arte publica que eu já tinha passado mas não tinha me inteirado, ela não tinha chamado tanto a atenção, quanto obra de arte, e toda vez que passar por aqui, vou colher mais informações sobre ela, isso é fato.

M.: O que você tem vontade de fazer agora ?

Alexandre: Agora, acho que... tentar obter mais informações sobre o cara, o Alex Flemming na Internet

M.: Agora ?

Alexandre: Agora nesse exato momento nada de especial, eu digo depois da experiência fatalmente vou fazer isso daí.

M.: O que você vai contar para as pessoas?

Alexandre: Eu vou contar é.. como que foi, e, não vou poder fugir, vou fazer uma análise pessoal minha sobre a sobre sua tese de mestrado (risos)

Alexandre: Ainda bem que você não tem doutorado, senão ia ter que participar da minha banca (risos) .

M.: Então Alexandre, muito obrigada.

Entrevista 2/ L-C/ 32 anos

Entrevistada: Cláudia

Data: 01/02/2002

Mediadora: Agora são 21:46, estou com a Claudia. Você passa sempre por aqui?

Cláudia: Raramente, por que até a estação das Clinicas eu costumava ir, mas aqui é muito difícil vir para cá. Vim uma vez só //

M.: Você quase não passa?

Cláudia: É.

M.: Então vou te perguntar se você tem idéia o que será isso?

Cláudia: Eu imagino que seja, uma obra de arte e o que ela representa, porque essas pessoas estão nessas janelas...

M.: Muito bem, o que você percebe na obra, // tem que perceber tem que dar um tempo para apreciar.

Cláudia: Estava tentando ver se tem uma relação das palavras com alguma coisa, algumas palavras são palavras outras palavras não são palavras, umas caras feias, mas são pessoas, com umas caras feias, outras pessoas não, tem uma mocinha muito sorridente ali...

M.: Sorridente, qual ?

Cláudia: E eu achei ali, ma a maioria muito séria // Muito bravo, parece, que ela ... Ela não agüentou na hora de tirar a foto.

M.: (risos) Que mais você percebe?

Cláudia: Talvez não sei ele queira retratar diversos tipos da cidade, talvez ele até tenha tirado a foto das pessoas que passaram por aqui, não sei, ou por uma outra estação de metrô, ou não, essas pessoas estão todas olhando para nós, não sei o que ele quer dizer com essa coisa de colocar as letrinhas...se você é mais um no meio de todos eles, não sei.

M.: O que mais chama atenção em tudo?

Cláudia: Ah, as expressões das pessoas, elas podiam sorrir mais.

M.: Como é que estão estas expressões?

Cláudia: Tensa, na maioria, aquela ali está mais simpática, mas por exemplo aquela está tensa não sei é isso mesmo a idéia, que na verdade a gente passa por aqui, a gente deve passar por aqui com essa cara, tenso para o trabalho, indo para o trabalho. Eu acho que é isso. Eu não sou muito boa para isso...

M.: Não, tá ótimo tá ótimo, você falou do texto né, então queria pedir para você escolher uma figura, uma imagem para a gente parar em frente e olhar de perto.

Cláudia: Então vou escolher uma ali que eu já tinha visto (caminhamos até a figura) Eu li a palavra São Paulo....(pausa).

M.: Dá para ler alguma coisa?

Cláudia: Alguma coisa dá, ele separa diferente as palavras, as vezes ele coloca São Paulo S de um lado e.... comoção de minha vida aos meus amores,/////// dá para ler tudo, só que ele separa as letras, é isso?/////// Então ele só separa diferente as palavras...É uma homenagem à cidade, acho que fala um pouco da cidade.

M.: Nesse texto você acredita que seja isso?

Cláudia: Eu acredito.

M.: Uma homenagem, te lembra alguma coisa mais ou menos isso?

Cláudia: É, se é isso que estou lendo...comoção da minha vida // arlequim, de original...///// Essa frase está meio esquisita, ah,(risos) Não sei, achei que fosse isso mais /////

M.: Você acha que tem alguma relação com a poesia que está na frente das pessoas

Cláudia: Ele escreveu uma poesia em cima das pessoas, literalmente (risos).

M.: Você acha que esse texto tem alguma relação com a imagem?

Cláudia: Ah., é verdade, pode até ser...e nem tinha reparado, mas por exemplo se ele fala de... ah, não sei se...São Paulo, comoção da minha vida...///// O texto com a pessoa, com a roupa que ela tá usando //// brancura imortais da lua nova, cheia de nostalgia, sonolenta ///// da copa da noite///// pode ser porque ela lembra a Mortícia Adams!

M.: Tá bom.

Cláudia: Não eu não sei, é difícil de ler /////pode ser é...características da pessoa.

M.: Olhando de uma forma geral, assim quando você olha a obra como um todo, que sensação que você sente?

Cláudia: Eu acho simpático, eu acho que se não tivesse a obra, ia ficar muito,, descaracterizado, porque até é engraçado, quando eu falei que vinha aqui ver uma obra e tudo mundo sabe e reconhece a Estação Sumaré pela obra. Ela deu uma cara, ela deu uma cara diferente /////ela personifica a estação. Eu acho isso legal.

M.: Então você acha que tem uma relação da obra com o espaço?

Cláudia: Sim, eu acho que sim.

M.: Traz alguma lembrança para você Claudia, quando você olha para essas imagens?

Cláudia: Eu quero entender o que os artistas tem na mente, eles são brilhantes, é, mas eu preciso aprender ainda.

M.: Mas você está indo muito bem, eu te garanto.

Cláudia: Não, eu acho muito bonito, te falei que fui naquela exposição da Oca /////

Quando eu vejo uma coisa muito legal, como a Casa do Ben, eu abro um sorriso, aí fico pensando: por que estou sorrindo, sei lá que demais! Que cara maluco, como ele teve essa idéia? Isso aqui é um pouco isso, parece que as pessoas estão nas janelinhas, então você nunca tá sozinho aqui você chega e sempre tem alguém para te ver. Eu acho isso.

M.: Alguma lembrança, não te traz? Mais alguma coisa?

Cláudia: Não, agora não.

M.: Fala do texto, que você já viu...Mas por que será que o artista escreveu o texto assim, dessa maneira?

Cláudia: Não de uma maneira corrida e normal, com palavras corridas em ordem, para ficar diferente (risos) Para brincar com as palavras, para chamar atenção do texto, não sei.

M.: Não, você sabe sim. É por aí...



Cláudia: Não sei explicar muito bem. Muito obrigada pelo feed-back positivo.

M.: Eu sou educadora, eu tenho que reforçar positivamente (risos)

Cláudia: Ai que engraçado, como tem detalhe, né?

M.: Onde você acha que ele arranjou essas fotos?

Cláudia: Ah, se eu fosse ele, para fazer uma obra que ficaria aqui, pegaria algumas pessoas daqui, daqui não sei se ela foi colocada depois de inaugurado aqui ou não, /////pessoas comuns do dia a dia que ele pegaria no metrô mesmo.

M.: Hum, se você fosse ele...

Cláudia: Se eu fosse ele...(certo) tentando retratar um pouquinho, cada jeitinho das pessoas que tem: uma senhora negra, um japonês, uma loirinha, todo tipo... Só não tem criança acho, não tem criança, não.

M.: Agora vou te dar algumas super poucas informações, algumas pequenas informações, só para você saber...

O nome dessa obra você sabe? (não) chama-se Estação Sumaré, é o nome da obra. ///// você pegou bem, elas são usuários do metrô. Foi isso mesmo. O próprio artista fotografou usuários do metrô. Quem é cré criou este texto ? Você acha que foi o artista ?

Cláudia: Não acho que não, talvez ele tenha pego poesias de outros artistas.

M.: E foi isso mesmo, ele pegou poesias e letras de MPB também, então tá bem variado, poesias bem antigas, assim sabe, de 500 anos atrás, brasileiras, poesias muito antigas e coisas mais atuais, tem um pouco de tudo, que mais?... Por que será que ele usou o texto o junto da figura?

Cláudia: Eu acho que ele queria fazer uma homenagem, dizer assim, que as pessoas são a verdadeira poesia da Estação Sumaré, elas que constróem a cidade, e eu entendo isso como uma homenagem, cada uma delas representa uma poesia.

M.: Legal, é eu faço uma leitura assim, muito parecida com a sua, haverão outras leituras sim, mas essa obra de uma maneira geral, né, ela traz algo de muito humano mesmo e o Alex Flemming que é o artista que fez essa obra tem uma grande preocupação social, sabe, muitas obras dele tem esse cunho social, o homem no cotidiano, o homem e a sociedade, né então aqui fica bem forte isso. E ele se retratou aqui, o Alex Flemming é aquele de gravata (a,tá), ele é um dos paulistanos.///// Ali, tanto você vê que a foto dele é um pouco diferente dos outros, uma foto que provavelmente ele já tinha (é) ////. E eu compartilho mesmo com essa sua leitura de obra, acho que é bem por aí, quando você falou assim, eu penso bem parecido, somos só mais um aqui, passando todo sério, passando rápido, e não nos vemos, se a gente parar e olhar vai ver poesia dentro de cada um.

Cláudia: É isso mesmo.

M.: Se eu pedisse que você dissesse uma palavra que sintetizasse essa obra, que palavra seria?

Cláudia: Eu acho que.. aconchegante.

M.: Manda uma mensagem para o artista...o que você falaria para o artista

Cláudia: Faça mais Alex, por favor, se quiser tomar um chazinho em casa também tudo bem, mas democratize a arte como minha querida amiga Rita está querendo trabalhar, acho que é isso aí, continue nessa, nessa cidade as oportunidades de ter um contado direto com a arte são para quem tem a grana, para quem se desloca para os grandes centros. Então legal tá no metrô, meu. Se o cara quiser ver ou não quiser, ele vai ver, mas ele não vai prestar atenção....

M.: Ele precisa dar uma parada...para atentar, prestar atenção...

Cláudia: Mas assim, o fato de ele levar a arte onde o povo está ///// fica mais acessível.

M.: É uma obra pública...

Cláudia: A idéia que a gente queria passa para ele é de que as obras sejam mais públicas.

M.: Ele faz, ele faz bastante coisa...

Cláudia: Você vai passar para ele isso ?

Não se preocupe....(risos)

Cláudia: Ah, tá.

M.: Posso mandar tudo bem, quer mandar seu telefone? (risos) Cláudia, uma avaliação sobre nossa experiência, breve, mas nossa experiência estética. Qual a diferença entre uma leitura de obra solitária e uma leitura compartilhada?

Cláudia: Ah....eu acho que a compartilhada é mais interessante porque... me instigou a prestar atenção me levou a olhar alguma coisa, naquela história, então se eu estivesse sozinha eu não ia ter nenhum guia para descobrir o que eu descobri.

Gostei de uma certa forma, porque estava conduzindo ///// para quem não manja de obra é legal /////

M.: Uma palavra que sintetize a experiência que você viveu aqui, não a obra.

Cláudia: Pode ser duas palavras? (pode) Quero mais!

M.: Que legal, muito bom.

Cláudia: Quero ir mais a museus

M.: A Bienal tá aí a gente vai, e toda de arte contemporânea, tem outras como a Parade ///// Vou pedir para você uma coisa meio estranha, um cheiro que sintetize essa experiência que a gente viveu.

Cláudia: Hum, um cheiro, peraí, um cheiro de... mato...

M.: Por quê ?

Cláudia: Por que eu tô sentindo um cheiro de mato.

M.: Você sente cheiro de mato. Você gosta ?

Cláudia: Sim, cheiro de mato eu gosto sim.

M.: Então quer dizer, um cheiro positivo...

Cláudia: Não é um mato que queima....

M.: Que você leva para casa daqui?

Cláudia: Ah, uma vontade que eu acho que vai crescer mais, que era que eu já tinha falado para você, que eu gosto, que sempre gostei que quando fui à Europa, fui a vários museus, que vivia atrás dos grupinhos de excursão para pegar o guia, que tem gente que não suporta e acha uma demoraçao, e eu acho legal. O cara vai te falar alguma coisas. Então o que eu saio daqui é com vontade de aprender mais.

M.: O que você vai contar para as pessoas ?

Cláudia: Que foi o máximo, que elas tem que vir aqui falar com a Rita. (risos)

Eu vou falar um monte, vocês não sabem a obra do metrô Sumaré do Alex Flemming...

M.: O que você tem vontade de fazer agora ?

Cláudia: Bom agora, agora, eu tenho vontade de tomar um chope, que está muito calor /////

M.: Agora vou pegar seus dados pessoais. Sua idade?

Cláudia: 32 anos.

M.: Nasceu aqui em São Paulo?

Cláudia: Sim

M.: Seus pais?

Cláudia: Também... não. Meus pais nasceram no interior, em Monte Alto.

M.: Sua profissão?

Cláudia: Sou professora de Educação Física.

M.: Seus pais, a profissão deles?

Cláudia: Meu pai é pedagogo, minha mãe era professora.

M.: Seu hobby?

Cláudia: Meu hobby é fazer caminhadas ecológicas.

M.: Escolaridade?

Cláudia: Estou fazendo mestrado.

M.: Nível superior então, escola pública ou particular?

Cláudia: Pública.

M.: Cite artistas que você gosta

Cláudia: Ah, de tudo...de dança, de tudo?

M.: Artistas plásticos, vá...

Cláudia: Eu gosto do Rodin, muito.

M.: Com certeza, o pessoal de Educação Física deve adorar (risos)



Cláudia: Tem mais...Gosto muito do Monet, ah, eu gosto mais desses mais famosos, que eu tive mais contato: Kandinsky, Picasso, mas eu gosto mais de Monet e do Kandinsky.

M.: E artistas brasileiros ?

Cláudia: O cara que fez aquele monumento no Ibirapuera.

M.: O Brecheret

Cláudia: Achei o máximo aquilo, e de quadro, não sei se conheço muito, aquela moça do irapuru como é que é, Ubapuru ? Como é que é ?

M.: Abapuru ?

Cláudia: É, eu gosto do jeitão dos quadros dela.

M.: Algum artista brasileiro vivo ?

Cláudia: Ai, olha como não sei, eu sei do mundo do teatro e da dança.

M.: Que você tem uma ligação /////

Cláudia: Deve ter um monte...

M.: Graças a Deus. Você frequenta espaços culturais ? Quais ?

Cláudia: SESC, o SESC é o máximo, essas exposições meio itinerantes, o que mais, faz tempo que não vou ao MASP e na Pinacoteca /////, mas eu nunca estive na Pinacoteca...

M.: Vale a pena só pelo prédio, mesmo que não tenha nada lá dentro, já vale a pena, é maravilhoso! E museus e exposições de arte, que você já visitou?

Cláudia: Fui para Europa e não fui em todos, fui no museu de Londres ///// não fui no Louvre, mas fui em outro em Paris, adorei essa que fui agora da Parade, que é do...

M.: Parade é do Pompidou.

Cláudia: E acho que é só.

M.: Qual exposição de arte que mais te marcou?

Cláudia: Não sei.... de tudo que mais gostei foi a Casa de Rodin, na França... O Rodin foi o que eu mais gostei, foi o que eu mais guardei na memória /////

Entrevista 8/B-T/ 22 anos

Entrevistado: Eduardo

Data: 01/02/2002

Mediadora: Eduardo, como eu estava perguntando para você, você sempre passa por aqui ?

Eduardo: Minha casa fica ao lado da estação

M.: Você saberia me dizer o que é isso ?

Eduardo: Eu não sei explicar o estilo dessas figuras aqui, mas eu acho muito depressivo, eu passo sempre por aqui, acho que devia ser algo mais alegre...(sei)

M.: Ah, mas você já ouviu falar o fato de que se trata de uma obra sobre encomenda do metrô, uma obra de arte.

Eduardo: Sei.

M.: Então o que você percebe, você falou que acha depressivo, o que mais você percebe nessa obra?

Eduardo: Ah... acho que a fisionomia das pessoas é muito triste, aqui em São Paulo já tem muita coisa triste, para chegar aqui no metrô e ver essas fisionomias. Então essa é minha opinião. Deviam ser figuras mais alegres...ou então figuras que não tem no cotidiano aqui em São Paulo: figuras bucólicas, figuras do campo, uma praia não sei, não pessoas com fisionomia assim, assim a gente já vê aos montes aqui em São Paulo.

M.: Como você vê pelas ruas...

Eduardo: Exatamente, acho que o metrô poderia ser um lugar mais alegre.

M.: Você precisa pegar esse trem ?

Eduardo: É... não.

M.: Você pode esperar mais um ? Te agradeço...O que te chama mais atenção, então, quando você passa por aqui ?



Eduardo: Realmente a fisionomia das pessoas, agora o que está escrito eu não consigo entender direito, é, eu não sei se eu não entendi direito essa mensagem o que tá escrito, não consegui pegar.

M.: Tá, e se eu perguntasse para você quem são essas pessoas?

Eduardo: Acho que essas pessoas fazem parte do cotidiano de São Paulo. São pessoas que a gente vê pela rua o tempo todo. Acho que na rua também tem gente alegre, colocar gente triste aqui, ou seria demais, não dá certo, devia colocar pessoas alegres também....

M.: Agora vou dar algumas informações da obra...Você sabe como chama a obra ?

Eduardo: Não, não sei.

M.: Estação Sumaré, essas pessoas são usuários, do metrô que o artista fotografou, são pessoas que usam o metrô

Eduardo: Certo.

M.: Depois ele escreveu os textos, os textos se você olhar bem, tem algumas palavras que a gente consegue entender, outras não. Mas te lembra alguma coisa este texto ?

Eduardo: (Pausa) Será que são mensagens bíblicas?

M.: É, se você ficar assim, //// são poesias, letras de MPB, colocadas de uma forma ////////////// Por que será que o artista colocou o texto assim dessa forma, escrito desse jeito?

Eduardo: Não sei acho que a cidade de São Paulo é muito confusa, e ele quis passar um pouco disso para a arte, passar isso para as pessoas.

M.: É a leitura que você faz disso, é o que você imagina...Então, o que você acha que aconteceria se ele escrevesse tudo certinho, assim muito legível, consegue imaginar ?

Eduardo: Daí eu acho que pareceria jornal, não seria arte moderna, não seria arte //////////////

M.: Entendi. É, esse artista é o Alex Flemming, ele é brasileiro, mora na Alemanha atualmente e ele tem uma obra de preocupação social, várias obras é sempre assim, a relação do homem com o cotidiano, a relação do homem com a sociedade, tá então isso fica claro nessa obra aqui também. Como você falou, são pessoas comuns, usuários do metrô. Por que será que tá todo mundo assim, com essa cara?

Eduardo: Ah, é, é uma boa pergunta. É uma boa pergunta. Aquilo que você falou é o cotidiano da cidade, já é assim e quando a gente olha não chama a atenção, né? //////////////

M.: Deixa eu só te perguntar até que estação você vai?

Eduardo: Eu vou prá Marechal Deodoro.

M.: Posso te acompanhar só para pegar seus dados para colocar na pesquisa?

Eduardo: Claro, lógico.

M.: Assim você não se atrasa e nem eu.

M.: Eduardo, eu queria perguntar sua idade

Eduardo: 22 anos.

M.: Qual sua profissão ou ocupação?

Eduardo: Sou estudante

M.: Estudante de...

Eduardo: Economia

M.: Que ano você está?

Eduardo: 5º ano.

M.: Univ. pública ou particular?

Eduardo: Particular

M.: Que artistas plásticos você gosta?

Eduardo: Não conheço. Não conheço

M.: Você já cursou arte alguma vez?

Eduardo: Não, ainda não.

M.: Já foi a algum museu ou exposição de arte?

Eduardo: Não. Ainda não fui.

M.: Não conhece?

Eduardo: Não, não conheço

M.: Então, olha, agradeço eu agradeço muito a sua participação, é um trabalho de mestrado que eu estou fazendo...



Entrevista 11/B-T/ 18 anos

Entrevistado: André

Data: 02/02/2002

Mediadora: Agora são 21:25, estou com o André.

M.: André, você sempre passa por aqui?

André: Bom, a partir desse ano vou passar bastante, estou fazendo faculdade aqui no Sumaré.

M.: Ah, tá.

André: Vou passar bastante durante o ano inteiro.

M.: Legal. Tá. Você sabe me dizer o que é isso, essas imagens?

André: Ah, não sei. Transporte coletivo.

M.: E você tem idéia que se trata de uma obra de arte? Obra, obra de arte, que o artista fez para o metrô? Olhando assim, o que você percebe nessa obra? O que você vê?

André: Ah, não sei. É tipo, foto de várias pessoas então...

M.: Mais alguma coisa, assim, fotos de várias pessoas...

André: Ah, várias pessoas, tipo, diversificado, tipo eu não parei prá ler o que tá escrito em cima da foto, mas...///// é interessante, eu não cheguei a ler.

M.: Certo, agora, você vai ter tempo ///// vai ter oportunidade de ler. Certo. E o que mais te chama a atenção, quando você olha?

André: Acho que é a diversidade das pessoas.

M.: A diversidade é o que mais te chama a atenção?

André: Tem um aqui de terno e gravata e um que parece um mendigo. Aí, sei lá, acho que tipo o que está escrito é mais ou menos a realidade de cada pessoa, não sei.

M.: Você imagina que seja isso? Você não chegou perto para ler?

André: Não cheguei.

M.: Você imagina que seja isso. Tá. Quer tentar ler e chegar pertinho para ler o que está escrito...Vamos tentar ler para ver? É possível ler?

André: Não. Tipo, dá para ler uma palavra ou outra, é meio embaraçado. Tipo, quando cansado, aí já fica um pouco difícil de ler.

M.: Te lembra alguma coisa? O texto assim?

André: Não.

M.: Então vou dar algumas informações p você, né. Essas pessoas são usuários do metrô que o artista fotografou. O nome da obra é estação Sumaré. É o nome da obra, tá? O que você lê ///// são poesias, ou letras de MPB, só que ele colocou de uma forma....

André: Hum?

M.: Assim, diferente.

André: Legal.

M.: Né, que tem que se dedicar um tempo, você tem que tentar perceberVocê se incomoda se eu acompanhar você, só para pegar os seus dados?

André: Ah?

M.: Senão eu perco a entrevista. Tá?

André: Ah...

M.: Daí ...esse ano você vai poder perceber bastante que tem várias imagens...É um artista brasileiro que ele tem a preocupação assim, com o social, tá. As obras dele têm, sempre tem alguma coisa relacionada do homem com a sociedade, do homem com o cotidiano.

André: Tá.

M.: Qual sua idade, André?

André: 18 anos.

M.: É, sua ocupação ou profissão

André: Atualmente estou estudando

M.: Você vai fazer faculdade de quê?

André: Administração de Empresas.

M.: Certo. Faculdade particular?



André: Particular.

M.: Que artistas plásticos que você gosta?

André: Eu não tenho conhecimento.

M.: Não tem conhecimento?

M.: Já cursou arte alguma vez?

André: Não.

M.: Já foi a algum museu alguma vez, ou exposição de arte?

André: Sim.

M.: Qual?

André: Só do Egito na FAAP.

M.: E o que achou?

André: "Pô, legal". É uma cultura a mais, né prá adquirir. Tipo, normalmente eu leio bastante, só que mais poesia.

M.: Poesia? Ah, então você vai gostar. Dá uma olhada nos textos ali, tem coisa muito antiga, tem coisa mais recente, tem coisas que você vai sacar então. Tá bom?

Então depois você pensa assim, por que será que ele colocou poesia junto dessas imagens, poesia junto das pessoas?

André: Tem haver com a realidade do pessoal //////////

Entrevista 12/ B-T/ 36 anos

Entrevistada: Maria Regina

Data: 02/02/2002

Mediadora: Estou aqui com a Maria Regina, agora é 21: 37h. Você passa sempre por aqui?

Maria Regina: Passo. Diariamente.

M.: Você tem idéia do que é isso? Essas imagens?

Maria Regina: Me parece ser pessoas comuns, do dia a dia, né, que andam no metrô. ////////// faz parte da cultura, né, porque são várias etnias, lugares, mas assim... É o paulistano.

Maria Regina? É o paulistano?

M.: É. assim que te passa?

Maria Regina: É, assim que me passa.

M.: Assim que você percebe?

Maria Regina: Isso.

M.: Você percebe mais alguma coisa na obra?

Maria Regina: As letras, né? Eu nunca consegui ler nenhuma delas.

M.: Já tentou?

Maria Regina: Já tentei.

M.: Nenhuma, nada?

Maria Regina: Nada. Frases. A não ser está, da jaqueta...

M.: Essa você conseguiu?

Maria Regina: Essa eu consegui. Mas as demais... não se dá para decifrar. Até pensei que fosse em código.

M.: Hum. E o que mais chama a atenção para você da obra?

Maria Regina: Eu gosto muito deste vão, de dia, venho diversos horários aqui. Gosto muito da vista da Sumaré, é um outro nome, que é um nome que eu nunca associo... gosto dos vidros, a transparência, a luz, da luz natural que traz...tá

M.: Tá. Então vou te dar, Regina algumas informações sobre a obra da estação. Você sabe qual o nome da obra?

Maria Regina: Não.

M.: Estação Sumaré. É o nome da obra.

Maria Regina: Hum.

M.: Essas pessoas, como você falou, são pessoas do cotidiano, São usuários do metrô que o artistas fotografou. As letras, o texto, tá de uma forma assim, não tão clara, mas a gente consegue perceber algumas palavras, consegue perceber algumas coisas, né?

Maria Regina: É!

M.: O texto são poesias e letras da MPB.

Maria Regina: Ah, sim!

M.: Dá uma olhada que você vai conseguir...

Maria Regina: Decifrar.

M.: Decifrar. Exatamente. Talvez essa seja a proposta. Como você vem aqui diariamente dá para, é um belo exercício, dá para decifrar e ver quanta coisa legal.

Maria Regina: Legal!

M.: Posso te acompanhar para colher seus dados?

Maria Regina: Pode.

M.: Sua idade, Regina?

Maria Regina: 36 anos.

M.: Sua ocupação ou profissão?

Maria Regina: Olha, eu sou professora, tá, de ensino técnico.

M.: De ensino técnico. Que disciplina?

Maria Regina: De Administração de Empresas, no SENAC

M.: Então sua formação...

Maria Regina: Administração de Empresas.

M.: Mas nível superior, né?

Maria Regina: Certo.

M.: Cursou escola pública ou particular?

Maria Regina: Pública. Adm. Pública. Eu fiz curso técnico em Publicidade.

M.: Que artistas plásticos que você gosta?

Maria Regina: Alguns? Não sei se o Oscar Niemeyer serviria.

M.: Ele é mais um arquiteto. Bem, mas tem algum artista plástico mesmo, que você se lembra?

Maria Regina: Não.

M.: Mas o Oscar Niemeyer é interessante, é uma referência de arquitetura, é brasileiro.

M.: Já cursou arte alguma vez?

Maria Regina: Não. Nunca. Tenho loucura por teatro...////////

M.: Já foi a algum museu ou exposição de arte?

Maria Regina: Não.

M.: Nunca foi? Então olha, você tem bastante sensibilidade, você percebe muito rápido, você falou da luminosidade, tudo aquilo, você é uma pessoa atenta e você é sensível. Vale a pena você explorar mais esse lado seu. Tem muita coisa aqui em São Paulo, tem a Pinacoteca, que é gratuita, tem o MASP //////////

M.: Então tá bom, muito obrigada pela participação. Tchau.

Maria Regina: Eu tenho loucura para conhecer a Pinacoteca.

M.: Isso.

Entrevista 9/ B-T/45 anos

Entrevistado: com Martinho

Data: 04/02/2002

Mediadora: Estou com o Sr. Martinho, agora são 21: 48. O Sr. passa sempre por aqui?

Martinho: Sim, passo sempre.

M.: Trabalha aqui perto?

Martinho: Trabalho, sou agente de segurança. Trabalho aqui na área////////

M.: É, o Sr. tem idéia do que seria isso, essas imagens que a gente vê aqui?



Martinho: É, eu já estive imaginando, então eu não compreendi até hoje. Eu fico pensando às vezes que é pessoas desaparecidas ou mesmo pessoas, fugitivos, procurados...

M.: Vendo isso o Sr. se lembra disso, quando o Sr. olha, mas porque o Sr. fica com essa idéia, o que faz lembrar o Sr. assim, os fugitivos ou pessoas desaparecidas porque será? O que faz lembrar?

M.: Por que será que vem isso, por que o Sr. se lembra disso ? Isso vem na sua cabeça ?

Martinho: É por causa da.... eu até tentei ler aquelas letras, aquelas letrinhas, mas não me aprofundei, tenho essa dúvida...

M.: Ah, foi possível ler assim, deu para ler ?

Martinho: Não, não entendi.

M.: Não deu para entender ?

Martinho: Não.

M.: Certo, o que mais chama a atenção do Sr. nas imagens que o Sr. viu? O que mais lhe chamou a atenção?

Martinho: O que mais me chamou a atenção ... é pessoas que não está.... (posso acompanhar o Sr. só para terminar ?) a comunidade, pessoas que não está apto a viver com a sociedade.

M.: O Sr. acha que não são pessoas que estão aptas a viver na sociedade ?

Martinho: Sim.

M.: Por quê? Por causa da fisionomia da pessoa.... Por que será que são pessoas que não estão aptas?

Martinho: Não pelas fisionomias, são pessoas comum parecidas com outras pessoas, é, pessoas parecidas com alguém, mas é, pelo motivo de estar expostos.

M.: Ah, expostos como num cartaz, entendi, certo.

M.: Vou dar algumas informações para o Sr., que o Sr. como passa diariamente por aqui o Sr. vai ter uma idéia do que é, e o Sr. vai conseguir fazer sua interpretação.

M.: São pessoas, são usuários do metrô, o artista que fez a obra , fotografou que usam o metrô, como o Sr. , como eu, tá. A maneira que ele colocou, todo mundo em preto e branco, toda aquela foto é diferente, mas a gente se lembra, que são pessoas muito sérias, parece uma foto de documento. E que está muito grande, se fosse pequena seria uma foto 3x4 uma foto comum... Por que será que o artista colocou pessoas assim para a gente ficar olhando ? Então posso falar para o Sr., não sou procurados da polícia, ou fugitivas, não são pessoas mortas. São pessoas comum e nem desaparecidos

A maneira como ele colocou a foto parece coisa de jornal, de cartaz, né, para algumas pessoas pode dar essa impressão mas não é . Ele está querendo chamar a atenção para que, para as pessoas comuns, dizendo que as pessoas que estão ali são as mesmas que tantas outras que andam no metrô. E por que será que ele escreveu aquelas letras? Aquelas letras que ele escreveu, é um pouco difícil de ler, mas são poesias, são letras de música , são trechinhos de letras de música, é difícil de ler mas a gente consegue, se prestar bastante atenção a gente consegue ler. Deu para esclarecer?

Deu para esclarecer um pouco para o Sr. ?

Martinho: Sim.

M.: Como o Sr. passa diariamente, da para o Sr. observar bastante. Vai dar para o Sr. ver.

Agora eu queria pegar os dados do Sr.

M.: Qual sua idade?

Martinho: 45 anos

M.: Tá , o Sr. vai até que estação ?

Martinho: Vou ate a Paraíso.

M.: Sua ocupação ou profissão ?

Martinho: Sou agente de segurança

M.: Certo, a escolaridade do Sr. ?

Martinho: É... 8ª serie

M.: Escola pública ou particular, o Sr. fez ?

Martinho: Pública.

M.: O Sr. saberia dizer artistas plásticos que o Sr. gosta ?



Martinho: Não.

M.: O Sr. cursou arte alguma vez ? O Sr. já fez algum curso de arte, alguma vez ?

Martinho: Não.

M.: O Sr. já foi a algum museu ou exposição de arte ?

Martinho: Não .

M.: Também não. Então fica um convite em São Paulo eu sei que todo mundo trabalha, é corrido, mas sempre tem as coisas para a gente fazer. Tem a Pinacoteca que é no metrô Luz que é muito bonito e gratuito, tem umas coisas muito interessantes, tem monitores para ajudar as pessoas a ajudar as pessoas a ver e é bastante interessante...

E cada vez que o Sr. passar no metrô, o Sr. presta atenção na obra que o Sr. verá muita coisa interessante.

Martinho: Muito obrigado...

Entrevista 7/ B-T/ 36 anos

Entrevistada: Luciana

Data: 04/02/2003

Mediadora: Estou com a Luciana, são 19:28

Luciana: Geralmente quando venho visitar meus irmãos, mas eu moro em Itanhaém, então é difícil eu vir por aqui...

M.: Certo...você não é de São Paulo, né? E você tem uma idéia do que é isso daqui ? Você sabe o que seria isso ?

Luciana: Olha...sinceramente toda vez que passo me chama atenção, mas até agora não entendi o sentido artístico da coisa. É uma obra de arte, então ?

M.: Com certeza...O que vem na cabeça quando você olha ? O que você percebe nessa obra ?

Luciana: Povo, homem, caras, povo...

M.: Mais alguma coisa ?

Luciana: E difícil né, a gente olha assim sempre rapidinho... Então o que me ocorre é uma coisa meio, mais de caráter artístico, de um caráter mais humano...

M.: Posso te acompanhar, só para eu não perder a entrevista ? É rapidinho, só para pegar alguns dados. Traz alguma lembrança para você? Alguma coisa? Essas imagens ?

Luciana: Particularmente me traz, me remete a quando eu morava aqui.

M.: Então você se lembra disso, olhando as imagens das pessoas

Luciana: Me lembra São Paulo: as pessoas meio sérias, algumas bem sofridas, assim...

M.: Então vou colocar algumas coisas para você ter idéia do que é o trabalho. Então, o artista se chama Alex Flemming, ele é brasileiro, paulista, nasceu em São Paulo. Tem 48 anos, atualmente ele mora em Berlin. Essas pessoas retratadas são usuários do metrô, então é bem aquilo que você falou, são pessoas de São Paulo, do cotidiano, você conseguiu pegar bem isso, o nome da obra é Estação Sumaré, aí a próxima vez que você vier se você quiser dar uma lida, tenta ler os textos, você reparou que tem os textos, né, juntos...

Luciana : Eu já tentei ler, mas não consegui decifrar

M.: É uma coisa para tentar ser decifrado, mas se a gente tentar, a gente até consegue ////
Aí então o texto que ele usou, tem poesias e letras de MPB que ele usou, então tem um sentido, para tudo isso, daí da próxima vez que você vier, você que já estava curiosa com a obra, então você presta atenção...

Luciana: Tem letras de MPB, então já me interessou.

M.: Você vai ver que são vários textos,//// Por que a imagem, por que o texto, por que naquele local ?

Luciana: Eu particularmente, apesar de eu, são coisas tudo muito rápido /////. Vem para mim, como sou dentista, trabalho no serviço AIDS, com HIV e tal, eu sempre procuro de dentro do que eu faço eu uso a arte. Isso me chama atenção, não que eu entenda



profundamente, mas eu tenho pessoas que trabalham comigo, artistas plásticos, a gente usa a pintura corporal a expressão para fazer ///// tem que ter um toque artístico nas coisas.

M.: Você é sensível a isso, você é aberta...

Luciana: Com certeza...

M.: Você tem uma preocupação muito humana, quando você vê as pessoas ali, dá para ver que ///// muito interessante isso.

M.: Sua idade?

Luciana: 36 anos.

M.: Profissão?

Luciana: Dentista

M.: Escolaridade?

Luciana: Superior

M.: Escola Pública ou particular ?

Luciana: Particular

M.: Já cursou arte alguma vez ?

Luciana: Só de arte tem a minha sensibilidade assim, que eu curto, e a música que canto nas horas vagas.

M.: Artes plásticas não cursou ?

Luciana: Não, nunca.

M.: Já foi em algum museu ou exposição de arte? Qual?

Luciana: Museu nenhum... a não ser virtualmente na Internet.

Exposição eu costumo ver, comecei a ver em Itanhaém, exposições de Benedito Calixto. As exposições que acontece na cidade acabei acompanhando, amigos meus que são artistas que fazem exposições esporadicamente.

M.: Ah, então você acompanhamento da próxima vez que você vier para São Paulo você vai ver muita coisa legal, a Pinacoteca, por exemplo /////.

Entrevista 13/ L-T/ 32 anos

Entrevistado: Elias

Data: 07/02/2002

Mediadora: Estou com o Elias, agora são 19:49. Você costuma passar por aqui ?

Elias: Costumo, de quinze em quinze dias.

M.: Você saberia me dizer o que é isso ?

Elias: Para mim é assim, no vidro na estação, para mim é uma coisa legal que tipo assim, pessoas de longe vê, que realmente aqui seria uma estação, fica mais fácil para pegar o metrô. Para mim seria isso.

M.: Ah, então você acha que seria então assim como uma sinalização, um aviso para de longe as pessoas saberem que é uma estação?

Elias: Certo.

M.: E quando você olha isso é uma obra de arte que foi encomendada para um artista fazer aqui na estação...

Elias: É também uma arte, concordo, que é uma arte, é um trabalho bem feito.

M.: Bem feito!

Elias: Eu acho que, e nessa ele colocou uma pessoa, depende muito daquela pessoa, as vezes ele esforça para crescer nisso aí...Essa pessoa que fez esse desenho eu desejaria para ela toda sorte do mundo, é uma pessoa que realmente trabalhou bem nesse trabalho, eu acho assim,. eu tenho vontade de fazer e conseguir meus negócios, ///// sou um artista de fazer desenhos, essas coisas de arte, eu gosto muito das coisas de arte , então eu faço carrinho, sou eu que faço para vender. Então eu tenho vendido já uns 10 carrinhos desse aqui. Se eu der para o meu cunhado, ele falou para mim, ele fazia desenho sem olhar, sem fazer tela, só olhando do lado. Era para eu fazer curso mas não fiz, então eu acho que isso



aí é uma arte bem feita, acho que se fosse para eu fazer uma arte dessa, eu não fazia...Tinha que fazer um curso antes...

M.: Ah, mas é possível, né. Claro.

Elias: Mais aí vai sair, não tão bem feito, mas vai sair mais ou menos vai.

M.: Ah, sim. Mas o mais importante são as idéias, mais importante do que fazer o curso é ter as idéias, né /////

Elias: Eu trabalho é de pedreiro, eu trabalho de pedreiro com meu irmão, mas nas horas vagas eu faço isso aqui, às vezes faço serviço de sapateiro, armário, então coisa que não é meu eu também faço. É tudo da cabeça quer eu tiro. Meu cunhado já falou prá mim que eu tenho dom. Minha irmã também falou para mim que eu também tenho dom prá isso. E já que você tem o dom, vá em frente.

M.: O dom de fazer, né, as coisas...

Elias: Só que eu não, graças a Deus eu venho esforçando isso aí, eu não tenho chance assim. Você vê, eu não acho um a pessoa para me ajudar, então eu fico nisso aí sozinho. Se eu tivesse uma pessoa para me ajudar, eu acho que seria mais fácil, dar aquele empurrãozinho. Tem meu irmão, ele ajuda no que pode, dá força prá caramba, só que também não pode, ele ajuda no que pode.

Eu acho isso uma arte bem feita. Espero um dia eu conseguir alcançar isso. Estou com 32 anos, exercendo minha profissão também, mas faço esse tipo de arte. Fazia desenho em roupa também, fazia só olhando no papel, não colocava tela nenhuma, então não uso nada, só mesmo o que vem na cabeça eu faço.

M.: Ótimo, ótimo. Agora você... desculpe, eu esqueci seu nome...

Elias: Elias

M.: Elias, olha, voltando aqui prá nossa obra de arte, né, que a gente tá olhando aqui. O que você percebe nessa obra?

Elias: Ah, eu percebo assim, letras, né, eu percebo letras, que tem muitas letras, as pessoas, esse desenho que foi feito, ele é, sei que eles parecem estar olhando prá gente, olhando prá pessoas que ficam aqui, na estação. Então é isso...ah, elas...sabe assim, como se fosse um vigia, entendeu?

M.: Sei...

Elias: ///// Você fica aqui admirando, olhando prá essas pessoas, então admira, a arte, como que ela é feita. Entendeu, tudo foi sob medida e acho que não tenho mais nada prá falar.

M.: Já tem muita coisa prá falar, você percebe bastante coisa., você presta muita atenção... realmente né, na... sua volta. Você realmente presta atenção, porque tem gente que passa batido e não vê nada e você presta atenção, realmente, tá?

Tem alguma coisa que mais lhe chama a atenção, quando você olha?

Elias: Quando eu olho, o que mais chama a atenção... Ah, eu, às vezes...são essas pessoas que descem na porta aí também, os de fora, né, isso aí seria um risco, loucura o que eles tão fazendo isso daí (o rapel). É uma loucura que eles estão fazendo, eu não tenho vontade de fazer isso, eu acho que é arriscar a vida demais, então as pessoas que faz isso nem tão aí com a vida deles. Eles não respeitam muito a estação, não respeitam muito a estação porque eu acho que não deveria estar fazendo isso, devia estar em com outro lugar, se for prá treinar ou chamando a atenção das pessoas que fica aqui na estação. Só, só isso.

M.: Certo. E nas imagens, nessas pessoas que a gente vê aqui, tem alguma coisa que te chama mais a atenção?

Elias: Eu acho que... acho que,...todos. Todas as imagens chamam a atenção.

M.: É?

Elias: Todas.

M.: Por quê?

Elias: Porque assim, é...como se diz, elas são admirável e é... outra, é... às vezes esses desenhos, essas artes são muito importantes para a estação. Só isso, não tem aquele negócio de vândalos, como se diz... é, esses pichadores. Realmente, é muito interessante, eu acho /////.



M.: E agora que você acabou de falar que é importante prá estação, porque você acha que é importante?

Elias: Ah, sei lá. Às vezes sei lá, por exemplo tem uma pessoa sozinha aqui, tipo vendo esses cartazes, ela não se sente sozinha. Entendeu? Parece que ela tá com essas pessoas em volta., então é isso.

M.: Certo. É, você precisa pegar o próximo trem, né?

Elias: Preciso.

M.: Então vou te passar algumas coisas, algumas informações dessa obra, tá algumas coisas... Vamos pensar um pouquinho... quem você acha que são essas pessoas?

Elias: (pausa) Bom, agora prá dizer, fica difícil.

M.: Mas o que vem na sua cabeça?

Elias: Prá mim, acho que são pessoas de... às vezes que já trabalhou com alguma coisa e venceu sozinho, sei lá, acho que é gente importante.

M.: Você acha que todos aqui são importantes, quando a gente olha assim?

Elias: Ou pode ser também gente que foi também desaparecida

M.: Porque desaparecidos?

Elias: Eu ... é não sei como explicar porque...

M.: Mas lembra isso, para você? E pode ser que lembre gente importante também...

Elias: Gente importante.

M.: O que tem nessas pessoas que lembra gente importante?

Elias: (pausa). O caráter. às vezes o caráter delas. O caráter, então... a expressão, o olhar deles, só isso.

M.: Então o olhar, como que é essa expressão do olhar?

Elias: Ah, sei lá, alguns parece, que como se diz, é, tem uns que parece ser tipo assim, ou já foi patrão, outros são empregados, alguma coisa assim, entendeu?

M.: Sei, então.

Elias: Não sei explicar bem para você.

M.: Não, não, você está indo muito bem. Te incomoda se eu entrar com você só para eu terminar ////////// ?

Elias: Não.

M.: Que estação você desce?

Elias: Eu vou até o Paraíso.

M.: Só para a gente terminar aqui, para eu te passar algumas coisas. Essas pessoas, Elias, são pessoas são usuários do metrô

Elias: Ah, é?

M.: Que o artista fotografou. O artista, que você deu os parabéns para ele é esse aqui de gravata, ó.

Elias: Ah!

M.: Tem a foto aqui, ó. Ele se colocou junto das pessoas também, tá. Então são assim, pessoas comuns, como eu e você, como tanta gente q anda no metrô, aqui, né. Agora, por que será que ele colocou essas imagens de pessoas dentro ali da estação? Pessoas comuns, que a gente pode ver todos os dias.

Elias: Por que ele colocou?

M.: É!

Elias: Eu acho assim, prá chamar mais a atenção do povo, quer dizer, se olhar para aquelas fotos, porque olhar de assim, para elas serem admiradas, entendeu? É, como que eu vou explicar para você... porque essas pessoas um dia podem, podem assim fazer falta, fazer falta assim, para o... se ele vir a faltar até é, como se diz, é ///// pode assim, essas pessoas assim, podiam até assim, pode acontecer algumas coisas com elas e a gente poderia sentir falta delas.

M.: Claro. Por que mesmo sendo pessoas que não são famosas, pessoas que não são tão importantes assim, que não aparecem na televisão, são pessoas que tem sua importância porque alguém vai sentir muita falta delas, com certeza, né? E também ele tenha feito isso para olhar um pouco mais os outros que em São Paulo é tudo muito corrido...



Elias: Eu acho que é, que é também, que ele fez isso para olharmos um ao outro e admirar aquela pessoa que está ao lado, respeitar os companheiros também da estação. Acho que foi feito ////////// graças a Deus, nunca aconteceu de entrar um malandro aqui na estação, às vezes tentou passar e não conseguiu. às vezes tem outras pessoas que chegam na estação, é melhor até para eles que eles vão olhando, admirando essa foto e ter respeito e ter carinho por essas fotos ////////// pessoas comuns ////

M.: Você viu que tem as letras? Você já tentou ler?

Elias: Ainda não, nunca.

M.: Tente ler, chega perto

Elias: Tá bom, tá.

Elias: Para você decifrar ali, fica de 20 minutos a meia hora.

M.: Mas é mesmo. Um dia que você tenha tempo... em uma imagem tem um texto, em uma outra tem outro. Tenta ler para ver o que você encontra nisso porque tem uma coisas muito legais e esse artista, o Alex Flemming o nome do artista que fez a obra... É brasileiro e a obra dele sempre tem assim, uma preocupação, sempre aparece o homem em relação em relação ao outro, ele sempre foi muito preocupado com isso, isso aí aparece bastante ali, né, se a gente olhar o homem com a sociedade, o homem com seu semelhante, isso aparece muito. Então já que você passa de 15 em 15 dias ali, agora você já conhece um pouco mais da obra, já dá para você perceber muito mais ,e você vai olhando, você mesmo vai dando significado a elas, você mesmo vai descobrir muita coisa //////////

Elias: Posso deixar um recado ?

M.: Pode, claro ...

Elias: ////////// eu tenho um sonho, e gostaria de tentar realizar esse sonho, só que muito apoio as vezes também, não... ////////// Eu queria conseguir esse meu sonho, ser modelo, então, uma coisa eu acho que meu corpo é assim, bonito então, se você tem como ter ajuda de uma pessoa assim, você sabe como, uma pessoa assim que poderia me ajudar ?

M.: Então Elias, olhe, eu não sou dessa área e eu não conheço ninguém, nessa área eu não saberia mesmo como te ajudar ////////// existem algumas agencias de modelo, mas não sei como elas funcionam, não sei se são sérias ou se é mais para pegar dinheiro da pessoa, eu não sei. como que é //// Agora, quanto ao outro sonho que você tinha falado, assim, de trabalhar mais com arte, eu posso te falar algumas coisas....

Elias: Essa idéia de fazer caminhãozinho, as pessoas as vezes pensam que eu fui um presidiário na minha vida, mas graças a Deus nunca aconteceu isso na minha vida , eu morava ////////// no interior de São Paulo e sempre tenho amizade com os policiais, que eu treinava academia 2 anos, treinava capoeira, karatê //// Então aprendi a fazer isso aqui, a fazer o caminhãozinho através do meu irmão, daí comecei a crescer e fazer melhor do que ele.

M.: Eu não pensaria, só porque você fez o caminhão que você.... você acha que alguém pensa isso?

Elias: Tem pessoas no mundo em que nós estamos, que tem pensamento errado, então é isso, as vezes a pessoa tem medo da gente. Eu venho de uma família muito boa graças a Deus, meu pai ////////// tenho um casal de filhos, gosto muito deles, então eu tenho a impressão ////////// mas tem gente que não.

M.: Eu acho que as pessoas precisam olhar com mais atenção, né //// é mais ou menos sabe, as pessoas que a gente viu na estação, se a gente prestar bem atenção para elas, a gente descobre bastante coisa, se a gente não prestar atenção, se a gente não olhar direito a gente não vê quase nada...

Elias: Chegamos no Paraíso.

M.: Queria pegar sua idade para preencher...Quanto ao negócio de arte, para você fazer um curso, estudar, você já tem todo jeito, todo talento, na Prefeitura tem alguns lugares gratuitos que você vai lá e faz o curso...

Elias: Eu acho que assim, onde minha família mora, em Santa Isabel, interior acho que posso dar um jeito de arrumar grátis...

M.: Você mora no interior de São Paulo?



Elias: Moro no interior...Aqui só to trabalhando com meu irmão, então de 15 em 15 dias eu volto para lá. Entendi, se eu tiver tempo aqui em São Paulo, de correr atrás dessas prefeituras quem sabe eu consigo ////.

M.: É que estou sem endereço, senão já te passava, para você ter idéia de alguns lugares, alguns são perto do metrô. Perto do metrô Tiradentes tem uma oficina cultural que chama.... tem perto do metrô... ali do Bresser, perto do metrô Bresser, tem um lugar que tem vários cursos, tem cursos de teatro, tem curso de artes plásticas, é muito interessante, mas às vezes as pessoas não vão por que não sabem....tá é uma pena, você tem muito jeito você devia investir nisso.

Elias: Como se diz né, eu venho aqui em São Paulo, estou começando a ter uns pedidos de caminhão para eu fazer, já entreguei uns de baú também, mais bonitos, qualquer tipo, não sou corinthiano então, para mim não tem rixa, eu acho que a gente tem que ter amizade acho que esse pessoal tem que ter amizade e respeitar mais um pouco, só isso.

M.: Com certeza!

Elias: Só assim a gente consegue viver nesse mundo. Senão fica difícil...

Elias: Agora tem pessoas que, por você ser preto, ou às vezes, ser branco, ///// às vezes quer tirar um barato da sua cara . Acho que não é assim, a gente é humano, como todo mundo.

M.: Claro, todo mundo tem o seu valor...

Elias: Se a gente tem um sonho, como vi falar no Ratinho, no Raul Gil, você tem que ir atrás , admiro muito o Robson, gosto muito dele, então eu tenho vontade de ir é lá no Raul Gil, porque eu tenho vontade de mostrar o que eu sei fazer, então assim, eu danço desde os 13 anos, qualquer tipo de música, eu pretendo um dia ir lá mostrar meu serviço... e falar para ele o que eu sei fazer da minha vida.... eu acho que eu não sou assim, não sou uma pessoa qualquer, eu sou humano como todo mundo, como todo mundo tem a sua chance, eu gostaria de ter também....

M.: Lógico, a única coisa que no Raul Gil assim, são pouquíssimas pessoas que chegam a ir lá, são pouquíssimas pessoas e isso também não é garantia de que dê certo. A gente não precisa chegar a ser famoso, a gente precisa é ser feliz, e viver do que a gente gosta, né... Às vezes nessas oficinas que eu te falei tem curso de dança também, às vezes tem alguma coisa assim... procura se informar se na sua cidade não tem, algum departamento de cultura e educação, que sempre promove algum curso, alguma coisa assim ///// tá bom ?

M.: Agora precisava pegar de você sua idade ?

Elias: 32 anos

M.: Profissão ?

Elias: Pedreiro

M.: Escolaridade ?

Elias: Escola... fui ate a quinta serie

M.: Escola pública ou particular?

Elias: Pública

M.: Você saberia me dizer algum artista plástico que você gosta ?

Elias: Artista, um que faz desenhos, essas coisas ? No momento na cabeça, eu tenho assim, tenho 3, 4 pessoas, mas não lembro de nenhum nome...

M.: Não lembra de nenhum nome... mas lembra de coisas que eles fizeram?

Elias: Eu lembro porque ... o Leonardo da Vinci é um grande artista também, a obra que ele faz que eu gosto muito, é os quadros dele apesar que é difícil de adquirir, ter um quadro desse é valioso ... então.

M.: Os quadros do Leonardo da Vinci ninguém tem... tá lá no museu... na Europa.

Elias: É, mas para ir no museu, e ver essas artes que ele fez, então admiro muito ele, o Leonardo da Vinci, agora que deve ter mais uns dois que

M.: A gente pode ver o Leonardo da Vinci através dos livros também...porque eu mesma nunca vi um quadro dele, teria que viajar ate lá ...

Elias: Tem também o inventor do avião, o Santos Dumont

M.: Tá bom (risos).



Entrevista 10/ B-T/ 43 anos

Entrevistado: João

Data: 07/02/2002

Mediadora: Estou com o João, agora são 20:39. João, você passa sempre por aqui?

João: Não, primeira vez.

M.: Você saberia me dizer o que é isso?

João: Não, não tenho idéia.

M.: Não tem idéia?

João: Não, não tenho idéia.

M.: É uma obra de arte que um artista fez sob encomenda do metrô, especialmente para essa estação.

João: Certo.

M.: Agora, quando você olha para essas imagens, essa obra, o que você percebe?

João: É, são pessoas comuns, né. A gente sempre vê uma coisa, obra de arte, é diferente. Aqui parece que são pessoas comuns, então por isso prá mim não deu para falar como se fosse uma obra de arte.

M.: Ah! Sim, por isso que você não tinha identificado.

João: Que para mim parecia mais com pessoas comuns, estão colocadas aí apenas para, para sei lá, ilustrar.

M.: Por serem pessoas comuns, você imaginou que não era uma obra de arte, já de imediato? Que mais chama a atenção em você quando você olha?

João: Que está escrito em cima. Passei em um e tentei ler, mas não consegui.

M.: Não conseguiu?

João: Não. Nem parei para mim ler, assim.

M.: Você tentou ler rápido...

João: É. olhei assim, mas de imediato assim, não dá p perceber nada. Se parar para prestar atenção...

M.: Você acha que...

João: Dá...Se tiver com vontade, dá.

M.: Isso, dá para perceber...

João: Precitaria de mais tempo para parar, tal.

M.: Parar, olhar

João: De imediato, assim, não. Não dá para ver o que está escrito.

M.: Então vou passar algumas informações para você, para você ter uma idéia do que se trata. O nome da obra é estação Sumaré. O nome da obra. Quem serão essas pessoas retratadas? O que serão?

João: ///// São pessoas comuns, que usa aqui, talvez.

M.: Isso. O artista retratou usuários do metrô mesmo. Convidou, pegou algumas pessoas, fotografou e trabalhou. Quanto aos textos, assim, se dedicar um certo tempo, a gente consegue ler, dá aquele sentido... tudo... São poesias e letras de MPB. Certo. Tá, então a gente consegue encontrar algum sentido ///// daí, algum sentido, é que a gente precisa de um certo tempo mesmo, dedicar para poder decifrar.

M.: É, realmente. Talvez se a gente pegasse um desse daí, (fiz sinal, perguntando se ele precisava tomar o trem que chegou e ele respondeu que não)

M.: Então, se você pegar um desse, você consegue ler, quer ver? Se você quiser escolher um...

João: Não sei quem é esse daí, não.

M.: Mas você conseguiu ler?

João: Dá.///// (lê umas palavras....)

M.: É letra de música isso daí? Ou é uma poesia?

João: Eu não conheço exatamente cada um. Eu sei que no geral são letras de música e poesias, né? Isso daqui é uma poesia, né? Tanto que quando a gente olha aqui... canto de



morte,... filho do norte, ... eu já ouvi em algum lugar, não sei exatamente onde ///// Cada um deles tem um texto diferente.

M.: Agora, porque será que o artista colocou o texto sobre as imagens?

João: Quanto?

M.: Por que será....

João: Porque talvez para chamar a atenção para a pessoa ir lá, né... ver o que está escrito, então...

M.: E se ele tivesse colocado o texto assim, certinho, que a gente lesse de imediato, o que você acha que aconteceria, a reação das pessoas?

João: Quem tá com pressa, acho que leria mais. Agora, quem tem tempo, quem tem pressa não leria, talvez parasse e olhasse direitinho o que é, o que tá escrito, tal.

M.: ///// É isso mesmo que ele quer. De alguma forma que a gente fique na dúvida, que dedique um tempo, preste atenção e tente decifrar...

João: Prá quem ...pra quem passa na correria, não. Ele nem vai ver, ele vai olhar umas coisinhas, pronto e vai embora. Não vai tentar decifrar as coisas, o que é.

M.: Verdade. Agora. Ah... qual será o motivo, por que será que o artista resolveu pôr estes textos na estação? Tem alguma relação?

João: Em relação à estação?

M.: Por que, que ele colocou nesse local? Você consegue imaginar?

João: Aqui tem espaço, espaço livre... para incentivar a poesia, alguma coisa.

M.: O que será que ele quer incentivar?

João: Acho que isso mesmo. É. Talvez também para o povo parar um pouquinho, dar um tempo e analisar, talvez seja isso, a intenção dele, mas de outra forma, não...

M.: Você acha que é possível assim, é, uma pessoa analisando, olhando para esses rostos diferentes, ele pensar em alguma coisa sobre o cotidiano?

João: Aqui passa tanta gente, tanta gente comum, é muito rápido, a gente não olha, não pára para ver as pessoas... No dia de semana pode até ser que cruze com eles. (risos..)

M.: Pode mesmo.

João: De repente, eu olho para uma pessoa e penso que vi de algum lugar...

M.: (risos...) Pode ser...

João: Mas como a gente tem uma vida muito corrida, quase não vê os outros. Não vê o que eles podem ter escrito... (Né!)

M.: Essa foto, especificamente, é do artista. Esse é o artista. Este é o Alex Flemming, ele que fez o trabalho, ele é brasileiro, tem 48 anos, todos os outros então, são usuários do metrô.

João: Certo.

M.: Tá bom? Agora, João, eu poderia pegar seus dados? Você gostaria de perguntar mais alguma coisa?

João: Não.

M.: Se eu puder... tá, tá bom.

M.: Sua idade, qual é?

João: 43 nos.

M.: Sua profissão?

João: Técnico

M.: Você... escolaridade....

João: Colegial técnico

M.: Público ou particular?

João: Foi... público.

M.: Você ///// Que artistas plásticos que você gosta?

João: Eu não sou muito ligado, assim.

M.: Não conhece?

João: Conheço, Manabu Mabe, mas eu não sou assim...

M.: Você já cursou arte alguma vez?

João: Não.

M.: Você já foi a algum museu ou exposição?



João: Já?

M.: Já. Qual?

João: Foi no Parade.

M.: Gostou?

João: Gostei, mas tinha aquele negócio, a gente vai e não conhece muito então, é, faltou um pouco uma pessoa que explicasse tudo, tal, que tudo aquilo tem, é, um fundamento, o artista quis com aquilo mostrar alguma coisa e é igual aqui, a gente chega aqui e não consegue vê nada, né? A pessoa explicando ... eu fui no primeiro dia, tinha um guia lá p tentar explicar tudinho aí faltou energia no meio... daí na segunda vez, não tinha...

M.: Faz falta...

João: É, faz falta.... Porque tudo tem alguma coisa relacionado a ela. Então quando a gente chega e olha apenas aquilo que o artista fez ///// mas tendo uma pessoa que entenda, seria fácil, né? Mas aqui foi.../////

M.: A intenção do trabalho, ou até mesmo no Parade não é de falar para você: essa obra é assim, desse jeito... Na verdade a gente quer é tentar tirar, fazer você pensar e tirar de dentro de você porque para... não adianta nada falar tudo já de cara, não, eu quero com esse trabalho fazer a pessoa pensar, né? E mesmo que não tenha ninguém junto para ajudar, no caso fui eu essa pessoa, um monitor, você pode observar e tentar imaginar, fazer as relações...

João: Tudo errado... (risos)

M.: Mas sabe o que acontece hoje, João, muitas vezes a gente imagina estar errado, mas você está imaginando alguma coisa, algo ////.

João: É uma coisa por exemplo, se você vê, é... Essa obra que seja feita pela pessoa e você imagina uma coisa... e você tá fugindo totalmente da regra... a figura de uma.. como chama aquela tela "grandona"?

M.: Sei.

João: Então, tá explicando onde já passou, que já saiu, ...

M.: A cortina do Picasso, sei...

João: Então, olhando ali a gente imagina uma coisa, a realidade realmente mas o artista pensou completamente outra. Então a gente consegue aprender muito mais, ouvindo talvez se a pessoa que é, já é acostumado ou que é artista plástico... mas para muita gente que não é assim, não tem aquele dom...

M.: Mas olha, eu diria que é o seguinte. Acho que você deve ter a sua interpretação, o outro só vai te ajudar... Muitas obras, aliás, posso dizer que as obras de arte em geral, todas, elas não tem um sentido único, então tem algumas coisas, como eu falei aqui p você, são usuários do metrô, isso é fácil. Agora, o sentido que você vai dar para isso aqui, sabe estou entrevistando pessoas, cada uma dá um sentido para isso aqui, diferente, é interessante e as obras de arte, principalmente as mais contemporâneas, nessas obras assim, tem mesmo vários sentidos. Tem mesmo, pode ser que em cada pessoa vá despertar uma coisa, dependendo do que você já viu, com aquilo que você já pensa... Então não tem um sentido único. O monitor dá uma ajuda, mas quem constrói mesmo, quem cria mesmo, é você. Isso não é assim um dom especial, não. Isso é questão de participar de exposições, a gente parar para ver mesmo, tentar decifrar as coisas, tá bom, então?

M.: Muito obrigado pela participação, João, tchau.

Entrevista 3/ B-T/ 21 anos

Entrevistado: Júlio

Data: 07/02/2003

Mediadora: Agora são 20: 53. Estou aqui com o Júlio.

M.: Você passa sempre por aqui?

Júlio: Passo, mas nunca desço nessa estação.

M.: Passa de vez em quando e de dentro do metrô você vê...



Júlio: É, dou uma olhada, tal, acho a mais interessante de todas.

M.: É a que você mais gosta?

Júlio: Com certeza.

M.: Você tem uma idéia do que seria isso? Essas imagens?

Júlio: Não sei, talvez a cara do Brasil. Tem gente de todos os tipos, não sei...

M.: É uma obra de arte, né, que um artista fez sob encomenda do metrô, especialmente para essa estação. Quando você olha para essas imagens, essas coisas, o que você percebe?

Júlio: O que eu percebo? Nunca pensei nisso, na verdade. Ah, não sei. Acho que é a cara do nosso país, né? Gente de todas as raças, de todas as cores, acho que retrata um pouco disso. Queria entender as letrinhas aí...Me deixa um pouco... fugiu a palavra agora. Queria entender...

M.: Curioso?

Júlio: Não sei o que quer dizer essas palavras assim junto.

M.: Você já tentou ler?

Júlio: Já tentei.

M.: E não conseguiu?

Júlio: Tem algumas que sim, outras que não fazem sentido. Não tem uma sequência. Talvez juntando as palavras, com o tempo, parece um quebra-cabeça.

M.: É, realmente, precisa de um tempo para decifrar. Um trabalho desse de decifrar.

M.: Quer dizer alguma coisa...

Júlio: Com certeza.

M.: Você sabe o que quer dizer?

Júlio: Eu sei. risos...

M.: Então, já vou te passar algumas informações, tá... E você, deixa só eu te perguntar alguma coisa... Se você tiver tempo, disponibilidade a gente pode fazer um trabalho bem completo, para conversar bastante, se você tiver menos tempo, faço rapidinho, e você vai embora...

M.: Qual dessas opções?

Júlio: Rapidinho. Tenho que ir embora.

M.: Tem que ir embora. Legal.!

M.: Essas pessoas, quem seriam, quem são?

Júlio: Profissionalmente?...

M.: Não, não...onde o artista pegou essas imagens?

Júlio: Acho que é gente comum, gente na rua, podia ser eu aí. Podia. podia ser eu, ele, qualquer um...

M.: Essas imagens são de usuários do metrô, pessoas que usam o metrô. O artista convidou, pegou, tirou as fotos e trabalhou em cima. Ampliou as fotos e colocou aqui.

O nome dessa obra é estação Sumaré. o nome da obra, que ele deu, né.

Júlio: Não só da estação?

M.: Não só da estação. O nome da obra.

M.: As letrinhas que deixam você curioso, não só você, mas muita gente, precisa de um certo tempo para decifrar... A gente consegue decifrar, tem sentido, elas formam frases completas...

Júlio: Tá escrito o que as pessoas ditaram para ele?

M.: Olha, o que está escrito, ele pegou textos de MPB e de poesias. Então é isso, todas ... Agora, se tem relação direta com o que alguma pessoa falou p ele, não sei... Algumas são mais fáceis de ler, algumas mais difíceis, aí você vai percebendo... eu, como tenho vindo várias vezes aqui, estou conseguindo ler quase todas... Então você consegue identificar...

Agora, por que será, qual a intenção dele, colocar rostos de pessoas comuns, usuários do metrô e por cima essas poesias, assim de uma foram mais difícil da gente ler, por que será?

Júlio: Acho que para atrair a atenção das pessoas. Realmente fisgar o olho da pessoa, para que a pessoa pare e olhe, para fazer a pessoa pensar...



M.: Você acha que se estivesse com o texto assim certinho, fácil de identificar...

Júlio: Acho que seria muito mais interessante. As pessoas olhariam e ...

M.: Seria menos interessante?

Júlio: Acho que sim. Chamaria menos a atenção. As pessoas olhariam e eu acho que chamaria menos a atenção...

M.: Que a pessoa leria rapidinho e iria embora...

Júlio: ...Dá uma olhadinha e não olha mais. A pessoa passa no metrô e não sabe o que está escrito. Olha isso aqui e só pára se tem vontade de saber o que está escrito. Chama a atenção, chama.

M.: Certo, então é isso, você passa de vez em quando aqui, você já tem algumas informações sobre a obra. você gostaria de perguntar alguma coisa ? Que eu souber responder?

Júlio: A respeito dessa cara, por exemplo.

M.: ///Então vamos ver...essa daqui é uma que eu não sei ler, vamos ver... Deus, você olha o espaçamento, olha.... Deus, onde está... quem não responde... Onde está que não responde? Eu já ouvi isso em algum lugar, eu não sei dizer exatamente de onde, mas é alguma coisa de poético, agora, tem uma intenção dele... ãh, no ele colocar um rosto comum, assim, quer dizer, leva tempo, como se você andasse na rua e tantas pessoas comuns passam e ninguém nem vê. Agora, se você se dedicar a parar, ver, dedicar um tempo àquela pessoa, você vai descobrir muita coisa dela, né, então, pode ser uma das leituras da obra. Tem alguns que estão bem mais fáceis, tem vários, vários textos bem interessantes

Júlio: Quem é o artista?

M.: O artista se chama Alex Flemming, é um artista brasileiro...

Júlio: Já ouvi falar dele.

M.: Já ouviu falar? É aquele ali, olha. é, é aquele de gravata. Ele colocou a foto dele junto. Você percebe que até a foto dele é um pouquinho diferente dos outros, né?

Júlio: É, realmente, ficou um pouco diferente.

M.: É, ficou diferente, porque é uma foto que ele já tinha. Todas as outras ele fotografou, então você vê que saiu do padrão. ///// Ele é um artista de grande preocupação social, todas, todas não sei dizer, mas muitas obras dele têm essa preocupação; o homem em relação à sociedade, o homem em relação à metrópole, o homem em relação ao outro. Sabe, várias obras dele têm esse enfoque e a gente percebe muito isso.

Júlio: Legal.

M.: Gostou?

Júlio: Gostei. É bem interessante.

M.: É legal.

Júlio: Quando eu puder, na próxima eu paro //// presto mais atenção.

M.: Legal. Você vai decifrar várias coisas, coisas bem legais e você vai ver porque esse texto com essa pessoa, é legal pensar isso.

M.: Júlio, qual sua idade?

Júlio: 21 anos.

Júlio: Fotógrafo.

M.: Fotógrafo? Legal! Fotógrafo de quê?

Júlio: Trabalho no Valor Econômico, um jornal.

M.: Que legal! Muitas pessoas já falaram que isso tem a ver com fotojornalismo.

Júlio: É evidente.

M.: Foto de jornal, a coisa do cotidiano...

Júlio: Metrô...

M.: É, eu acho que muitas pessoas... Eu adoro foto. Já fiz alguma coisa, mas não segui a profissão.

M.: Sua escolaridade?

Júlio: Tenho 2º grau completo e estou na faculdade.



M.: Faculdade pública ou particular?

Júlio: Particular.

M.: Que curso?

Júlio: Comunicação social /////

M.: Você se incomoda se eu entrar com você...

Júlio: Vamos!

M.: Só para não perder o finalzinho....

M.: Já cursou arte alguma vez?

Júlio: Ah, fiz alguns cursos, mas ... de fotografia, né? Cheguei a fazer curso de multimídia, que tem aula de desenho, mas não era muito meu forte /////

M.: Não é o seu forte...

Júlio: Eu aprendi tudo meio sozinho, meio autodidata, com o trabalho mesmo.

M.: Há quanto tempo?

Júlio: Há uns nove meses.

M.: Que legal. Você já está um bom profissional.../////

M.: Você já foi a alguma exposição de arte?

Várias.

M.: Quais que você se lembra? Você se lembra das últimas , ou daquela que te marcou?

Júlio: A que fui ontem, no MASP ///// Agora não lembro... mas já fui em algumas...

M.: E você poderia me dizer artistas plásticos que você gosta?

Júlio: Eu não conheço muito trabalho...

M.: De algum que você se lembre...

Júlio: Me pegou...Vick Muniz, é recente o que ele faz... sei lá, é bem diferente... De cabeça... é o que eu lembro mais, acho interessante...

M.: Você já foi na exposição do Vick Muniz?

Júlio: Sim.

M.: Legal. É um artista brasileiro, contemporâneo, é bem interessante.

Júlio: Algumas coisas malucas.

M.: Ele usa algumas referências de obras consagradas na história da arte, mas ele trabalha de uma outra maneira. Muito interessante o trabalho dele.

M.: Você gostaria de me perguntar alguma coisa, se eu puder ajudar, sobre a obra.../////

Entrevista 6/ L-C/ 36 anos

Entrevistado: Marcos

Data: 10/02/2002

Mediadora: Estou com o Marcos e agora são 19:15. Marcos eu queria perguntar para você...Você costuma sempre passar por aqui nesta estação?

Marcos: Olha eu costuma passar aqui por algumas vezes, não com muito frequência, entretanto pelo menos uma ou duas vezes por mês, eu pego, mas pego do que desço aqui o metrô em direção à Estação Brigadeiro, na Avenida Paulista.

M.: Você saberia me dizer o que é isso? Essas imagens que a gente vê?

Marcos: Olha eu nunca li nada a respeito, entretanto desde a primeira vez que eu peguei o trem ou desembarquei nesta estação as imagens me chamaram a atenção e eu gostei muito. A mim pessoalmente me pareceu que eles estivessem querendo retratar as diversas pessoas, ou os diferentes tipos de pessoa que se utilizam do metrô. Então tem desde jovem, assim parece que tem estudante, jovens, diferentes classes sociais, raças, é até executivo, enfim querendo retratar todas as pessoas que fazem uso do metrô e a importância de um transporte público como o metrô numa cidade grande como São Paulo.

M.: O que mais te chama a atenção quando você olha?

Marcos: Olha o que mais me chamou a atenção, primeiro as figuras ou as fotografias, ou as reproduções são em tamanho quase que natural, entretanto elas destacam o busto, pegando mais ou menos do peito, do tronco até a cabeça, são figuras bem grandes, tá bem



nítido, e são preto e branco, não é colorido. Então basicamente foi isso que me chamou a atenção: o fato do tamanho do retrato da figura, e o fato de ser preto e branco e as fotografias e serem coloridas as letras que parece que passam por cima das figuras algumas são coloridas, mas pelo menos para mim, as cores, que mais chama a atenção o que mais se destacam são o preto e o branco (hum, hum, certo!).

M.: Você falou a respeito do texto, né? Você chegou a ler o texto?

Marcos: Não, nunca, eu nunca cheguei a ler o texto. A única coisa que também me chamou a atenção era que se eram figuras distintas se não havia repetição. E eu repararei que havia repetição de um lado para o outro, parece que eles repetiram as fisionomias as fotografias. Eu não sei se propositadamente ou não. Até cheguei a pensar, bom será que se eles queriam mostrar a fidelidade do tipo de público que utiliza esse transporte, querendo dar a entender olha, veja como é bom esse transporte, quem faz uso dele fica um habitue, repete, que é um transporte bom, limpo, eficiente, barato, ideal para uma cidade como São Paulo.

M.: Certo. Agora eu vou pedir para você escolher uma dessas imagens, dessas figuras para gente ver/observar mais de perto. Pode ser essa daqui que estamos perto, pode ser está?

Marcos: Pode.

M.: Bom então vamos olhar mais de perto. A respeito do texto, você acha que é possível ler?

Marcos: Olha, ler é possível. Agora entender, já não é... pelo menos algumas frases é possível entender, mas é lógico que como tudo tá cortado, fracionado, não dá para ir até o final, pelo menos eu não to conseguindo, olha: "...tu não verás Marília...." Não, não dá, é difícil, tudo tá meio fracionado, cortado, não tem uma frase assim....me parece que algumas frases faltam letras, eu não sei também se, tá querendo é... dar entender, olha que em algumas eles tiraram, olha "grande aqui" "o grande" parece que eles tiraram propositadamente ou não algumas letras, não sei se proposital ou chamar a atenção, né. Ou também até com eu falei, é, quem desce no metrô ninguém fica muito tempo numa estação de metrô, a não ser que tenha um motivo para ficar, se tiver uma loja, um museu tudo bem. Mas se for basicamente uma estação a tendência é você descer e sair. Não sei também se eles querem retratar isso. Do que se passa no metrô se passa muito rápido. Até o texto todo, não tem uma sequência, não dá para você ler muito.

M.: Quando você fala, que o texto não tem uma sequência, que ele, o artista colocou dessa forma, qual você acha que foi a intenção dele? Uma possível intenção?

Marcos: Olha eu, particularmente, tenho uma mania, eu gosto de ler as coisas, eu normalmente quando vou a museus e vejo uma obra de arte, eu chego perto para ler, para ver se tem uma explicação principalmente naquelas que eu não entendo, não sei dizer o que a obra de arte está querendo expressar, então eu me aproximo e tento ler. Aqui é impossível, se eu tentasse me aproximar aqui para tentar perceber o que especificamente essa figura dessa moça está querendo me dizer, para mim é impossível, eu não consigo ler a frase e dizer isso tá querendo dizer aquilo. Então eu não sei se, eu acredito que não seja, se ele tivesse tido a intenção de colocar em cada figura um texto específico no sentido de querer demonstrar, para essa pessoal quer dizer isso, para mim ele teria falhado nessa, digamos missão, porque o texto não permite isso, pelo menos para mim eu não consigo, é... visualizar uma sequência um texto inteligível, um texto que você leia e diga não é isso. Olha até estou lendo aqui: "tu não verás Marília" até pensei em Marília de Dirceu que é conhecida, mas pelo visto, eu acho que não consigo dizer qual é a razão, a não ser essa que eu mencionei anteriormente, que as palavras, os textos parece que foi feito as pressas, né, então diversas coisas estão faltando, não somente letras como palavras, não há um sequência lógica, até para demonstrar que como eu falei, quem vem a uma estação de metrô, a não ser que tenha um motivo, geralmente a pessoa chega na estação pega o trem e vice-versa, embarcar e sair da estação, não é um lugar onde as pessoas fiquem muito tempo, a não ser que haja loja, um museu ou alguma outra coisa. Mas caso contrário não, as pessoas se utilizam do metrô das estação, pegam o trem e vão embora.

M.: Certo, é sobre essa Obra. Como você acha que o artista fez, como ele buscou essas imagens?

Marcos: Olha, não sei se revista, então por isso que eu falei, a mim me parece que são não sei se fotografia que foram ampliadas (Que tipo de foto?) e fizeram essa colagem. Eu não sou um expert em fotografia (risos...não o que te lembra, esse tipo de foto. Com essas poses?) Olha sabe o que parece pela expressão, parece que todos estão esperando o trem, porque as pessoas, a maior parte delas, aparenta uma fisionomia até calma, como se estivessem justamente olhando para aguardo o trem. Pelo menos para mim é o que retrata, porque você não vê ninguém assim com a aparência que esteja, digamos correndo ou fazendo uma outra atividade, não, parece que estão tranqüilas e esperando o trem.

M.: Te lembra alguma coisa?

Marcos: Como assim?

M.: Não, porque às vezes você pode se lembrar de outras coisas que parecem não ter muito a ver, mas vem outras imagens, né, outras idéias. Você se lembra de alguma coisa? O que, que te lembra quando você olha?

Marcos: Não, assim olhando para cada uma delas individualmente, não me lembram nada (E no geral, olhando para elas?) o que eu acho interessante é o tamanho delas, quase natural, não é? Mas com destaque nos ombros e na cabeça. E o fato da cor utilizada preto e branco e retratar diversas pessoas dentro da sociedade, você tem diversas raças diversos tipos de trajes ///// e isso desde a primeira vez me chamou a atenção, porque é um grupo até que grande de pessoas, que até tratado de o que é o metrô. Um transporte eminentemente público a ser utilizado por uma gama imensa da população, por qualquer tipo da população, do mais alto executivo até uma pessoa que desempenha uma função não tão especializada, todos podem fazer uso do metrô, é um transporte de massa, eminentemente de massa, as pessoas e o autor ////, de uma qualidade muito grande. Desde o início me chamou atenção esse tipo de obra de arte, e particularmente eu acho de extremo bom gosto, eu não sei quanto custou, mas eu acredito que não tenha sido muito cara, entretanto eu acho que ela muito bem retrata, eu aprecio uma obra de arte, que não só vista por si só, como se enquadre dentro de um contexto, eu acho que essa obra de arte, bem específica, ela se enquadra dentro dessa estação de metrô, ainda mais porque é um metrô modero ////, a obra ela aberta, desde o início ela chamou a intenção, então quem pensou sabia que ela seria vista por muitas pessoas, não só pelo fato de estar dentro de uma estação de metrô, por ter um grande fluxo de pessoas, mas também porque é uma estação de metrô que desde o início chamou a atenção, ela passa em baixo de um viaduto, ela é aberta, toda envidraçada, então eu acho que quem fez isso já sabia que também seria visitada pelo fato de ser uma obra de arte, mas ainda porque ela é vista da Avenida Sumaré. Então chama a atenção, porque não há quem não passe na avenida e não olhe para cá. Porque também, estou até pensando nisso, que o tamanho das figuras humanas tenha sido aumentado para chamar a atenção de fora para dentro, então as pessoas que olharem, quem vai olhar e não souber que é uma estação de metrô pode até olhar e ir atrás, não, o que é aquilo, não, é uma estação de metrô, vai até chamar atenção para um transporte público. Eu acho isso extremamente interessante. Uma obra de arte bonita, ela não só desempenha uma função dentro da própria estação, não há com negar que você desce num espaço público e deparar com um obra de arte, não há como negar isso, e além de tudo ela agrada quem está dentro da estação e chama a atenção de quem está de fora da estação de metrô, então pode até ressaltar mais a importância desse tipo de transporte público.

M.: Eu vou dar algumas informações para você... Você sabe o nome dessa obra?

Marcos: Não, não sei.

M.: Estação Sumaré, é o nome da obra, feita por um artista brasileiro chamado Alex Flemming, ele tem 48 anos, é paulistano e atualmente mora em Berlim. Ele é um artista com preocupação social muito grande, em várias obras dele aparece.

Marcos: Agora que você me falou, eu outro dia li no Caderno 2 do Estado de São Paulo, sobre ele, primeiro pelo nome, Alex Flemming, foi o descobridor da penicilina, durante a Segunda Guerra Mundial, então isso já me chamou a atenção ao nome, inicialmente por causa disso. Depois eu vi que ele trabalha, pelo menos essa exposição que ele trouxe para São Paulo, chamava Corpo Humano, eu achei super bonita, porque ele fazia umas



montagens com o corpo humano, não era só o corpo humano, lógico, não eram corpos, digamos assim bonitos, é de frente, que pelo menos no Caderno 2 trazia algumas fotografias das obras de arte, que me pareciam que, não eram fisiculturistas, mas que faziam esportes, então são corpos todos trabalhados, então ele procurou colocar as peças de roupas que ele colocava queriam dizer alguma coisa muito conflituosa. Corpos quase que inteiros e nem todos tinham letras por cima como esses, e eu consegui ler as frases inteiras (deu para ler, estava mais legível) não, tinham todas as letras e palavras.

M.: Ótimo, você tem uma ótima memória. Essa exposição foi muito bonita do Alex Flemming, a obra dele de anos para cá tem essa preocupação social mesmo com o homem, a sociedade, hora em relação com a sociedade, hora em relação com o mundo...Quando você falou, que são pessoas que poderiam estar o metrô, é exatamente isso, ele pegou fotos dos usuários do metrô, ele convidou pessoas que estavam aqui e ele fotografou, para você que segue um padrão, com exceção dessa foto que ela foge do padrão, você consegue ver que ela está mais em close tá diferente, esse é o Alex...

Marcos: Ah! É....

M.: É, então ele colocou a foto dele também, ele é um dos paulistanos retratados, um dos paulistanos retratados. Enquanto as letras das frases, quando você teve //// de Marília de Dirceu sim, ele colocou textos de poesias, letras de MPB, então tem poesias muito antigas, tem coisas mais novas, ali é aquele lance de você chegar e dedicar um tempo para decifrar.

Marcos: É eu sempre gostei muito de literatura, e estudei no Colégio Rio Branco, nem sei se pode falar isso, (claro) e eu era obrigado a ler um livro por semana, eu sei que parece exagero, mas eu tinha que ler, tanto de autores nacionais quanto portugueses. Então eu me fartei com essa literatura, e isso me ajudou, me ajudou muito mesmo, e hoje eu ainda gosto muito de ler, tanto no conhecimento do português e no estudo de qualquer outra língua, o inglês, eu acho que sei bem o português, pelo menos sabia, o fato de eu ter sido obrigado a ter criado esse gosto pela leitura só me deu lucros e muito grandes.

M.: Com certeza, assim como a literatura a arte, né... Então a próxima vez que você vier, você tem um prato cheio de tempo para decifrar. Agora a gente se pergunta, qual a intenção, se são poesias, essa daqui é Marília de Dirceu, porque que ele não colocou o texto logo de uma vez, escrito normalmente?

Marcos: Olha, talvez porque se ele coloca o texto com todas as indicações as pessoas olham e dizem: "Ah! Marília de Dirceu!" ainda que ela tem curiosidade para ver o que está escrito ele pensa, depois eu vejo em casa, ou em algum outro lugar e leio Marília de Dirceu. Então digamos, é uma faca de dois gumes, porque quando você não conhece e chega perto querendo decifrar o texto para ler, ou então você pega e vai embora, por exemplo não que eu nunca tivesse tentado ler, mas como eu vi que estava difícil de entender, e por ser uma estação de metrô, nesse estado que a gente anda, você tem medo de ficar parado muito tempo, então eu tentei ler, não vi e fui embora. Talvez se tivesse um texto de mais fácil entendimento, eu teria lido, né, ou então "Ah! É isso!" se eu ficasse curioso tentaria ir procurar em outro lugar, né, porque eu acho que pelo menos para mim num estação de metrô e no momento específico que a gente vive na cidade de São Paulo, você não vai ter muito tempo para ficar decifrando é, um texto, primeiro porque está num lugar público e você tem receio de ficar num lugar público, e outra pela falta de tempo, como eu lhe falei a tendência é a pessoa chegar, né, esperar o trem e embarcar ou vice-versa, desembarcar do trem e ir embora. Mas eu acho que agora, que eu sei de quem é, vou fazer um elogio particular, eu achei, com exceção do texto – eu não tenho nada contra o texto – mas eu achei uma obra de muito bom gosto e que muito bem se adequou ao espaço com o metrô.

M.: Ah! Sim, ela é uma obra que foi encomendada para essa estação. Então ela está dialogando bem com o espaço.

Marcos: Ah! É como eu falei, ela visível tanto de fora – ela agrada tanto os que estão fora, como os que estão dentro, e ela vai ressaltar a importância de um transporte público como metrô.

M.: Isso, ela ressalta a importância do transporte público e também, se a gente pensar é uma interpretação possível, eu não li a impressão que o Alex dá sobre isso.



Ah! Então eu não sei a interpretação exata que ele deu, eu tenho a minha você tem a sua, agora outras pessoas tem outras, agora tem pontos em comum, até por ser algumas imagens muito fortes assim, que levam as pessoas a terem alguns conceitos semelhantes. Mas quando a gente pensa, nisso que você falou de ficar parado olhando, que é tudo muito corrido, e quando você vê uma imagem de uma pessoa do cotidiano, uma pessoa comum, que você precisa parar um certo tempo para poder entender, para poder entender o que isso se relaciona com aquela pessoa ///// de certa forma...

Marcos: Posso falar algo (fala, fala) nossa, agora você falando eu acho mais genial ainda a obra dele, é ninguém pode prescindir do contato humano, desse relacionamento, ainda mais numa cidade como São Paulo, isso está se perdendo com uma velocidade incrível, se essa é a intenção do artista, é ainda muito mais genial, o contato humano, não é só o contato humano, ninguém vive sozinho. O fato de você ter que parar conversar com as pessoas, não digo só em termos de ajuda a outras pessoas, mas em termos de crescimento individual de cada um; quem não aprende conversando com o outro? É fundamental isso, e a gente está perdendo isso, embora se digam que o brasileiro é um povo caloroso, humano, aberto, é! Entretanto, pelo aspecto da violência da correria até numa cidade como São Paulo, até com o povo brasileiro isso está se perdendo, sem dúvida nenhuma, e se essa foi a intenção do artista mais genial ainda. Ele quis retratar a importância de se deixar para trás essa correria, esse stress, dessa vida toda e perceber antes que seja tarde a necessidade desse contato com o outro, não é nem de perder é de ganhar tempo com o ser humano, é mais genial ainda.

M.: É aí eu não posso te dizer que essa seja a intenção dele exatamente, eu acredito, é interpretação minha, é uma das coisas que eu vejo nessa obra. Para mim é um resumo seria assim: "É preciso você dedicar certo tempo para você descobrir a poesia que existe dentro do outro." Porque você passa rápido você não conheceu a pessoa, e é sempre assim. Essa já é uma interpretação minha, eu não li, mas eu acredito que haja sentindo, mas a obra do artista sempre tem uma intenção é claro, mas sempre tem alguma coisa que vai transcender, que vai escapar da intenção dele. Sabe você pode ter dito coisas aqui que não eram a intenção dele e ele dizer "Nossa despertou isso na pessoa!" Sabe, então não tem um conceito certo único e fechado. Eu gostei muito da interpretação que você deu. Você quer me fazer alguma pergunta alguma coisa se eu souber responder.

Marcos: Eu gostaria de agradecer a oportunidade, foi a primeira vez que eu fui chamado para falar sobre uma obra de arte pública, e fico contente que isso tenha sido acontecido no Brasil.

M.: Marcos, se eu pedisse para você assim, uma palavra sobre essa obra, o que você diria?

Marcos: Numa palavra? Pode ser numa frase? Bom não vai ser numa palavra, vai ser: ser humano.

M.: E uma mensagem para o artista, você gostaria de mandar uma mensagem?

Marcos: Olha eu não o conheço, só o conheci através da reportagem do Estado de São Paulo, não sabia sequer se essa obra era de sua autoria entretanto, se eu pudesse de alguma impressão minha sobre a obra eu diria, que além do aspecto de genialidade eu diria, gostaria de agradecer, eu não em que termos foi essa obra pública, se ele recebeu ou não sobre isso, e pelo fato dele morar em Berlim e até estar disposto a fazer uma obra no Brasil, eu fico super lisonjeado e orgulhoso em saber que tem um brasileiro e que ele está brilhando lá em Berlim, pelo o que eu li da reportagem do Estado de São Paulo, e vir para cá fazer uma obra que não vai ficar num museu ou numa galeria de arte, é uma obra pública, para mim por exemplo que não sou artista, que em termos de acesso é muito mais importante, tenho certeza que essa obra é muito mais vista do que se ela tivesse dentro de um museu, ainda mais no Brasil, que o povo não tem nem a possibilidade de ir ao um museu, por não ter tido a oportunidade de estudar e adquirido gosto por esse tipo de cultura, e até porque não tem condições financeiras para isso. Então ele fazendo essa obra num espaço como uma estação de metrô, ele colocou isso à disposição de muito mais gente. Então se eu pudesse dizer a ele, e acredito que muita gente já disse isso para ele da genialidade, do bom gosto do grande artista que ele deve ser, mas também de um artista



que sem dúvida nenhuma pela obra que estou vendo, tem preocupação social, o que eu acho fundamental.

M.: Qual a experiência de uma leitura de obra compartilhada?

Marcos: ///// olha eu gostei demais, se for uma leitura com alguém que entenda eu gosto muito. Eu não sou um expert. Eu gosto de arte, eu não sou um conhecedor, o que eu conheço é de visitas a museus e a galerias, e de livros e revistas. //// Se for compartilhado no sentido de alguém esteja tentando decifrar o que aquela obra de arte quer dizer, eu vou achar ótimo. Eu vou apreciar muito, mas mesmo que seja com alguém que eu não entenda, mas é claro que duas ou três cabeças pensando a gente vai chegar um resultado, uma conclusão e ela vai dizer o que acha e aí eu vou dizer que tenho outra idéia (sim, sim ótimo, certo) eu acho excelente, e é melhor que seja compartilhado do que seja só. Porque vai que eu tenha alguma coisa interessante, de importante a dizer só eu não vou conseguir transmitir isso, compartilhado até eu vou ter como transmitir isso.

M.: Agora quando tem alguém fazendo esse trabalho igual eu fiz, a minha intenção não é só de jogar a informação, a minha intenção é uma metodologia que a gente coloca e faz o percurso que faz a pessoa olhar mais e faz a pessoa buscar dentro dela o significado, porque é muito simplista, se eu chegasse aqui e disse-se: "olha é uma obra do Alex Flemming, ele pensou isso, pensou aquilo, e que são pessoas do metrô". Você não construiu, mas você criou relações agora, é apenas uma ajuda, porque na verdade quem constrói é a própria pessoa, essa interpretação. Tem muitos museus que tem começado com esse trabalho de mediação. Não é o sentido de uma palestra, é o sentido mesmo de uma troca mesmo, para ir puxando o significado que a pessoa crie dentro dela.

Marcos: É, por mais que não seja dirigido (é dirigido, mas não...) não, primeiro que você vai fazer a pessoa raciocinar, pensar isso já é importante, já acho e se for com criança e adolescente isso é incrível. E outra coisa, eu já visitei muitos museus aqui Brasil eu particularmente eu nunca vi este tipo de abordagem, acho isso incrível.

M.: É uma abordagem mais recente, né. Até anos atrás tínhamos o tipo de monitoria tipo papagaio, que a pessoa ficava falando da obra, dando os detalhes e pronto. Não é uma abordagem mais recente, na Parade, mesmo era esse tipo de abordagem na Bienal será esse tipo de abordagem. É um estudo mais recente, novo no Brasil, mas bem interessante...Eu queria perguntar para você o que você tem vontade de fazer agora?

Marcos: Olha, eu estava trabalhando na minha dissertação de mestrado (risos). Ah! Provavelmente eu vá voltar para casa e tomar lanche, não tenho nada de especial para fazer.

M.: O que você vai contar para as pessoas da experiência que você teve aqui?

Marcos: Ah! Eu vou comentar que eu gostei bastante! Primeiro, que agora eu sei quem é o autor da obra, sei que é brasileiro, na verdade eu percebi que o pouco que eu o pouco que eu consegui aprender de decifrar a obra não tá tão distante do que o artista quis retratar (se não tivesse não teria problema ...risos) mas eu fico até feliz, pois com eu falei ele parece um cara bastante inteligente, pelo menos eu consegui chegar perto do raciocínio que ele teve de quando ele montou a obra. Então para mim isso é bastante importante. Como eu mencionei, toda a obra que eu vejo, que eu não entendo eu me aproximo e tento verificar se tem alguma explicação para que eu consiga entender o que aquilo quer dizer. Porque eu assim, eu não me satisfaço muitas vezes, na maior parte das vezes da impressão que eu tenho da obra, eu sempre gosto de saber o que o artista quis dizer quando fez a obra.

M.: Certo, é lógico, você tendo mais dados seu repertório enriquecesse, mas não desconsidere sua impressão é muito importante o impacto a primeira impressão que você tem, por exemplo você pode olhar uma obra e dizer: "nossa isso me lembra uma coisa muito diferente" e isso é muito legal, tá, é muito interessante, tá.

Marcos: Eu acredito que o artista ele joga a obra, ele lança a obra no universo, e quanto mais opiniões diversas que surgirem sobre a obra, o artista fica muito mais interessante porque deve enriquecer a obra, fica muito mais satisfeito. Ele pensa, a idéia não era essa, mas se acabou lançado e dando margem a todas essas impressões melhor ainda.

M.: Agora vou pegar seus dados:

M.: Idade?



Marcos: 36 anos

M.: Nasceu onde?

Marcos: São Paulo

M.: E os pais?

Marcos: São Paulo.

M.: Mora com quem?

Marcos: Com os meus pais.

M.: Profissão?

Marcos: Juiz de Direito.

M.: Profissão dos Pais?

Marcos: Pai: Advogado e Mãe: foi bibliotecária, hoje é do lar

M.: Escolaridade?

Marcos: Superior Completo

M.: Pública ou Particular?

Marcos: Estudei no Colégio Rio Branco. Depois freqüentei a Universidade de São Paulo

M.: Que tipo de artistas que você gosta...

Marcos: Olha, nacionais (brasileiros, eu percebi que você tem um repertório legal, que você conhece)... conheço, eu especificar pintura, que tipo de coisa (o que você quiser). Artes Plásticas: Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Volpi, olha tem até alguns pintores, tinha um retratista muito bom, na verdade eu estou falando, não sei se ele era português ou francês mais ele viveu muito tempo no Brasil, e foi quem primeiro retratou a fauna e flora brasileira (Frans Post?) não sei, não tenho certeza, mas eu gosto muito. Mas os pintores que me chamam mais atenção seriam esses. Arquitetura eu gosto muito de Ramos de Azevedo, em especial porque eu estudei na Universidade do Largo de São Francisco e acho belíssimo o prédio, mas ele também foi autor de outros projetos arquitetônicos, Teatro Municipal, e eu gosto muito desse tipo de arquitetura. Na Música gosto muito de MPB, mas MPB como Chico Buarque, porque eu gosto de ouvir uma letra e gosto de prestar atenção numa letra, não só ficar preso ao ritmo (a melodia) é, eu gosto de ver o sentido das frases das letras, então eu acho assim como esses da Bossa Nova eram geniais como Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Chico Buarque, Ah! E mesmo Gilberto Gil e Caetano Veloso eu acho que, é, não sei são letras que além de casarem muito bem com as melodias, são letras que eram /////. Bom cantora, eu acho que Elis Regina é imbatível (é imbatível).

M.: Artistas plásticos brasileiros vivos, você conhece algum?

Marcos: Olha (fora o Alex...risos) conheço sim, na verdade eu não consigo associar o artista a obra, mas se eu tivesse que citar um, é... o Manabu Mabe, ainda está vivo? (não ele faleceu recentemente) Tá, o que eu conheço, //// quando você vai ao MASP, Museu de Artes Modernas, o Museu lá da USP, ou mesmo a Pinacoteca, são sempre esses artistas que eu tenho o maior hábito de ver, eu poderia até chutar, mas eu não saberia relacionar um artista a uma obra de arte que eu tenho visto de um artista plástico brasileiro

M.: Você já foi a alguma exposição?

Marcos: Sim várias. Aquela dos 500 anos...

M.: Então eu já vou te perguntar, qual a exposição que mais te marcou?

Marcos: Aqui no Brasil ou fora? (aqui ou fora, mas você se lembrou de imediato dessa) Essa é fantástica, em especial aquela em que estava retratada o Barroco Brasileiro, eu adoro Aleijadinho, e assim eu gosto muito de viajar, e também hoje eu acho que eu já tenho condições de apreciar mais esse tipo de arte. Eu fui a Portugal e achei tudo maravilhoso, essa arte barroca muita maravilhosa e eu vi o quão genial foi Aleijadinho, não só pelo defeito físico, mas ele com muito menos condições de aprendizado. Eu tenho certeza que ele teve muito menos chances e que o acesso dele a esses estudos foi muito menor e ele fez uma obra maravilhosa, (é a obra dele....) eu aprendi a olhar a feição das esculturas, os movimentos da mão, do corpo. Então você olha o retrato que ele faz da fisionomia humana é incrível (que é bem característico dele, os olhos, o nariz, é bem característico dele) é fantástico.

M.: Tá certo Marcos, muito obrigado pela participação.

